

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA, ENSINO E
NARRATIVAS

ÁUREA DE FÁTIMA LOPES SILVA

IDENTIDADES NÔMADES: história oral e migração no Maranhão
contemporâneo

SÃO LUÍS – MA

2016

ÁUREA DE FÁTIMA LOPES SILVA

IDENTIDADES NÔMADES: história oral e migração no Maranhão contemporâneo

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, Ensino e Narrativas, da Universidade Estadual do Maranhão para a obtenção do título de mestre em História.

Aprovada em: _____ / _____ / _____

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dr^ª. Ana Livia Bomfim (Orientadora)

Universidade Estadual do Maranhão - UEMA

Prof^ª. Dr^ª. Isabel Ibarra Cabrera (Membro Externo)

Universidade Federal do Maranhão – UFMA

Prof^ª. Dr^ª. Tatiana Raquel Reis Silva (Membro Interno)

Universidade Estadual do Maranhão – UEMA

Ao meu marido, meus filhos, a
minha família, aos meus amigos e
a todos que diretamente e
indiretamente contribuíram para a
efetivação desta conquista.

AGRADECIMENTOS

Em 2006, quando passei no vestibular para o curso de filosofia, acreditei que estivesse alcançando o mais difícil sonho e que esse fosse o último degrau que poderia subir. Após formada, trabalhando como professora percebi que podia mais, ir mais além. Percebi também, que não seria fácil para uma mulher, casada, mãe de família, dona de casa, professora dedicar-se ao estudo como um mestrado que exige dedicação e tempo para estudar, difícil, muito difícil. Quantas reclamações, choros, vontade de desistir. Mas consegui! Gostaria de agradecer a algumas pessoas que me ajudaram nessa tarefa árdua.

Primeiramente ao meu marido Inácio, meu grande incentivador; aos meus filhos, Eduardo, historiador mestre que colaborou nas discussões teóricas; Danilo, que muito colaborou na revisão do texto; a minha filha Dayane, pela paciência nos dias mais estressantes, agradeço pelo carinho, pela paciência, pelo apoio nessa grande conquista. Sem vocês nada seria possível.

Agradeço também a minha grande família, aos meus pais; Benedito e Maria Raimunda que sempre torceram por mim, que muito me incentivaram a voltar a estudar. Aos meus irmãos, aos meus sobrinhos, especialmente Marcelle que me apoiou muito na decisão de fazer mestrado e Thiago que deu uma grande contribuição.

A professora Ana Livia Bomfim, minha orientadora que me auxiliou nessa difícil caminhada, construindo um ambiente de liberdade onde é possível debater e fazer florescer o conhecimento.

Aos professores que se dispuseram em compor a banca, professora Tatiana Raquel e a professora Isabel Ibarra que prontamente aceitaram o convite.

Quero agradecer também aos amigos que colaboraram muito na construção desta pesquisa, Geovanilde Diniz que me apresentou para AFAC, num momento que nem sabia por onde começar. A AFAC que me recebeu de braços abertos, aos membros, especialmente o professor Trovão, ao presidente Sr. Paulo Avelar, a Amélia, Núbia, Mari Heler que aceitaram ser entrevistados, narrando suas memórias de migrantes.

Ao instituto Negro Cosme, Joilton Pereira, Terezinha Domingas, Euzinete, Jose Luís e Julho Rocha que prontamente aceitaram falar da instituição e do Encontro de Carros de boi em Cururupu.

Quero agradecer ainda, a minha grande amiga e irmã Daniela pelo apoio nas horas boas e difíceis, aos meus novos amigos do mestrado, companheiros de angustias, Elaine, Marcia, Joana, Wild, Thalisse, Bianca, Larissa, Liana, Thiago, Paulo, Carlos, Germerson, Ricardo e Fábio.

A todos aqueles que diretamente ou indiretamente aceitaram a participar desta pesquisa. Muito Obrigada!

Nos homens, a experiência provém da Memória, posto que a multiplicidade de recordações de um mesmo objeto oferece a possibilidade de completar uma experiência única (Aristóteles).

RESUMO

A migração é um fenômeno que sempre esteve presente no cotidiano das pessoas, porém só a partir da década de 1970 que a mesma chama atenção dos pesquisadores para os problemas que estão imersos nesse fenômeno. Observou-se que essas migrações provocam, na maioria das vezes, inúmeros problemas sociais. Cidades que recebem grande quantidade de migrantes, muitas vezes não estão preparadas para acolher esse volume tão grande de pessoas, cuja cultura, costumes, religião, profissão e demais expectativas nem sempre será suprida pela cidade. A quantidade de emprego, frequentemente, não é suficiente para absorver tanta mão de obra, que, muitas vezes, é desqualificada para as demandas industriais da cidade. Uma vez que toda migração é um processo complexo, com características muito próprias e peculiares, esta pesquisa tem o intuito de realizar uma interpretação relativa à presença de migrantes saídos do município de Cururupu para a cidade de São Luís – MA. Essa pesquisa foi realizada através da Associação dos Filhos e Amigos de Cururupu (AFAC), entidade que foi fundada pelos cururupuenses que residem em São Luís a partir de um evento realizado pela Igreja Católica que comemorava o Jubileu de Ouro da Missão canadense no Brasil. Ao se encontrarem, tiveram a ideia de fundar uma associação que trabalhasse em prol da cidade de Cururupu. Buscou-se compreender como esses migrantes, membros da associação se adaptaram ao novo espaço urbano, bem como a construção da identidade da referida associação e experiências vividas historicamente fundamentadas na realidade local, trabalhando com a diferença e a multiplicidade, tendo ainda a capacidade de apresentar o que há de concreto na dinâmica social e no cotidiano desses migrantes e, ainda compreender os conflitos e as redes de sociabilidades estabelecidas pela AFAC ao se instalarem na cidade de São Luís – Ma. Paralelamente a esse grande fluxo de pessoas, há uma circularidade de cultura, valores, costumes, identidades, memórias e riquezas. Entender como a AFAC, com essa amálgama subjetiva que engendra comportamentos e sociabilidades que se realocam no cenário da cidade juntamente aos motivos pelo quais elas são impelidas a sair de sua terra natal, é a indagação central desta pesquisa.

Palavras-chave: Migração. Memória. Identidade. Cururupu. Associação dos Filhos e Amigos de Cururupu.

RÉSUMÉ

La migration c'est un phénomène que toujours a été au quotidien des personnes, donc seulement à partir des années 1970 que la migration a gagné plus attention des chercheurs aux problèmes que sont immergés dans ce phénomène. On a vu que cette migration ont provoqué, à la majorité des fois, trop des problèmes sociaux. Les villes qui reçoivent de grandes quantités de migrants, beaucoup des fois, ne sont pas préparées pour accueillir ce nombre de personnes, lorsque la culture, les coutumes, la religion, la profession et les autres choses ne seront pas toujours fournies pour la ville. La quantité d'emploi, souvent, ce n'est pas suffisant pour offrir à l'entier du monde que, la majorité des fois, est déqualifiée pour la demande industrielle de la ville. Une fois que toute la migration est un processus complexe, avec des caractéristiques beaucoup propres et originelles, cette recherche a l'objectif de réaliser une interprétation relative à la présence des migrants qui sont sortis de la province de Cururupu à São Luis – MA. Cette recherche a été réalisée à travers de l'Associação dos Filhos e Amigos de Cururupu (AFAC), institut qui a été fondé pour les cururupuenses qui habitent à São Luis à partir d'un événement réalisé pour la Église Catholique, qui commémorait le Jubilé d'Or de la mission canadienne au Brésil. Au moment où ils se sont rencontrés, ont eu l'idée de fonder une association qui travaillait pour la ville de Cururupu. On cherche à comprendre comment les membres de l'association ont s'adaptés à le nouveau espace urbain, ainsi comme la construction de l'identité de la propre association et des expériences qui ont été vécues historiquement fondées dans la réalité locale, en travaillant avec la différence et la multiplicité, obtient encore la capacité de représenter lorsqu'avait de concret dans la dynamique sociale et dans le quotidien de ces migrants, en cherchant à comprendre les conflits et les rôles de sociabilités qui sont confrontés par l'AFAC, au moment où ils s'installent à la ville de São Luis – MA. À la fois à ce grand flux de personnes, il y a une circularité de cultures, valeurs, coutumes, identités, mémoires et des richesses. Entendre comment l'AFAC, avec cette subjectivité qui engendre des habilles et des sociabilités qui se refaisait au scénario de la ville et rencontre avec les motifs auxquels sont obligés à partir de sa ville originelle, c'est la indagation centrale de cette recherche.

Mots – Clé : Migration. Mémoire. Identité. Cururupu. Associação dos Filhos e Amigos de Cururupu.

RESUMÉN

La migración es un fenómeno que siempre estuvo presente en el cotidiano de las personas, sin embargo, solo a partir de la década de 1970 ha llamado la atención de los investigadores para los problemas que están inmersos en ese fenómeno. Se observó que esas migraciones provocan, en la mayoría de los casos, muchos problemas sociales. Ciudades que reciben gran número de inmigrantes, a menudo, no están equipadas para dar cabida a un volumen tan grande de personas, cuya cultura, costumbres, religión, profesión y otras expectativas no siempre serán suministradas por la ciudad. La cantidad de empleo, con frecuencia, no es suficiente para absorber mucha mano de obra, que, muchas veces, es descalificada para las demandas industriales de la ciudad. Teniendo en cuenta que toda migración es un proceso complejo, con sus propias y peculiares características, esta investigación tiene como objetivo llevar a cabo una interpretación sobre la presencia de migrantes salientes del municipio de Cururupu a la ciudad de São Luís - MA. Esta investigación fue realizada por medio de la Asociación de los Hijos y Amigos de Cururupu (AFAC), una organización fundada por cururupuenses que residen en São Luís, a partir de un evento hecho por la Iglesia Católica que celebraba el Jubileo de Oro de la Misión canadiense en Brasil. Cuando se encontraron tuvieron la idea de fundar una asociación para trabajar en apoyo a la ciudad de Cururupu. Se trató de comprender como los migrantes, miembros de la asociación, se han adaptado al nuevo espacio urbano, así como la construcción de la identidad de dicha asociación y experiencias vividas históricamente basadas en la realidad local, trabajando con la diferencia y la multiplicidad, teniendo todavía la capacidad de presentar lo que hay de concreto en la dinámica social y en la vida cotidiana de los migrantes y también entender los conflictos y las redes de sociabilidades establecidos por la AFAC al instalarse en la ciudad de São Luís – MA. Paralelamente a ese gran flujo de personas, hay una circularidad de cultura, valores, costumbres, identidades, recuerdos y riquezas. Comprender como la AFAC, con esta amalgama subjetiva que engendra comportamientos y sociabilidades que se reubican en el paisaje de la ciudad junto con las razones por las que se ven obligados a salir de su tierra natal, es la pregunta central de esta investigación.

Palabras clave: Migración. Memoria. Identidad. Cururupu. Asociación de los Hijos y Amigos de Cururupu.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1- Mapa do Maranhão indicando a localização do Município de Cururupu...	44
FIGURA 2 – Mapa do Arquipélago Maiaú.....	45
FIGURA 3 – Gráfico populacional da cidade de Mirinzal.....	46
FIGURA 4 – Gráfico populacional da cidade de Serrano do Maranhão.....	47
FIGURA 5 – Gráfico populacional da cidade de Apicum-Açú.....	48
FIGURA 6 – Gráfico populacional da cidade de Bacuri.....	49
FIGURA 7 – Gráfico populacional da cidade de Cedral.....	50
FIGURA 8 – Gráfico populacional da cidade de Porto Rico do Maranhão.....	51
FIGURA 9 – Gráfico populacional da cidade de Central do Maranhão.....	52
FIGURA 10 – Gráfico populacional da cidade de Guimarães.....	53
FIGURA 11 – Gráfico populacional da cidade de Cururupu.....	54
FIGURA 12 – Associação de Filhos e Amigos de Cururupu.....	75
FIGURA 13 – Salão Paroquial e Convento das Freiras.....	80
FIGURA 14 – Praça Aquiles Lisboa.....	81
FIGURA 15 – Casarões Antigos.....	81
FIGURA 16 – Praça da Matriz.....	82
FIGURA 17 – Carros de boi.....	85
FIGURA 18 – Carros de boi.....	86
FIGURA 19 – Carros de boi.....	87

SUMÁRIO

1. INTODUÇÃO.....	12
2. MIGRAÇÃO E HISTÓRIA ORAL.....	18
2.1 Associação dos Filhos e Amigos de Cururupu (AFAC).....	23
2.2 A história do tempo presente e a migração.....	30
2.3 Perfis dos migrantes entrevistados.....	37
3. CURURUPU: migração, memória e identidade.....	41
3.1 Caracterização do território.....	44
3.2 Memória e identidade.....	59
4. REPRESENTAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO DE FILHOS E AMIGOS DE CURURUPU.....	70
4.1 Projetos da AFAC para o desenvolvimento de Cururupu.....	89
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	96
Referências.....	99
Apêndices.....	103
Anexos.....	133

INTRODUÇÃO

As inovações trabalhadas na historiografia têm registrado algumas mudanças significativas no que se refere às novas abordagens, aos novos temas e às novas fontes históricas, permitindo novos debates e as experiências individuais e coletivas na construção histórica, além do mais, vêm chamando a atenção dos novos pesquisadores para o uso de fontes orais e dos debates sobre narrativas históricas para desvendar as histórias registradas pela memória.

Por outro lado, observamos que a migração se tornou um tema bastante estudado pela historiografia em geral, desde as últimas décadas do século XX, sobretudo quando relativo às migrações em contextos internacionais, por serem mais complexas e envolverem problemáticas mais profundas ao que se referem às questões políticas, econômicas e culturais, como as que estão acontecendo atualmente na Europa e sendo mostradas para o mundo todo através da mídia. Entretanto, as migrações internas merecem igual atenção e possuem problemas semelhantes, principalmente em relação ao aspecto cultural.

O interesse da historiografia pelo tema da mobilidade humana em seus diferentes aspectos está indo para além do debate de estatísticas e índices e se atendo, de forma bastante interessante, às relações que esses indivíduos migrantes têm com a sociedade de acolhimento, seja ela em âmbito internacional, nacional ou regional. É cada vez mais difícil ignorar a relação entre as pessoas de diferentes origens culturais e essa convivência é, muitas vezes, conflituosa, decorrentes das constantes redes migratórias que atravessam e conectam as regiões do mundo todo.

Alguns estudos sobre migração têm esquecido ou negligenciado certos aspectos desta mobilidade, principalmente aspectos dos deslocamentos internos: os intrarregionais, rural/urbano e interior/capital. Desta forma, esta pesquisa objetiva trazer para o debate o problema da memória e identidade de indivíduos que protagonizaram esse processo da migração entre o aspecto rural/urbano, interior/capital.

O descolamento, enquanto processo, junto da mobilidade e suas causas menos aparentes não são formas excludentes para a compreensão das movimentações populacionais, no entanto, constituem categorias de análise que possibilitam produzir elementos explicativos, característicos sobre o fenômeno. Desta forma, buscar um caminho para a compreensão desses deslocamentos a partir das narrativas dos próprios atores, nem sempre é simples, porém, mesmo que envolva árduo trabalho, é muito importante.

Deste modo, esta pesquisa se propõe a discutir questões relacionadas à memória e à identidade a partir da migração da cidade de Cururupu-MA para São Luís-MA, entre as décadas de 1960 e 1980, analisando de que forma é relacionado à memória, a narrativa e a identidade à história desses migrantes. E ainda como esses sujeitos construíram ou reconstruíram uma identidade na perspectiva da cidade em que se estabeleceram.

No primeiro capítulo, buscamos discutir a migração pelo viés da história oral, procurando fundamentações teóricas e metodológicas para o tratamento de um tema bastante amplo e complexo. A fonte oral pode acrescentar uma dimensão viva, trazendo novas perspectivas à historiografia, pois o historiador necessita de documentos variados, não apenas escrito. Como afirma (THOMPSON, 1992, p. 17) “A memória de um pode ser a memória de muitos, possibilitando a evidência dos fatos coletivos”. O processo migratório é um fenômeno que, a partir do século XX, tomou grandes proporções e tem demandado muitos esforços, por parte de pesquisadores, sobretudo no que se refere ao surgimento de teorias que expliquem os problemas que se originaram a partir desse processo. Com a contribuição de diversas teorias, a mobilidade humana passou a ser estudada como fenômeno vivo e não mais como um simples deslocamentos geográficos causados somente por problemas estruturais, ou seja, econômicos e sociais. Contudo, se por um lado os problemas estruturais - as pressões econômicas e sociais -, frequentemente são fatores que contribuem para esse fenômeno, por outro lado, há ainda o que (THOMPSON, 2002, p. 345) se refere como os “imaginários culturais” que também se mostram como influência nos deslocamentos e que, ainda hoje, não devem ser ignorados como fatores igualmente motivadores para impulsionar o deslocamento.

Esta pesquisa busca compreender a mobilidade humana para além de uma descrição de índice e de problemas socioeconômicos; entender que está imerso, na migração, problemas culturais, por exemplo: perceber que cada migrante carrega consigo uma marca que o identifica de forma decisiva e diferenciada. São essas problemáticas que também fazem parte do contexto migratório e que a história oral, com sua metodologia qualitativa, busca compreender de forma que o próprio sujeito migrante contribua com seus relatos como fonte para a história da migração. Assim, realizamos entrevistas semi-estruturadas, com membros da AFAC, com o intuito de saber por quais objetivos foi fundada a associação; participação das reuniões e ações, registrando os eventos, através de observação *in lócu*. Também foram feitas entrevista com migrantes que não fazem parte da associação, buscando compreender os motivos da migração, as dificuldades que tiveram ao chegar a São Luís.

No segundo capítulo, intitulado “Cururupu: migração, memória e identidade”, além desses aspectos, abordaremos também a cidade de Cururupu, expondo alguns dados oficiais dos órgãos como IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), IMESC (Instituto Maranhense de Estudo Socioeconômico e Cartográficos), no que se refere ao censo populacional, IDH, escolaridade, atividade econômica do município, entre outros. Traçando, assim, alguns aspectos da migração utilizando também como fonte os depoimentos orais dos migrantes.

Sabemos que a migração acontece por vários fatores, porém foram identificados, mediante as narrativas dos sujeitos por nós entrevistados, membros da Associação Filhos e Amigos de Cururupu que a migração destes indivíduos foi influenciada pela necessidade de ter acesso à educação e ao sonho de trocar o interior pela capital na ânsia de alcançar uma carreira profissional.

Segundo (IANNE, 2004), o migrante é aquele que está sempre em busca de novos ares, em constante movimento. Deseja encontrar novos modos de viver, arriscando-se diante da possibilidade de emancipação. Assim, a migração apresenta-se como essa possibilidade de transformação de vida, onde as pessoas que se aventuram nessa jornada estão sempre em busca de melhores condições de vida, uma vez que a mudança requer coragem e determinação.

Ao se deslocarem, por qualquer que sejam os motivos, os migrantes estão sujeitos a uma readaptação, a um reajustamento no novo espaço cultural, tais reajustamentos constituem um dos aspectos fundamentais relativos ao processo migratório, podendo ser dividido em dois fatores que intervêm no processo de reajustamento desses indivíduos migrantes; a dificuldade e a dinâmica da cidade são eles que dizem respeito às características individuais de cada migrante e ao se relacionarem com as características fundamentais de seu lugar de destino entre aos quais se relacionam as readaptações e o reajustamento ao novo espaço cultural.

Foi através dos relatos dos migrantes que tivemos a oportunidade de conhecer o processo de readaptação, de ajustamento desses indivíduos migrantes no novo espaço cultural. A memória, enquanto fonte, busca compor ou recompor, construir ou reconstruir, ressignificando a identidade necessária ao novo espaço urbano, trazendo para o novo contexto algo que se assemelhe com o lugar de origem, como diz (BOSI, 2003, p. 114), “a cidade possui alguns focos sugestivos que amparam nossa identidade, percepção e memória”. Dessa forma, os migrantes vão recriando, vão reajustando o passado para dar sentido ao presente.

As dificuldades relatadas por eles ao chegarem à capital do Estado logo foram superadas, e isso fica aparente quando percebemos, nos seus semblantes, a alegria de afirmarem que conseguiram realizar o sonho que vieram buscar. Estes relatos são depoimentos de vitórias, são relatos de quem venceu na vida, apesar das dificuldades. De certa maneira, sentem-se heróis por terem galgado uma profissão de destaque. Portanto, a entrevista os ajuda a superar as dificuldades e reafirmar suas memórias dos tempos que viviam em sua Cidade natal.

Dessa forma, privilegiamos o relato oral como fonte principal desta pesquisa, porém não nos furtamos de usar outras fontes quando necessárias. Acreditamos que os próprios migrantes podem contribuir de forma bastante significativa sobre o processo migratório e ainda sobre o processo de reconstrução de suas identidades, afinal, foram eles próprios que tiveram de engendrar estratégias para tal reconstrução, isto é, eles são os atores dessa história. Assim, a memória nos dará possibilidade de conhecer as experiências vividas no interior do processo da mobilidade humana. Compreenderemos também, como esses indivíduos puderam construir uma “auto-imagem”, como se refere (POLLACK, 1992, p. 204), na convivência com os outros, não podemos construir uma identidade isenta de negociação e mudança em relação aos outros. A identidade é um fenômeno que se constrói em função de outros, como afirma o referido autor.

Portanto, memória, narrativa e identidade estão diretamente relacionadas, porém, memória e identidade são elementos que podem ser perfeitamente negociáveis, porque os migrantes frequentemente tentam estabelecer uma coerência pessoal satisfatória em suas narrativas, nas passagens mais dolorosas do seu passado. Isso se deve a condição de migrantes que eles se encontram, assim a identidade sofre uma fragmentação ou deslocamento, como afirma (HALL, 2005). Percebe-se que essas identidades culturais são construídas a partir da noção de pertencimento, pois é essa ideia de pertencimento que condiciona alguns traços linguísticos, modos de fazer, valores, etc.

No terceiro capítulo, abordaremos como esses migrantes se relacionam numa espécie de rede de sociabilidade entre eles, que culminará em uma associação, onde a identidade cururupuense se fortalecerá. Essa associação deseja fomentar a identidade do lugar de origem. Para tanto, eles se reúnem uma vez por mês para discutir assuntos relativos à cidade de Cururupu. Discutem desde resgastes culturais, até problemas como o da segurança pública. A Associação dos Filhos e Amigos de Cururupu (AFAC) nasce a partir de um evento da Igreja Católica, uma comemoração do Jubileu de Ouro da missão São Jacinto Brasil

– Canadá, na cidade de Cururupu em fevereiro de 2009. Fazia parte da missão o Colégio Comercial Dom Bosco, cujos membros da AFAC foram alunos dessa instituição de ensino. Ao se reencontrarem tiveram a ideia de fundar uma associação que trabalharia em prol da cidade de Cururupu.

A associação é uma forma de representação que tem as “práticas e os signos que visam a fazer reconhecer uma identidade social, a exibir uma maneira própria de ser no mundo” (CHARTIER, 2011, p.20). É também uma maneira de reafirmar a sua identidade com o lugar de origem que estavam esquecidas por alguns. Como se refere (THOMSON, 2002), sem essa rede de sociabilidade fica insustentável uma identidade de origem. Os membros da associação, ou seja, os migrantes cururupuenses chegam a São Luís trazendo, em suas bagagens, além da esperança de realizar um sonho, uma formação religiosa e familiar pautada nos valores cristãos recebidos pela missão. Esses ex-alunos do Colégio Dom Bosco acreditam que, tudo que eles alcançaram, apesar das dificuldades que sentiram ao chegar a capital, se deve à formação, tanto educacional quanto moral recebida pela instituição de ensino católica.

Assim, fica claro em seus relatos que a missão e a cidade de Cururupu são parte da mesma coisa. Ao se unirem em torno de uma associação, eles têm a intenção de devolver à cidade o que eles receberam dela, ou seja, receberam da missão, porém eles não desassociam a missão da cidade. Então, eles sentem uma espécie de “dívida” com a cidade e desejam vê-la tão desenvolvida. Dessa forma, nasce a AFAC com o objetivo de trabalhar por Cururupu da mesma forma que a missão trabalhou. Eles entendem que é preciso continuar o trabalho da missão.

Percebemos também que para eles, estando unidas, as memórias estão salvas, tanto a memória individual quanto a coletiva, pois se a memória individual estiver apoiada na memória coletiva, ou seja, nas dos outros, a confiança na exatidão dessa memória será maior (HALBWACHS, 2003). Portanto, as memórias desses migrantes membros da associação estarão salvas.

Esses trabalhos que associação desenvolve na cidade de Cururupu consistem em vários aspectos, quais sejam: econômicos, sociais e culturais. No aspecto econômico, a Associação fez um convênio com o SENAC para qualificar com cursos profissionalizantes vários jovens para o mercado de trabalho. Colaboraram, em um projeto para implantar o curso de Engenharia de Pesca da Universidade Federal do Maranhão (UFMA) no município, visando, dessa forma, o melhoramento da mão-de-obra para o mercado de trabalho. No aspecto social, a Associação está desenvolvendo um cursinho solidário para que os jovens da

rede pública de ensino possam ter reforços escolares visando à aprovação no ENEM¹, até mesmo para o citado curso de Engenharia de Pesca. No âmbito cultural, os projetos são elaborados para resgatar a memória de Cururupu. Algumas manifestações culturais foram esquecidas, o tamborim, o pastor, as caixeiros do Divino Espírito Santo, o tambor de crioula e o boi costa de mão estão ameaçados pelo esquecimento e a Associação pretende resgatá-los em breve. O conjunto arquitetônico da cidade é outra preocupação da instituição. Cururupu possui o maior conjunto arquitetônico histórico da região, depois de Alcântara, e está completamente abandonado pelo poder público local.

Dessa forma, esses migrantes, isto é, estes associados se unem em torno de uma instituição na intenção de se manterem unidos para trabalhar em prol da cidade de origem e de sustentar uma identidade daquele local. Essa sustentação da identidade é bastante notável nas observações que são feitas nas reuniões. Nos intervalos das reuniões, eles conversam informalmente sobre algumas histórias, lembrando sempre do tempo da escola, de algum personagem da cidade, de algum mito que envolve a cidade, de algumas festas tradicionais, enfim, estão sempre relembando algumas histórias do passado deles e da cidade.

Portanto, esta pesquisa é um ponto de partida para a reflexão e análise da mobilidade humana da cidade de Cururupu e sua relação com o presente. Ao mesmo tempo ela servirá como fonte para a decodificação de algumas das múltiplas camadas de história que estão ausentes na presença cotidiana dos migrantes no contexto da cidade de São Luís.

¹ Exame Nacional do Ensino Médio: Prova de acesso às Universidades e Institutos Públicos de ensino superior.

Capítulo I

2 Migração e História Oral

O fenômeno da mobilidade humana é um tema bastante amplo e complexo e, a partir das últimas décadas do século XX, vem apresentando transformações bastante significativas no seu comportamento, não só no Brasil, como também em outras partes do mundo. De forma que, essas transformações têm demandado um esforço maior por parte dos pesquisadores do tema, no sentido de buscar explicações teóricas e metodológicas para esse processo. Daí a necessidade de analisarmos de forma mais aprofundada. Assim assevera o historiador Alistair Thomsom:

Muitos dos escritos aqui referidos se estendem sobre duas áreas interrelacionadas de estudos, sem necessariamente problematizar a distinção. Por um lado, a história da migração está interessada nos processos pelos quais os migrantes, individual e coletivamente, se estabelecem em uma nova região ou país, e pelas maneiras de trabalho e os estilos de vida do local de origem são recriados e modificados no mundo (THOMSON, 2002, p. 342).

O movimento migratório pode ser um fenômeno coletivo e/ou individual e a forma como ele vem sendo estudado é através do próprio percurso migratório em suas diferentes fases, a saber: o local de origem; a decisão de partir; a escolha do local de destino; os preparativos; a viagem que é considerada um divisor de águas na vida desses indivíduos migrantes, os primeiros momentos de adaptação na sociedade de acolhimento, a decisão de permanecer ou de retornar. No caso de permanecer, a inserção é definitiva, no caso de retorno, a reinserção no local de origem, fechando assim, o percurso migratório (ROCHA – TRINDADE, 1995).

O processo migratório não é recente, grandes diásporas já foram registradas na história. Tanto na antiguidade como na contemporaneidade, a mobilidade humana tornou-se um processo social que exige atenção para os problemas que são inerentes ao fenômeno. Há uma necessidade de teorias que expliquem com uma linguagem qualificada e que dispõe de elementos que elaborem uma hermenêutica do processo. Segundo Lussi, o papel das teorias é de fundamental importância na compreensão do fenômeno:

O papel das teorias no estudo da mobilidade humana é fundamental para a qualidade do discurso que pesquisa e a análise de dados empíricos ou estatísticos elabora (divulga). A narração não explica um fenômeno, o apresenta. Os porquês do fenômeno migratório e as razões dos sujeitos que migram, assim como os processos por estes desencadeados ou suportados, indicam que o saber pede uma língua qualificada que disponha de categorias para elaborar a hermenêutica de fatos, dos processos e das experiências. Sem a ajuda de tal suporte, que chamamos de teoria, o conhecimento não disporia das ferramentas para desvendar e penetrar suas fontes e, portanto, poderia

somente entregar os dados à subjetividade conceitual e interpretativa, seja ela individual ou coletiva, midiática ou acadêmica (LUSSI, 2015, p.58).

A referida autora é uma estudiosa do tema, tem várias publicações sobre a mobilidade humana interna e externa, isto é, nacionais e internacionais. De acordo com ela, a temática da migração vai além de um simples processo, essa mobilidade trouxe consigo o surgimento de várias teorias que a compreendem e abarcam com mais profundidade. Teorias como: Neoclássica; a teoria da nova economia das migrações; a teoria da migração familiar e da seletividade da migração; a teoria do duplo mercado de trabalho. A maioria dessas teorias trata da migração em contexto internacional. Essas teorias vêm surgindo como contribuições, no sentido de permitir uma reflexão sobre qual a melhor perspectiva para apreender as manifestações do fenômeno migratório. É interessante, porque tais teorias foram surgindo à medida que o fluxo migratório foi crescendo e que foram sendo percebidos não só como deslocamentos geográficos impulsionados por problemas econômicos sociais, mas que as mesmas buscaram compreender o fenômeno migratório para além de mera descrição de análise quantitativa, mas que, de fato, tais mobilidades trazem no seu bojo mais do que problemas econômicos, trazem também uma gama de outros elementos, por exemplo, os culturais que exigem estudos mais amplos e complexos. Ademais, há de se ter em mente que numa fase de transição coexistirão processos antigos e novos na ocorrência do fenômeno migratório e que isso possibilitará novas percepções, novas formas e utilização de ferramentas atuais na análise e interpretação dos deslocamentos humanos. Hoje, a migração está definida em termos tão amplos que, no interior da mesma noção, poderia estar incluída em uma gama de fenômenos muitos distintos entre si. Possivelmente, uma única perspectiva teórica não daria conta de abarcar a todos.

A partir do surgimento dessas teorias, os processos migratórios passam a ser pensados como fenômenos vivos, dinâmicos, que mudaram ao longo do tempo, evidenciando-se a necessidade de um diálogo com outras áreas do saber. Surge, portanto, a oportunidade de analisar esses fenômenos a partir de uma perspectiva interdisciplinar, exatamente por se tratar de um fenômeno dinâmico, que é preciso qualificar, quantificar, medir e que engloba tantos aspectos econômicos, sociais e culturais, como processos ligados ao imaginário. E por isso, este objeto de estudo não pode ficar restrito a uma só área do saber, haja vista sua complexidade e amplitude. Nesse sentido, Durand salienta:

Nos estudos migratórios também é indispensável a interdisciplinaridade. Trata-se de um fenômeno dinâmico que é necessário medir, quantificar, com métodos quantitativos, porém são os próprios envolvidos nos processos, os

migrantes, que aportam as explicações. Para tanto se requerem métodos qualitativos. Nesse sentido, o “Mexican Migration Project” teve êxito com sua aposta na complementariedade de enfoques, na qual a sociologia, a demografia, a história, a geografia e a antropologia se complementam e favorecem a visão integral do fenômeno (DURAND, 2015, p. 22).

Dessa forma, o tema da migração tornou-se objeto de várias pesquisas em várias disciplinas, não está mais restrita só à geografia, uma vez que existem vários aspectos relacionados ao fenômeno, tal como a globalização. Como se refere (LUSSI, 2015, p. 46): “As mobilidades que permeiam a vida das pessoas e das sociedades atualmente são um *modus vivendi* que a globalização introduziu e dos quais a migração não é mais que uma de suas formas”. Assim sendo, como vivemos em um mundo cada vez mais globalizado, marcado pela mudança acelerada em todos os níveis e pela coexistência da globalização e da homogeneização com a fragmentação, o que cria uma ambivalência entre a pertença e o desenraizamento, surgem dúvidas e questões sobre como interpretar os processos imersos nesse contexto complexo, considerando que a migração é um desses temas complexos. Além da globalização, existem outros fenômenos ligados ao processo migratório que contribuem ainda mais para a complexidade do tema, salienta a autora:

Não obstante a delimitação do objeto desta pesquisa é necessário considerar a complexidade que o tema das migrações envolve, nas conexões que estabelece com outros fenômenos. Muitas mobilidades de pessoas, meios de transportes e comunicação, ideias e instituições estão estreitamente relacionadas com a mobilidade humana e se configuram como variáveis da mesma, porque apesar de não se referirem a esta especificamente, a implicam. Tal complexidade é um dado empiricamente relevável, a qual é sempre mais resultado e expressão das relações que as pessoas e os grupos que compõem os fluxos migratórios ativam em seus percursos, enquanto articuladores e multiplicadores de mobilidades (LUSSI, 2015, p.45).

Dessa forma, a história oral é uma metodologia de pesquisa bastante rica para conhecer a experiência pessoal e também para obter informações sobre experiências individuais e coletivas, tais como atividades, movimentos e as instituições fundadas por esses sujeitos migrantes na sociedade de acolhimento, pois a história oral, a história de vida em particular, oferece novas perspectivas para o estudo dos processos de mudança social, dentre eles, o processo migratório.

Os relatos orais permitem, assim, esclarecer o lado subjetivo dos processos sociais, verificando como esses processos são experimentados, vividos e sentidos pelos indivíduos. “Os discursos dos migrantes revelam como, de fato, esta concepção se desdobra, revelando e dando nomes aos significados de muitas das vivências que a experiência

migratória reserva” (LUSSI, 2015 p. 46). E, ainda possibilitando esclarecer aspecto da vida desses migrantes que de outro modo poderiam ser negligenciados, como afirma Thomson:

Esclarecendo aspectos da experiência dos migrantes, que de outro modo poderiam ser negligenciados, os profissionais que trabalham com a história oral têm esculpido uma teoria a partir... de histórias e experiências pessoais complexas, desafiando teorias e monocausais, lineares e econômicas, e reformulando as maneiras pelas quais a migração é entendida. Os exemplos que se seguem ilustram apenas algumas maneiras pelas quais esses historiadores têm contribuído, tanto para o conhecimento empírico quanto para o conhecimento teórico da experiência da migração (THOMSON, 2002, p.345).

Portanto, o estudo sobre migração está cada vez mais ganhando espaço e destaque no meio acadêmico, devido ao crescente deslocamento de pessoas no mundo. São crescentes, também, as consequências que esses deslocamentos trazem consigo, problemas de ordem econômica, religiosa, política, que, por sua vez, geram conflitos, preconceitos, perseguições, etc. Na mesma proporção, estudos sobre identidades culturais a partir desse processo migratório também se constituem em um movimento crescente nos meios acadêmicos, sobretudo nas sociedades modernas pautadas pelas constantes transformações, rápidas e permanentes, cujas práticas sociais são constantemente examinadas e reformadas à luz das informações reunidas sobre aquelas próprias práticas, alterando assim, seu caráter.

Os modos de vida colocados em ação pela modernidade nos livraram, de forma bastante inédita, de todos os tipos tradicionais de ordem social. Tanto em extensão, quanto em intensidade, as transformações envolvidas na modernidade são mais profundas do que a maioria das mudanças características dos períodos anteriores. De acordo com o autor:

Uma das características mais óbvias que separa a era moderna de qualquer período anterior é seu extremo dinamismo. O mundo moderno é um “mundo em disparada”: não só o *ritmo* da mudança social é muito mais rápido que em qualquer outro sistema anterior; também a *amplitude* e a *profundidade* com que ela afeta práticas sociais e modos de comportamento preexistentes são maiores (grifos do autor) (GIDDENS, 2011, p. 22).

O mundo moderno é diferente de qualquer outro período e, essa diferença está relacionada com o dinamismo da vida social. Ainda conforme este autor, no plano da extensão, elas serviram para estabelecer formas de conexões sociais que cobrem o globo; em termos de intensidades, elas alteram algumas características mais íntimas e pessoais de nossa existência cotidiana.

Sob esta perspectiva, a migração pode ser pensada, dentre outras coisas, como um fenômeno impulsionado por redes sociais, redes de solidariedades entre indivíduos da mesma família e comunidades. No plano da intensidade, é possível compreender, através dessas

conexões, como as identidades culturais desses migrantes são mantidas, ressignificadas e reconstruídas.

Nesse sentido, estão sempre implicadas nas migrações a (des)construção e a (re)estruturação, a ressignificação dos hábitos e das ações de quem migra. Quando se trata de migrações internas - aqui entendida, sobretudo, como migração interior/capital-, é de prever que ocorra, na maior parte dos casos, um confronto entre as disposições individuais herdadas no meio rural e as adquiridas no meio urbano. Essas pessoas buscam incessantemente uma síntese de reconstrução de uma unidade em seu itinerário existencial, profissional e sociocultural enquanto migrantes. Para tanto, recolhem os elementos de sua identidade do local de origem com a identidade do local onde se encontram e com a percepção que têm de si mesmo. Pois, como afirma (HAAL, 2005, p. 13), “a identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia”. Tal identidade prescinde e supera as barreiras encontradas no local de acolhimento, das quais, todavia, quem migra não pode subtrair-se. Assim, reelaboram constantemente suas identidades em processos que duram tanto quanto os projetos migratórios ou até mais. Nestes processos de reelaboração identitária, os referentes existenciais e culturais transformam-se conjuntamente. E, ainda nesse mesmo sentido de reelaboração identitária, a globalização é um fator que contribui para essa consequência, como afirma Hall:

Outro efeito desse processo foi o de ter provocado um alargamento do campo das identidades e uma proliferação de novas posições de identidades, juntamente com o aumento de polarização entre elas. Esses processos constituem a segunda e a terceira consequências possíveis da globalização, anteriormente referidas – a possibilidade de que a globalização possa levar a um fortalecimento de identidades locais ou à produção de novas identidades (HALL, 2005, p. 85).

Dessa forma, esses são os fatores que estão imersos no processo da mobilidade humana, além dos outros elementos que já foram citados acima que fazem parte da complexidade do tema migração.

Enquanto aparato metodológico na abordagem de trajetória de migrantes, a história oral figura como um caminho de análise das memórias de homens e de mulheres que, ao narrarem suas vivências e memórias, ressignificam suas histórias. A entrevista, momento crucial na produção da narrativa, é, sobretudo, um momento de encontro. Nesse sentido, Portelli se refere:

A ideia de que existe um “observado” e um “observador” é uma ilusão positiva: durante todo o tempo, enquanto o pesquisador olha para o narrador, o narrador olha para ele, a fim de entender quem é e o que quer, e de modelar seu próprio discurso a partir dessas percepções. A “entre/vista”,

afinal, é uma troca de olhares. E bem mais do que outras formas de arte verbal, a história oral é um gênero multivocal, resultado do trabalho comum de uma pluralidade de autores em diálogo (PORTELLI, 2010, p. 20).

Momentos em que as diferenças não são apagadas, mas que se criam, de certa forma, uma experiência de igualdade, “na qual sujeitos, separados pela hierarquia culturais e sociais, escancaram suas desigualdades e as anulam fazendo delas o território de suas trocas” (PORTELLI, 2010, p. 213). Fazendo assim, um confronto com a “diferença e com a alteridade” (IDEM, p. 213).

Para melhor compreendermos o fenômeno migratório, optamos pela história oral, pois a mesma é especialmente indicada para o estudo destes movimentos, a partir da vivência e experiência dos próprios migrantes. Acreditamos que essa metodologia nos ajudou a compreender o nosso objeto, ou seja, o processo de deslocamento que ocorreu e ainda ocorre das cidades do interior do Maranhão para a capital, mais precisamente da cidade de Cururupu² para a capital, São Luís. Esta região, assim como os processos migratórios internos ocorridos no Estado do Maranhão, não é muito estudada pela historiografia, apesar do fenômeno migratório ser muito comum nessa região. Entender a causa desse fenômeno, a adaptação e as ações desses atores é um dos objetivos desta pesquisa.

Privilegiamos, portanto, a história oral para analisar as experiências e atuações dos migrantes nesse processo da mobilidade humana, porque acreditamos que através dos seus relatos poderemos acessar suas experiências a partir do ponto de vista que esses sujeitos têm do fenômeno migratório. Mas não só. A partir das narrativas orais é possível identificar, também, os elementos identitários presentes no discurso e que evidenciam suas ligações com a memória do lugar de origem e suas ressignificações a partir do lugar em que se fixaram.

Para tanto, realizamos a investigação desse fenômeno migratório da cidade de Cururupu para a capital através de um estudo de caso de uma associação cujos membros são todos migrantes desse município que se estabeleceram na capital do Estado.

2.1 Associação dos Filhos e Amigos de Cururupu (AFAC)

A Associação dos Filhos e Amigos de Cururupu foi fundada em fevereiro de 2009, após uma comemoração da Igreja Católica referente ao Jubileu (50 anos) da Missão canadense São Jacinto em Cururupu, está localizada, provisoriamente, no Convento das Irmãs

² Cururupu está localizada na Microrregião Geográfica do Litoral Ocidental Maranhense (IMESC, 2012), juntamente com outros 13 municípios. Essa Região é muita rica em recursos naturais, de grande extensão litorânea e uma fauna muito diversificada.

São José, no bairro do Filipinho, em São Luís. Ela tem na sua estrutura uma diretoria com os seguintes membros: Paulo Silvestre Avelar Silva, presidente; João Antônio da Silva, vice-presidente; Maria da Graça A. Santos Leite, diretora-técnica; Nubia de Fátima Diniz Nogueira, secretária; e como conselho fiscal: José de Ribamar Texeira; José Gonçalo Pereira Mendes; Palmerim Raimundo Santos. Suplentes: José Ribamar Fonseca; Amélia Augusta Brito Costa e Givaldo Mendes Vieira. As reuniões acontecem uma vez por mês (na segunda quinta-feira de cada mês), onde são discutidos assuntos referentes à cidade de Cururupu. Com um número aproximado de 200 sócios, a Associação conta com um leque de membros bastante heterogêneos, que possui de dona de casa, professores, assistentes sociais, engenheiro, promotor de justiça, juiz, reitor de universidade, entre outras profissões.

Segundo o seu estatuto, a AFAC é uma instituição filantrópica, sem fins lucrativos, sem finalidades políticas partidárias ou religiosas, possui caráter social e cultural, de gestão comunitária, é composta por número ilimitado de associados. A AFAC tem por finalidade representar, cooperar com autoridades, organismos públicos e privados, órgãos de classe, sociedade civil organizada e comunidade em geral, visando promover os interesses comuns da população cururupuense. E, segundo seus membros, tem por objetivo uma Cururupu melhor, respaldada em valores éticos morais e honestos para que, a partir daí, seja efetivamente respeitada por todos, qualidades essas que vão sendo esquecidas pelos administradores locais propositalmente e por vezes pela insensatez ou pelo descompromisso, ou ainda pela ignorância.

São também objetivos da AFAC, segundo seu Estatuto: desenvolver programas, projetos e atividades culturais, de defesa e conservação do patrimônio histórico e artístico da região. Nesse contexto, continua vivo o sonho da entidade de disponibilizar para a comunidade cururupuense um espaço de convivência comunitária destinado a reuniões, vivências, formações, capacitações, bem como a implementação de uma biblioteca.

O Estatuto Social da Associação Filhos e Amigos de Cururupu rege o seguinte:
Capítulo IV – DA ADMINISTRAÇÃO:

Art. 11 – A Associação dos Filhos e Amigos de Cururupu – AFAC será administrada por:

- I – Assembleia Geral;
- II – Diretoria;
- III – Conselho Fiscal;

Parágrafo único - A associação não remunera, nem concede vantagens por qualquer título, aos seus diretores, conselheiros, instituidores, ou equivalentes, com exceção de: passagens, alimentação e hospedagem a Diretor ou associado designado para missão intermunicipal, interestadual ou internacional.

Art. 12 – A assembleia Geral, órgão soberano da Instituição, se constituirá dos sócios em pleno gozo de seus direitos estatutários.

Art. 13 – Compete privativamente à Assembleia Geral Ordinária:

- I) Eleger e empossar a Diretoria e o Conselho Fiscal, através de eleição livre e direta e voto secreto de acordo com o art. 14 deste Estatuto;
- II) Decidir sobre reformas do Estatuto, na forma do artigo 33;
- III) Decidir sobre extinção da Instituição, nos termos do artigo 32;
- IV) Decidir sobre a conveniência de alienar, transigir, hipotecar ou permutar bens patrimoniais;
- V) Aprovar o regimento interno;
- VI) Emitir Ordens Normativas para funcionamento interno da Instituição;
- VII) Decidir em última e definitiva instância;
- VIII) Aprovar um plano de trabalho para o exercício seguinte;
- IX) Apreciar e aprovar o relatório da Diretoria Geral e decidir sobre assuntos relevantes;
- X) Aprovar o balanço e as contas do exercício anterior e avaliar os pareceres do Conselho Fiscal;

Parágrafo Único – A Assembleia Geral Ordinária se realizará, uma vez por ano e será convocada pela Diretoria, para:

- I) Aprovar a proposta de programação anual da Instituição, submetida pela Diretoria;
- II) Apreciar o relatório anual da Diretoria;
- III) Discutir e homologar as contas e o balanço aprovado pelo Conselho Fiscal;

Art. 14 – Compete privativamente à Assembleia Geral Extraordinária:

- I) Alterar e aprovar o Estatuto Social, executando disposto no parágrafo 2º deste artigo;
- II) Destituir os membros da Diretoria e do Conselho Fiscal;
- III) Decidir e aprovar a extinção da Associação;

IV) Decidir sobre qualquer assunto que não seja da alçada da Assembleia Geral Ordinária;

V) Deliberar sobre casos omissos ou duvidosos, de forma harmônica com os princípios estabelecidos pela Associação;

VI) Destituir a Diretoria Geral, mediante 2/3 (dois terços) dos votos dos sócios presentes;

§ 1º. Quando a Assembleia Geral vier a destituir a Diretoria Geral, deverá obrigatoriamente solicitar uma auditoria nas contas da Associação, por empresa ou pessoas de notória reputação e nomear uma junta governativa composta, de no mínimo três associados, quites com suas obrigações estatutárias, que administrará a associação, durante 90 dias e promoverá eleição, para nova gestão.

§ 2º. No caso de reforma do presente Estatuto Social, são inalteráveis, sob pena de nulidade, as disposições que dizem respeito a não vitaliciedade dos membros da Diretoria; à destinação do Patrimônio na forma prevista neste Estatuto Social; ao caráter apartidário e filosófico da Associação;

§ 3º. A Assembleia Geral se realizará, extraordinariamente, quando convocada:

I) Pela Diretoria;

II) Pelo Conselho Fiscal

III) Por requerimento de 1/5 (um quinto) dos associados quites com as obrigações sociais;

Art. 15 – A convocação da Assembleia Geral será feita por meio de edital afixado na sede da Instituição e publicado no Diário Oficial e na imprensa local em jornal de grande circulação, com antecedência mínima de 15 (quinze) dias.

§ 1º. Qualquer Assembleia se instalará em primeira convocação com a maioria dos sócios e, em segunda convocação, com qualquer número.

§ 2º. As decisões da Assembleia Geral somente serão válidas se representarem a opinião da metade mais um dos participantes presentes, fundadores e efetivos, exceção para as deliberações de DESTUTUIÇÃO dos membros da Diretoria e alteração do Estatuto Social, onde será exigido o voto concorde de 2/3 (dois terços) dos presentes à Assembleia Geral, especialmente convocada para esse fim, não podendo ela deliberar em primeira convocação sem a maioria absoluta dos associados, ou com menos de 1/3 (um terço) nas convocações seguintes.

§ 3º. No caso de empate, caberá ao presidente o voto de Minerva.

Art. 16 – A instituição adotará práticas de gestão administrativa, necessárias e suficientes, a coibir a obtenção, de forma individual ou coletiva, de benefícios e vantagens pessoais, em decorrência da participação nos processos decisórios.

Art. 17 – A Diretoria será constituída por um Presidente, um Vice-presidente, um Diretor Administrativo e Financeiro, um Diretor Técnico e um Secretário.

Parágrafo único - O mandato da Diretoria será de dois anos, com reeleição consecutiva.

Art. 18 – Compete à Diretoria:

- I) Elaborar e submeter à Assembleia Geral a proposta de programação anual da Instituição;
- II) Executar a programação anual de atividades da Instituição;
- III) Elaborar e apresentar à Assembleia Geral o relatório anual;
- IV) Reunir-se com instituições públicas e privadas para mútua colaboração em atividades de interesse comum;
- V) Contratar e demitir funcionários;
- VI) Regulamentar as Ordens Normativas da Assembleia Geral e emitir Resoluções e Portarias para disciplinar o funcionamento interno da Instituição;
- VII) Contratar os serviços necessários ao bom funcionamento da AFAC;
- VIII) Acompanhar a execução do planejamento e do orçamento anuais;
- IX) Encaminhar as decisões aprovadas na Assembleia Geral;
- X) Contratar auditoria externa independente;
- XI) Celebrar contratos, convênios e assemelhados com instituições nacionais e públicas e privadas ou instituições estrangeiras, visando à consecução dos objetivos da instituição.

Art. 19 – A Diretoria se reunirá ao menos uma vez por mês.

Art. 20 – Compete ao Presidente:

- I) Representar a AFAC ativa e passivamente;
- II) Cumprir e fazer cumprir este Estatuto e o Regimento Interno;
- III) Presidir a Assembleia Geral;
- IV) Convocar e presidir as reuniões da Diretoria.

Art. 21 – Compete ao Vice-Presidente:

- I) Substituir o Presidente em suas faltas ou impedimentos;
- II) Assumir o mandato, em caso de vacância, até seu término.

Art. 22 - Compete ao Diretor Administrativo e Financeiro:

- I) Prestar, de modo geral, sua colaboração ao Presidente;
- II) Gerenciar a arrecadação e a contabilização das contribuições dos associados, rendas e auxílios e donativos, mantendo em dia a escrituração da Instituição;
- III) Pagar as contas autorizadas pelo Presidente;
- IV) Apresentar relatórios de receitas e despesas, sempre que forem solicitados;
- V) Apresentar ao Conselho Fiscal a escrituração Instituição, incluindo os relatórios de desempenho financeiro e contábil e sobre as operações patrimoniais realizadas;
- VI) Conservar, sob sua guarda e responsabilidade, os documentos relativos à tesouraria;
- VII) Manter todo o numerário em estabelecimento de crédito.

Art. 23- Compete ao Diretor técnico:

- I) Planejar, organizar, coordenar, controlar e monitorar todos os planos, programas, projetos, e atividades educacionais, culturais, econômicos e sociais, da área de saúde, trabalho e emprego e de produção no âmbito da Instituição;
- II) Estabelecer parcerias com organismo governamentais, a sociedade civil bem como os setores produtivos objetivando a viabilização de ações conjuntas em favor da melhoria da qualidade de vida da população;
- III) Estimular a realização de estudos e pesquisas sócios educacionais visando subsidiar e viabilizar os planos, programas, projetos e atividades que possibilitem a melhoria das condições de vida da população pela inserção social;
- IV) Promover e desenvolver ações de mobilização da sociedade, para busca do desenvolvimento e crescimento socioeconômico do Município e região.

Parágrafo Único: O Diretor Técnico deverá compor entre os associados, equipe interprofissional de trabalho, para auxiliá-lo em suas atribuições.

Art. 24 – Compete ao Secretário:

- I) Secretariar as reuniões da Diretoria e da Assembleia Geral e redigir as atas;
- II) Publicar todas as notícias das atividades da entidade;
- III) Produzir e supervisionar toda produção de material de comunicação e de informação da AFAC, impressos, correspondências, documentos entre outros que tramitem no âmbito da instituição;
- IV) Administrar toda a documentação e correspondências no âmbito da AFAC, zelando pelo protocolo, arquivo e guarda de toda documentação;

V) Organizar os fluxos de informação e divulgação entre os públicos internos e externos da associação;

VI) Preparar e submeter à aprovação da diretoria todo e qualquer material de divulgação e promoção da AFAC.

Art. 25 – O Conselho Fiscal será constituído de três membros e seus respectivos suplentes, eleitos pela Assembleia Geral.

§ 1º - O mandato do Conselho Fiscal será coincidente com o mandato da Diretoria;

§ 2º - Em caso de vacância, o mandato será assumido pelo respectivo suplente, até seu término.

Art. 26 – Compete ao Conselho Fiscal:

I) Examinar os livros de escrituração da Instituição;

II) Opinar sobre os balanços e relatórios de desempenho financeiro e contábil e sobre as operações patrimoniais realizadas, emitindo pareceres para os organismos superiores da entidade;

III) Requisitar ao Diretor Administrativo e Financeiro, a qualquer tempo, documentação comprobatória das operações econômico-financeiras realizada pela instituição;

IV) Contratar a acompanhar o trabalho de eventuais auditores externos independentes;

V) Convocar extraordinariamente a Assembleia Geral.

Parágrafo Único – O Conselho Fiscal se reunirá ordinariamente a cada três meses e extraordinariamente, sempre que necessário.

Esta é uma breve descrição da distribuição de cargos da administração da AFAC. A Associação é uma entidade que possui uma estrutura bastante formalizada e demonstra que essa instituição não é simplesmente uma associação de cururupuenses que se encontram para conversar sobre a cidade, mas ao contrário, é uma instituição com objetivos formalizados e bem definidos. Cada cargo possui seu peso e atribuição. Todas essas funções sempre ligadas ao regimento interno.

A pesquisa foi realizada a partir de observações nas reuniões da Associação dos Filhos e Amigos de Cururupu, instituição que trabalha em prol daquela cidade a fim de minimizar os problemas mais urgentes da mesma, elencados pelos associados. Realizamos anotações das pautas das atas, das deliberações acerca das possíveis soluções dos problemas e também entrevistas com alguns de seus membros. Os critérios da escolha dos entrevistados se deram a partir das observações, os cargos que ocupam ou ocuparam na instituição, a

permanência desse membro, a assiduidade e a participação nos trabalhos desenvolvidos pela Associação na cidade de Cururupu.

2.2 A história do tempo presente e a migração

A partir dos testemunhos tivemos a possibilidade de compreender de que forma foi fundada a Associação, os objetivos e os motivos que unem os membros, como se deu o processo de adaptação ao novo espaço cultural que é a capital e, ainda, compreender as relações entre memória, narrativa e identidade.

Mediante essa breve exposição, problematizamos os motivos por eleger a metodologia da história oral como nosso instrumental de análise por excelência, devido ao caráter qualitativo de nossa abordagem e a possibilidade de um melhor alcance dos objetivos traçados. Dessa forma, os sujeitos da pesquisa, ou seja, os migrantes nos deram a oportunidade de ouvir e compreender as suas histórias e a reconstrução dos seus passados numa perspectiva própria desses atores. Assim, foi possível perceber as ações desses migrantes imersos nas relações sociais do espaço urbano e suas idas e vindas às tentativas de se firmarem como protagonista de sua própria história. Sabemos que a memória não pode ser concebida como uma esfera plena, sabemos também que ela possui suas disjunções e divisões como analisa Michel Pêcheux:

A certeza que aparece, em todo caso, no fim desse debate é que uma memória não poderia ser concebida como uma esfera plena, cujas bordas seriam transcendentais históricos e cujo conteúdo seria um sentido homogêneo, acumulado ao modo de um reservatório: é necessariamente um espaço móvel de divisões, disjunções, de deslocamentos e de retomadas, de conflitos de regularização... Um espaço de desdobramentos, réplicas, polêmicas e contra-discursos (PÊCHEUX, 2015, p. 50).

E, ainda, nesse sentido, sobre o discurso Albuquerque Júnior refere-se:

Não podemos esquecer que *dis-cursus* é, originalmente, a ação de correr para todo lado, são idas e vindas, *dérmanches*, intrigas e que os espaços são áreas reticulares, tramas, redes, desredes de imagens e falas tecidas nas relações sociais (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 34).

Diante disso, a escolha pela metodologia e fontes é definida conforme a “diversidade dos procedimentos metodológicos e das abordagens historiográficas contemporâneas” (GUIMARÃES NETO, 2006, p. 45). Assim, estamos certos das nossas opções teórico-metodológicas e, concordando com (THOMPSON, 1992, p. 25) quando “não há dúvida alguma que isso deve contribuir para uma reconstrução mais realista do passado” desses migrantes.

Ainda que o relato oral seja nossa fonte por excelência, não nos furtamos em lançar mão de outras fontes quando estas nos pareceram relevantes. Dessa maneira, a partir das entrevistas com os membros, tivemos acesso a outras fontes documentais como o estatuto da Associação, fotografias referentes ao seu nascimento e também de registros de alguns dos trabalhos desenvolvidos pela entidade, como o Boletim Informativo, que de outra forma não conseguiríamos. Como afirma Thompson, (1992, p. 25) em relação às vantagens que a entrevista proporciona, “a entrevista propiciará, também, um meio de descobrir documentos escritos e fotografias que, de outro modo, não teriam sido localizados”. Além disso, nos possibilita um registro bastante rico de suas ações no que se refere ao processo migratório, à adaptação ao espaço urbano, à adesão desses migrantes a uma associação, formando, de certa maneira, uma rede de sociabilidade entre eles.

Desde o momento da transcrição das entrevistas, já foi possível começar a analisar os relatos com o rigor que a história oral exige, interpretando de maneira rigorosa, porém buscando “caminhos alternativos de interpretações” (AMADO; FERREIRA, 2006, p. XIV), que fossem possíveis de alcançar a (re)construção de um passado a partir do presente, respeitando a vivência da pessoa que narra, que memoriza os fatos estabelecendo os limites e a relação de confiança entre pesquisador e pesquisado.

Dessa forma, percebemos um campo fecundo de estudos aliando-se migração, memória e identidade. Com essas discussões feitas a partir da metodologia utilizada, percebemos outras formas de conceber a migração para além de algumas teorias que apontavam como único fator a necessidade de migrar. Atrelando a migração a determinadas regiões notaremos aspectos políticos, econômicos, históricos, sociais, entre outros que estão por trás do processo migratório, uma vez que todo processo migratório é complexo e possui características próprias.

O processo migratório trouxe no seu bojo a descentração do sujeito (HALL, 2005), a fragmentação da concepção de sujeito, a oportunidade de outras possibilidades de identidades ou identidades múltiplas, por exemplo, as mulheres negras possuem múltiplas identidades, ser mulher e ser negra. Dessa mesma forma, podemos dizer dos migrantes, por mais estabelecidos e adaptados que estejam, porém a marca de ser um migrante o acompanhará para sempre. Devido à adaptação, eles acabam por se identificar multiplamente, se adaptando ao novo espaço cultural, porém não se esquecendo das suas origens, dos hábitos e valores antes construídos. Contudo, isso é muito complexo e problemático, assevera Hall:

O próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisórios, variável e

problemático. Esse processo produz sujeitos pós-modernos, conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente (HALL, 2005, p.13).

Segundo o autor, isso não é determinado biologicamente e, sim, historicamente. O sujeito assume identidades diferentes em variados momentos, dependendo das circunstâncias, das situações vividas. No caso dos migrantes, essas situações são uma constante na vida desses indivíduos.

O pertencimento e a identidade não possuem a solidez perpétua, mas sim a finitude de um mecanismo que exerce um poder de transformação contínua. De acordo com Bauman:

Tornamo-nos conscientes de que o “pertencimento” e a “identidade” não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda vida, são bastante negociáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age – e a determinação de se manter firme a tudo isso – são fatores cruciais tanto para o “pertencimento” quanto para a “identidade”. Em outras palavras, a ideia de “ter uma identidade” não vai ocorrer enquanto o “pertencimento continuar sendo o seu destino, uma condição sem alternativa” (BAUMAN, 2005, p. 17).

As identidades estão em constante trânsito, proveniente de diversas fontes, sobretudo, no que referem ao caso dos migrantes, quais sejam aquelas disponibilizadas, ou acessíveis através de nossas escolhas. Essa mudança da “modernidade líquida” sugere as transformações e os deslocamentos aparentemente aleatórios, ou como Bauman, (2005, p.55) afirma “fortuitos e totalmente imprevisíveis”, daquilo que se chama globalização. Essas forças transformam nossas identidades, nos deixando em constante movimento de adaptação.

Diante disso, os desafios de compreender as identidades múltiplas, tanto individuais quanto coletiva, através da memória, são muito problemáticos. Contudo, a história oral tem se mostrado muito responsável no que se refere a estudos e métodos, pois como fala Joutard, (2000, p. 43) “a memória é um elemento constitutivo da identidade”. Essa memória é capaz de revelar variados tipos de identidade: de sexo, de grupo, de religião, de lugar³, entre outras. Além disso, as narrativas de vida são capazes de construir identidades. Quando falamos de nós, de nossa vida, de nosso passado, estamos nos reelaborando identitariamente também, a partir do nosso interlocutor e do que ele espera de nós. Isso porque, o discurso dá sentido às nossas condutas sociais. Dessa forma, na perspectiva do discurso Lopes e Fabrício, asseveram:

³ Ver também, ALVES, José Miguel Nunes. RUA DOS PRETOS: Territorialização, identidades em migrantes maranhenses no bairro do Guamá, Belém/PA. Revista Movendo Ideias ISSN:157- 199, vol. 17, Nº 2 – Julho a Dezembro de 2012.

De acordo com essa perspectiva, três processos simultâneos estão em jogo quando utilizamos o discurso: estabelecimento de relações sociais, construção da vida social e criação de identidades sociais [...]. Assim, há uma relação estreita entre nossas práticas discursivas, os regimes de verdades nos quais eles estão inseridos e o processo de construção identitária (LOPES e FABRÍCIO, 2002, p. 16-17).

Contudo, como já assinalamos acima, ao analisarmos os relatos dos migrantes, não podemos deixar de considerar que os mesmos são integrantes de um grupo. Suas interpretações de fato vivenciadas estão inseridas na memória coletiva deste grupo, sobre um determinado espaço físico, se reportando a um lugar comum (Cururupu) que pode tornar os fatos relatados no ato da rememoração um repertório comum do grupo que os vivenciou.

Sendo assim, podemos dizer que a memória individual está povoada por elementos que se referem a conteúdos comuns do grupo ao qual pertence o migrante, pois esta é a forma mais acabada, mais singular da memória coletiva. Conforme Halbwachs (2003) sublinha o que guia o trabalho da lembrança é a prática de vida social que está presente no indivíduo que a rememora. E, diz ainda, que reconstruir fatos passados através do ato de lembrar só pode se compor a partir de referenciais significativos da prática da vida social ou “quadros sociais”, pois sem estes não possuímos um fundamento básico para o trabalho da memória.

No caso desta pesquisa, os migrantes, isto é, os entrevistados são pertencentes a uma mesma origem, os fatos por eles relatados são pertencentes a períodos bem próximos (décadas de 1960, 1970 e 1980), e eles são componentes de uma mesma associação, mas que recebem tratamentos distintos, ou seja, são lembrados de maneiras diferenciadas. Sob esse aspecto, cada fato narrado traz a marca do indivíduo que está rememorando.

A lembrança, para ser reconstruída e identificada, necessita que sua organização seja promovida a partir de elementos e noções individuais e coletivas. Assim, o autor salienta:

Não basta reconstruir pedaço a pedaço a imagem de um acontecimento do passado para obter uma lembrança. É preciso que esta reconstrução funcione a partir de dados ou de noções comuns que estejam em nosso espírito e também no dos outros, porque elas estão sempre passando destes para aqueles e vice-versa, o que será possível somente se tiverem feito parte de uma mesma sociedade, de um mesmo grupo. Somente assim podemos compreender que uma lembrança seja ao mesmo tempo reconhecida e reconstruída (HALBWACHS, 2003, P.39).

O autor observa que a memória individual está diretamente ligada a outras lembranças e por isso precisa de referenciais que a apoiem, construídas pela sociedade ou pelo grupo. Sem esse referencial, as lembranças podem comprometer o funcionamento da memória tanto individual como coletiva. Pois a memória coletiva é uma ferramenta essencial para

garantir a reconstrução individual das imagens do passado. Para que a memória pessoal se concretize ela necessariamente recorre à memória alheia, ou seja, a memória individual precisa está apoiada na memória de outrem, exercendo, portanto, a função de armazenar e salvaguardar elos entre a memória individual e a do grupo. A esse respeito, o autor continua afirmando:

Nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós vimos. Isto acontece porque jamais estamos sós. Não é preciso que outros estejam presentes, materialmente distintos de nós, porque sempre levamos e em nós certa quantidade de pessoas que não se confundem (HALBWACHS, 2003, p. 30).

Assim, a memória individual está diretamente ligada à memória do grupo, que por sua vez abarca e compõe a memória mais geral e mais ampla. Isso é o que o autor define como memória coletiva, pois em sua concepção não existe uma memória individual pura, porque o indivíduo nunca está só, sempre inserido em grupos. Em suma, a lembrança individual também depende do nível de comprometimento com o grupo. Isso se deve ao fato de que a memória dos outros reforça e completa a memória individual. O lembrar do indivíduo é dado pelo coletivo e sua memória está, portanto, articulada à memória do grupo. Para Halbwachs (2003), toda lembrança é determinada por situações presentes, ou seja, voltamos às origens dos fatos, ao passado, porém sem nos deslocarmos do presente. Dessa forma, quando o sujeito narra sua vivência, esta não pode ser analisada isoladamente e sim relacionada com todas as vivências e experiências do grupo. Cabe ressaltar aqui, que nesse processo de experiências migratórias, que, todavia, sejam individuais, as narrativas de cada membro da Associação serão analisadas com certa especificidade, mas interligadas à memória mais geral do grupo, pois, ainda segundo Halbwachs, cada indivíduo se integra de um modo próprio nas diversas redes as quais compõem e nas quais exercem atividades.

A memória coletiva de cada migrante, ou seja, de cada membro da Associação irá apresentar-se de acordo com o espaço social ocupado, sendo que esta posição se altera conforme a integração que cada indivíduo particular possui com diversos ambientes sociais. Nesse sentido, Bosi reflete:

Nessa linha de pesquisa, as relações a serem determinadas já não ficarão adstritas ao mundo da pessoa (relação entre o corpo e o espírito, por exemplo), mas perseguirão a realidade interpessoal das instituições sociais. A memória do indivíduo depende de seu relacionamento com a família, com a classe social, com a escola, com a igreja, com a profissão; enfim, com os grupos de convívio e os grupos de referência peculiares a esse indivíduo (BOSI, 1994, p.54).

Vale ressaltar que, embora o depoimento seja individual, ele apenas adquire significado e sentido quando aplicamos à comunidade social à qual esse depoente está integrado, compartilhando suas experiências com o grupo que convive ou conviveu na mesma comunidade do passado e que registra ligações com a mesma memória.

É preciso lembrar também que, sendo a memória um fenômeno social, ela carece da inter-relação com os outros para que sua construção se efetive e, posteriormente possa emergir, ganhando materialidade a partir de práticas discursivas.

Nesse percurso, longe de trazer à tona uma lembrança enterrada no passado, ao rememorar, a pessoa procura dar sentido a sua narrativa a partir de códigos, representações e valores do presente, levando, desse modo, a memória a um processo de ressignificação contínuo. E no exercício dialético de reconstruir o passado, a partir de um olhar lançado no presente, cada pessoa procura articular questões relacionadas ao seu mundo particular, ou seja, àquilo que compõe sua subjetividade com o mundo social externo.

Como vivenciador dessas experiências, surgem como consequências marcas singulares que se evidenciam tanto na formação individual quanto na construção de crenças, valores, hábitos, que são compartilhados e que irão compor a experiência histórica coletiva de diferentes grupos. Nesse sentido, Pollack reflete:

Podemos portanto dizer que a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela também é um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si (POLLACK, 1992, 204).

Assim, pode-se afirmar que, ao lado das crenças, dos valores e dos hábitos, a reconstrução da memória constitui um dos elementos principais no processo de socialização e identificação dos sujeitos.

Com base nesse pressuposto, trabalhar com o tema da mobilidade humana, a partir dos recursos da metodologia da história oral, é um dos critérios da pesquisa, lidar com sujeitos “deslocados”, pois devemos lembrar, como alerta Sayad (1998), que a mobilidade humana impõe igualmente um deslocamento identitário, na medida em que esse indivíduo se vê privado do seu local social e de suas referências simbólicas. Para aqueles que se deslocaram, ao se inserir a outros espaços sociais, investem no aprendizado e reinvenção de novos códigos sociais, apresentando-se sob outras e não só através da condição de migrante. Logo, o ato de migrar exige que o sujeito não só se posicione diante do desconhecido, mas que também perceba as diferenças e semelhanças, sobretudo, que articule estratégias no sentido de desconstruir e reconstruir suas identidades, de acordo com o contexto ao qual está

inserido, pois é a partir das experiências, dos desejos, das aspirações e motivações presentes no imaginário coletivo que o migrante operacionaliza, reconstrói seu sistema simbólico e elabora determinadas representações de si.

Desse modo, analisar o fenômeno da migração também requer uma atenção especial do pesquisador para as questões ligadas à subjetividade do indivíduo e o meio social em que está inserido.

A migração tem sido um fenômeno que tem despertado muito interesse nos estudos na perspectiva histórica, tanto locais ou nacionais, quanto internacionais e, sobretudo, entender as peculiaridades, conexões, diferenças e convergências que são inerentes ao tema.

O tempo presente desperta a atenção do historiador, por ser ele antes de tudo um sujeito, um homem que diante dos acontecimentos e problemas da realidade busca interpretá-los e sabendo que a história é o estudo da mudança das sociedades humanas e que é preciso, muitas vezes, esclarecer o presente pelo passado, como também corrigir ou confirmar suas interpretações do passado através do presente. Nesse sentido, Chartier lembra:

Com ou sem razão, para o modernista, o historiador do tempo presente, por sua capacidade de construir observatórios ajustados às suas proporções, parece estar em condições de superar entraves que classicamente limitam a investigação histórica (CHARTIER, 2006, p.215/216).

Nesse sentido, o trabalho do historiador do presente não deixa de ser exercido com menos rigor que o trabalho do pesquisador que se volta para o passado. Ambos desempenham métodos e almejam a “verdade”, mesmo sabendo que esta verdade pode ser parcial, pois sabemos que os contextos das sociedades mudam com o contexto, são temporais, e que a história precisa ser reescrita. O imperativo da “verdade” é uma das preocupações de quem tem como ofício refletir sobre o seu próprio tempo vivido. “Enfim, a história do tempo presente manifesta com peculiar pertinência a aspiração à verdade que é inerente a todo trabalho histórico” (CHATIER, 2006, p. 217).

A migração é um tema bastante trabalhado nessa perspectiva da história do presente, isso porque os sujeitos migrantes narram suas experiências do passado, sempre fazendo uma relação com o presente. Dessa forma, esse tipo de história, com novas perspectivas abertas, sugere um estudo das relações entre história e memória. Implica também, analisar as relações entre historiador e testemunha, entre passado e presente. Além disso, a história do presente pode ser entendida como uma categoria dinâmica que permite um enriquecimento da história como uma concepção interdependente e complementar entre passado, presente e futuro, mas a partir do presente.

A memória é uma fonte que está diretamente ligada com a história do tempo presente e a história oral. Um exemplo disso é a obra de Ecléa Bosi, “Memória e Sociedade: Lembranças de velhos” (1994), que mostra concretamente o que é a memória, em especial, a importância da lembrança que as pessoas velhas preservam. Trata-se de um estudo que, dentre outras abordagens, discorre sobre os meandros da memória. Esse trabalho sugere uma aproximação sobre as múltiplas formas de compreensão da memória, além disso, o trabalho da autora perpassa pela filosofia, psicologia social e pela história, revelando o potencial e também os riscos que a memória pode reservar.

Assim, podemos perceber que os migrantes buscam preservar suas lembranças do tempo que passaram no interior, a chegada à capital e a adaptação, valorizando suas experiências e desejando resgatar alguns valores perdidos no tempo. Percebemos, ainda, que é possível reconstruir parcialmente a história desses migrantes, permitindo o conhecimento da migração e forma de sociabilidade que eles desenvolveram.

Embora, alguns autores recomendem cautela na utilização da história oral, grande parte deles concorda que, em alguns casos, especialmente naqueles em há escassez de outros documentos (diga-se de passagem, que é o caso desta pesquisa), esse tipo de fonte torna-se fundamental, sobretudo quando se procura conhecer a história do presente.

2.3 Perfis dos migrantes entrevistados

Os entrevistados são os migrantes membros da Associação dos Filhos e Amigos de Cururupu, escolhidos a partir de critérios já acima mencionados. São pessoas de idades diferentes, de formações diferentes e que migraram para São Luís em períodos diferentes, entre as décadas de 1960/ 70 e 80. Porém, eles possuem algo em comum. Todos os entrevistados vieram para São Luís com o objetivo de estudar, têm idades acima de 40 anos, possuem escolaridade de nível superior e demonstram pertencerem à mesma religião, com exceção do senhor José de Ribamar Trovão e da senhora Mari Heler que afirmam ser espíritas. Apesar de a Associação frisar no seu estatuto que não possui uma religião definida, a partir dos relatos colhidos percebemos a forte crença na doutrina católica.

O senhor José de Ribamar Trovão tem 78 anos, com formação em Geografia, licenciado, com mestrado e doutorado na área de concentração e organização do espaço. Foi, durante 28 anos, professor da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), 8 anos professor da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), 12 anos professor da Faculdade São Luís,

têm 54 anos de docência. Atualmente trabalha no IMESC (Instituto Maranhense de Estudos Socioeconômicos e Cartográficos). É um membro bastante assíduo e participativo na Associação, possui projetos elaborados na área de urbanização e na área cultural que a Associação pretende desenvolver na cidade de Cururupu. O professor Trovão veio para São Luís em 1960 com o objetivo de fazer um curso técnico e voltar para trabalhar no município, porém acabou ficando, segundo o seu relato, conseguiu logo um emprego e desejava muito melhorar de vida. Depois de estabelecido, ele se tornou uma referência para outros migrantes que decidiram partir em busca de um sonho, sua casa tornou-se uma espécie de “hospedagem” para amigos e parentes que se arriscaram na empreitada de conquistar uma vida diferente daquela que possuíam no interior.

O senhor Paulo Silvestre Avelar Silva é formado em Direito e Promotor de Justiça. Membro fundador, atual presidente da associação eleito no ano de 2014, com mandato de dois anos. Muito empenhado em desenvolver os trabalhos da Associação, além de presidir a entidade, ele também desempenha assessoramento jurídico nos projetos desenvolvidos. O Promotor Paulo Avelar veio para São Luís em 1973, com o objetivo de estudar. Estudou na Escola Técnica Federal do Maranhão, formou-se em Direito pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA).

A senhora Mari Heler Trovão Ribeiro Barbalho, tem 68 anos, formada em Serviço Social pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA), saiu de Cururupu em 1966, também com o objetivo de estudar, de fazer o curso de Magistério (o antigo curso normal) e voltar para ser professora em Cururupu. Incentivada pelo primo, o senhor José de Ribamar Trovão, ela permaneceu em São Luís e tentou o vestibular. E ingressou na universidade, onde se formou em Serviço Social. Hoje trabalha na Secretaria Municipal de São Luís da Criança e Assistência Social (SEMCAS). Fez parte da primeira diretoria da Associação como diretora artística por dois mandatos. É uma associada bastante assídua e participativa, está em quase todas as ações desenvolvidas pela Associação.

A senhora Amélia Brito Costa, tem 54 anos, formada em Letras pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA), com especialização em leitura e produção de texto pela PUC de Belo Horizonte; professora da rede pública de ensino. Saiu de Cururupu em 1978, aos dezoito anos de idade para estudar. Fez parte da primeira diretoria da Associação como secretária. Hoje está na suplência da secretaria. Associada bastante assídua está sempre à frente dos trabalhos que são desenvolvidos pela Associação.

A senhora Núbia de Fátima Diniz Nogueira, tem 53 anos, é formada em pedagogia pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), com especialização em gestão, orientação e supervisão escolar. Chegou a São Luís entre os anos de 1980 e 1982 (não lembra muito bem), veio para trabalhar, transferida. Formou-se depois de estabelecida. É professora da rede pública de ensino. Faz parte da diretoria, exerce o cargo de secretária e está sempre à frente das ações que a associação desenvolve na cidade de Cururupu.

Trabalhamos, portanto, com o depoimento destas pessoas, estritamente ligadas ao início e cotidiano da Associação para compreendermos além dos processos que levaram a essas pessoas a abandonarem sua cidade natal, em busca de uma vida em São Luís, mas também a identidade desta associação está integrada à identidade deles como cururupuenses.

Além da Associação dos Filhos e Amigos de Cururupu, trabalhamos também com outra Associação chamada Instituto Negro Cosme, foi fundada em 2007, foi registrada como Instituto há dois anos. Instituição formada por migrantes cururupuense, que possui objetivos semelhantes a AFAC, isto é, trabalham em prol de Cururupu, principalmente no aspecto cultural, empenhados em resgatar a cultura desse município. Foi esse Instituto que elaborou o “Encontro de carros de bois” que acontece todos os anos naquele município. Aqui, o Instituto Negro Cosme está representado por Terezinha Domingas de Jesus Carvalho, tem 56 anos e chegou a São Luís em 1969; José Luís Carvalho tem 56 anos e chegou a São Luís em 1969; Joilton Tobias Pereira tem 44 anos e chegou a São Luís em 2010 e Julho Carvalho, que é de São Luís e participa da entidade porque gosta de trabalhar com cultura popular.

Entrevistamos também outras pessoas que saíram de Cururupu recentemente, e que não estão ligadas a nenhuma das associações, com o intuito de compararmos a migração de décadas anteriores com a atualidade, se ainda acontecem e os motivos que impulsionam.

Demeson Rodrigues Monteiro tem 38 anos, cursou até o 7º ano. Saiu de Cururupu em 2012 com a intenção de trabalhar.

Nelsita Pires Cruz tem 38 anos é estudante de pedagogia, saiu de Cururupu em 2015 com a intenção de estudar e trabalhar.

Taise Costa Rabelo tem 18 anos, saiu de Cururupu em 2016. Fez o Ensino Médio em Cururupu e veio para São Luís fazer faculdade, ainda não conseguiu entrar na faculdade, mas continua tentando.

Kessia Nogueira Coimbra Frazão tem 32 anos, com formação em Gestão de Recursos Humanos. Filha a da associada da AFAC, Núbia Nogueira. Nasceu em Cururupu, chegou a São Luís em 1986 aos 2 anos de idade.

É possível notar aqui que os entrevistados vieram para São Luís em períodos diferentes, dessa forma, fica bastante claro que a migração ainda acontece e o fator que impulsiona ainda são semelhantes, porém existem outros, conforme analisaremos mais detalhadamente no próximo capítulo.

Capítulo II

3 CURURUPU: migração, memória e identidade.

Os deslocamentos são fenômenos relevantes para a compreensão da contemporaneidade. Sabemos que a migração é um fenômeno bastante conhecido, muito comum entre os povos do mundo todo. Essas migrações acontecem por vários fatores, quais sejam: econômicos, sociais, religiosos, por conta das guerras, entre outros. Existem, ainda, migrações relacionadas a gêneros, migrações internacionais, porém a migração que trata este trabalho está relacionada com a saída de pessoas do interior para a capital, mais precisamente, pessoas que saíram do município de Cururupu, no interior do Estado do Maranhão e se estabeleceram na capital, São Luís.

Entre as décadas de 1950 e 1960, esses deslocamentos no Brasil ficaram conhecidos como êxodo rural, por se tratarem de deslocamentos entre cidades do interior e cidades grandes, conhecidas como grandes centros urbanos. Segundo Portela / Vesentini, (2004), êxodo rural é definido como sendo o deslocamento de pessoas da zona rural (campo) para a zona urbana (cidades), isso ocorre quando os habitantes do campo visam obter melhores condições de vida.

Hoje há uma ambiguidade na definição de rural e urbano, a industrialização já chegou às pequenas cidades, está cada vez mais difícil definir rural e urbano. Nas palavras de Lefebvre, (1999, p. 17) “O tecido urbano prolifera, estende-se, corrói os resíduos da vida agrária”. Nesse sentido, algumas cidades do interior não se sentem rurais, pois já perderam os elementos que a define como tal. Outro autor que se refere a essa difícil definição é Silva, pois afirma que:

[...] está cada vez mais difícil delimitar o que é rural e o que é urbano. Mas isso que aparentemente poderia ser um item relevante, não o é: a diferença entre o rural e o urbano é cada vez menos importante. Pode-se dizer que o rural hoje só pode ser um *continuum* do urbano do ponto de vista espacial; e do ponto de vista da organização da atividade econômica, as cidades não podem mais ser identificadas apenas com a atividade industrial, nem os campos com a agricultura e pecuária (SILVA, 1997, p.01)

Contudo, a migração rural/urbana é marcada pela mudança de pessoa do que é conhecido como espaço rural para o espaço urbano, tendo diversos fatores de influências e sendo atualmente um dos temas de discussão na historiografia contemporânea.

Segundo Feitosa (2006), podemos definir migração como entrada e saída de pessoas de seu lugar de origem para outro lugar. De acordo com Johnson (1997, p. 148), “Migração é o movimento físico de indivíduos dentro e entre sistemas sociais. É importante

pelo efeito que produz sobre áreas que perdem migrantes através de emigração e áreas que os recebem por imigração”. Já no campo da história, o historiador Alistair Thomson define de maneira mais ampla o fenômeno da migração:

Defino “migração” incluindo tanto migrações internacionais quanto intranacionais e, como a maioria dos estudos de história oral, enxergo a passagem física da migração de um lugar para outro como apenas um evento em uma experiência migratória que abarca velhos e novos mundos e que continua por toda a vida do migrante e pelas gerações subsequentes (THOMSON, 2002, p.341/342).

Podemos notar isso pela necessidade da formação da Associação. Ou seja, a experiência migratória persiste. As migrações atuais em geral retratam uma transição de paradigmas decorrente de estruturas criadas no bojo da modernidade, onde sociedades inteiras são modificadas em decorrência das movimentações de pessoas entre os espaços físicos. Dessa forma Gonçalves afirma que:

As MIGRAÇÕES costumam figurar como um lado visível de fenômenos invisíveis. Aparecem muitas vezes como a superfície agitada de correntes subterrâneas. Verdadeiros termômetros que, ao mesmo tempo, revelam e escondem transformações ocultas. Os grandes deslocamentos humanos, via de regra, precedem ou seguem mudanças profundas, seja do ponto de vista econômico e político, seja em termos sociais e culturais. Os maremotos históricos provocam ondas bravias que deslocam em massa populações e povos inteiros. Numa palavra, a mobilidade humana é em geral um sintoma de grandes transições. Quando ela se intensifica, algo ocorreu ou está para ocorrer, ou melhor, algo *está ocorrendo* nos bastidores da história. (Grifo do autor) (GONÇALVES, 2001, p.173).

Dessa forma, o estudo da migração se volta para a saída de pessoas que se deslocaram do interior para a cidade em um movimento que tem suas origens em tempos longínquos, fenômeno este conhecido como migração rural/urbana e ou ainda como êxodo rural, como já mencionamos. Porém, há uma pequena diferença entre esses dois termos que caracterizam a saída de pessoas do campo para a cidade. De acordo com Evangelista e CARVALHO, (2001, p.01), “Assim, o êxodo rural seria uma aceleração da migração rural urbana, às vezes caracterizando mesmo um processo de expulsão”. Neste sentido, o êxodo rural difere-se em parte da migração rural/urbana, quando esta é mais leve e sugere motivos menos agressivos que os causadores do êxodo rural. Com base nestas afirmativas consideramos o termo migração rural/urbano mais apropriado para este estudo, já que os migrantes aqui entrevistados não se sentem oriundo do campo; os elementos que compõem o campo nunca estiveram presentes na vida desses migrantes, de acordo com seus relatos.

Portanto, o termo utilizado para caracterizar os movimentos populacionais entre Cururupu/ São Luís entre as décadas 1980 a atualidade, será notadamente rural/urbano, uma

vez que esta não se caracterizou por uma expulsão maciça desta população – como sugere o êxodo rural – mas sim, uma saída paulatinamente no decorrer desses anos, porém com uma expressividade notável para os moldes do município.

Muitos estudos apontam que a migração está diretamente relacionada à busca pela melhoria de vida e, é sempre um dilema na vida desses migrantes no que se refere à busca de um lugar melhor para se viver, percebemos também que os maiores deslocamentos ocorrem nas zonas rurais dos estados, ou seja, as pessoas do interior dos estados migram para várias regiões em busca de novas oportunidades nos grandes centros urbanos, alguns buscam oportunidades em outros estados, outros buscam na capital, como é o caso de São Luís. Esses fenômenos são causados, muitas vezes, pela precariedade dos serviços públicos em determinados municípios menores, e/ou pela falta de políticas públicas, tais como: saúde, educação, emprego, etc. Nesse sentido, (PAIVA, 2013, p. 9) se refere:

Por um lado, os deslocamentos populacionais podem ser compreendidos a partir de perspectivas macroestruturais. Os deslocamentos de homens, mulheres e crianças é resultado de determinações econômicas e políticas; ele é apreendido como um processo no qual suas razões explicativas não fazem parte das experiências de vida daqueles que se deslocam. Neste sentido, na noção de migração ou imigração, a variável explicativa está, na maioria das vezes, para além dos sujeitos que se deslocam.

De acordo com o autor, a mobilidade das pessoas está quase sempre determinada por fatores econômicos, por uma estrutura macro, mais ampla, dessa forma, o sentido da migração está para além dos sujeitos que migram, porém muitas vezes a migração é determinada por questões do cotidiano. Assim sendo, sair de um lugar para outro é sempre uma tomada de atitude que exige sacrifícios das famílias. Em algumas vezes, essa partida acaba rompendo com laços familiares, isto é, perdendo de certa forma as suas referências. Mas afinal, quem são essas pessoas que se arriscam ao buscar outras oportunidades, melhores condições de vida em outros ambientes culturais? Quem são esses atores que ao se deslocarem são enredados em teias sociais pré-existentes, são submetidos às novas regras de comportamento e representações desses lugares, ao mesmo tempo em que ressignificam identidades e práticas culturais locais nas suas apropriações e reapropriações? (FERREIRA, 2010).

Ao se deslocarem, por qualquer que sejam os motivos, os migrantes estão sujeitos a uma readaptação, a um reajustamento no novo espaço cultural, tal reajustamento constitui um dos aspectos fundamentais relativos ao processo migratório, podendo ser dividido em dois fatores que intervêm no processo de reajustamento desses indivíduos. São eles, os que dizem respeito às características individuais de cada migrante e ao se relacionarem com as

características fundamentais do seu lugar de origem e o do lugar de destino entre os quais se relacionam as readaptações e o reajustamento ao novo espaço cultural.

3.1 Caracterização do território



Fonte: GoogleMaps

Na Microrregião do Litoral Ocidental Maranhense está localizada a cidade de Cururupu, juntamente com os municípios de Alcântara, Apicum-Açú, Bacuri, Bacurituba, Bequimão, Cajapió, Cedral, Central do Maranhão, Guimarães, Mirinzal, Porto Rico do Maranhão e Serrano do Maranhão. Juntos, ocupam uma área de 9.157,45080 km² com uma população de 183.749 habitantes. O município de Cururupu é aquele que detém o maior número de habitantes, com uma população estimada em 33.745 habitantes. A maioria da população concentra-se na área urbana, com 22.216 habitantes, enquanto a área rural possui 10.378 habitantes, de acordo com o Censo de 2010 (IBGE).



Arquipélago Maiaú⁴

Fonte: Denilson Amorim⁵

A economia dessa Microrregião tem como atividades principais, a agricultura – principalmente a mandioca para a produção de farinha para o consumo da família e para a comercialização – e a pesca artesanal. “Toda a sua produção é comercializada na própria

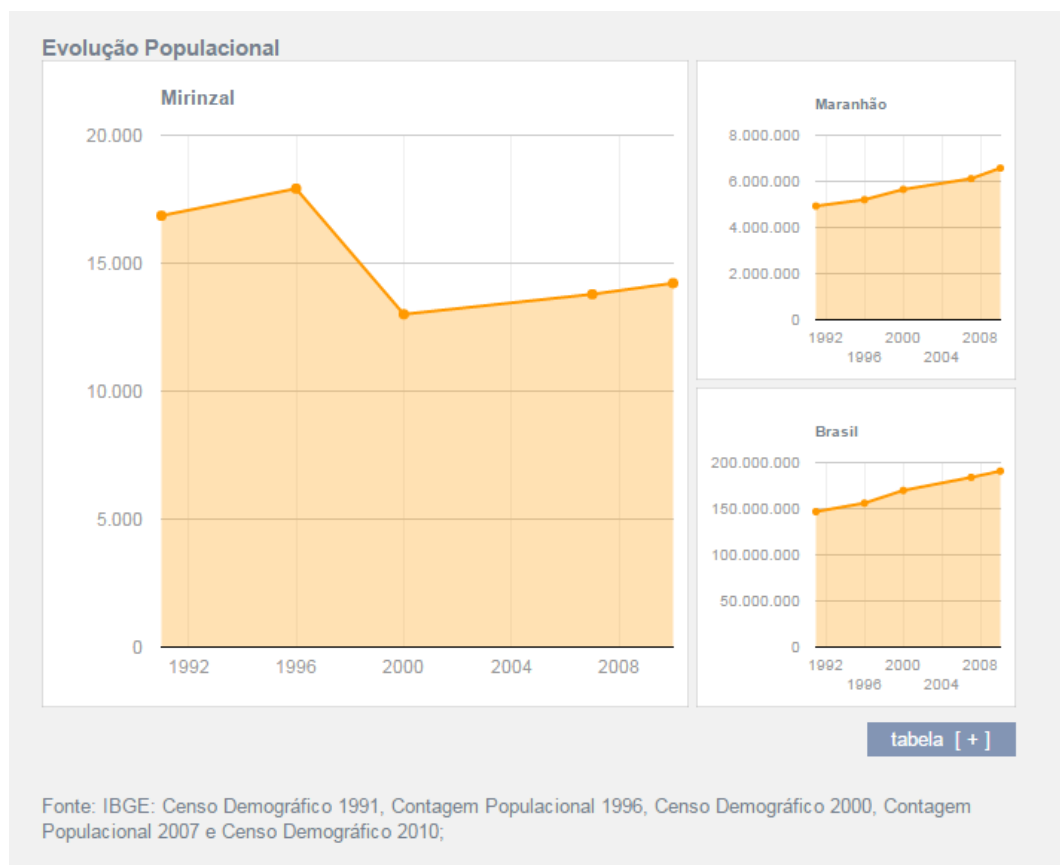
⁴ Esse arquipélago está localizado em Cururupu e é composto pelas Ilhas: Guajerutúia, São Lucas, Bate Vento, Mirinzal, Retiro, Lençóis, Peru, entre outras (IMESC,2012).

⁵ www.uniblog.com.br/praiadeperu/501568/o-arquipelago-de-maiau-ou-sao-joao-e-a-reserva-extrativista-de-cururupu.html. Acesso em Janeiro de 2015.

microrregião, exceto o peixe e o camarão que dispõem de mercados garantidos em São Luís, Bragança e Belém no Estado do Pará, principalmente” (IMESC, 2012, p.23).

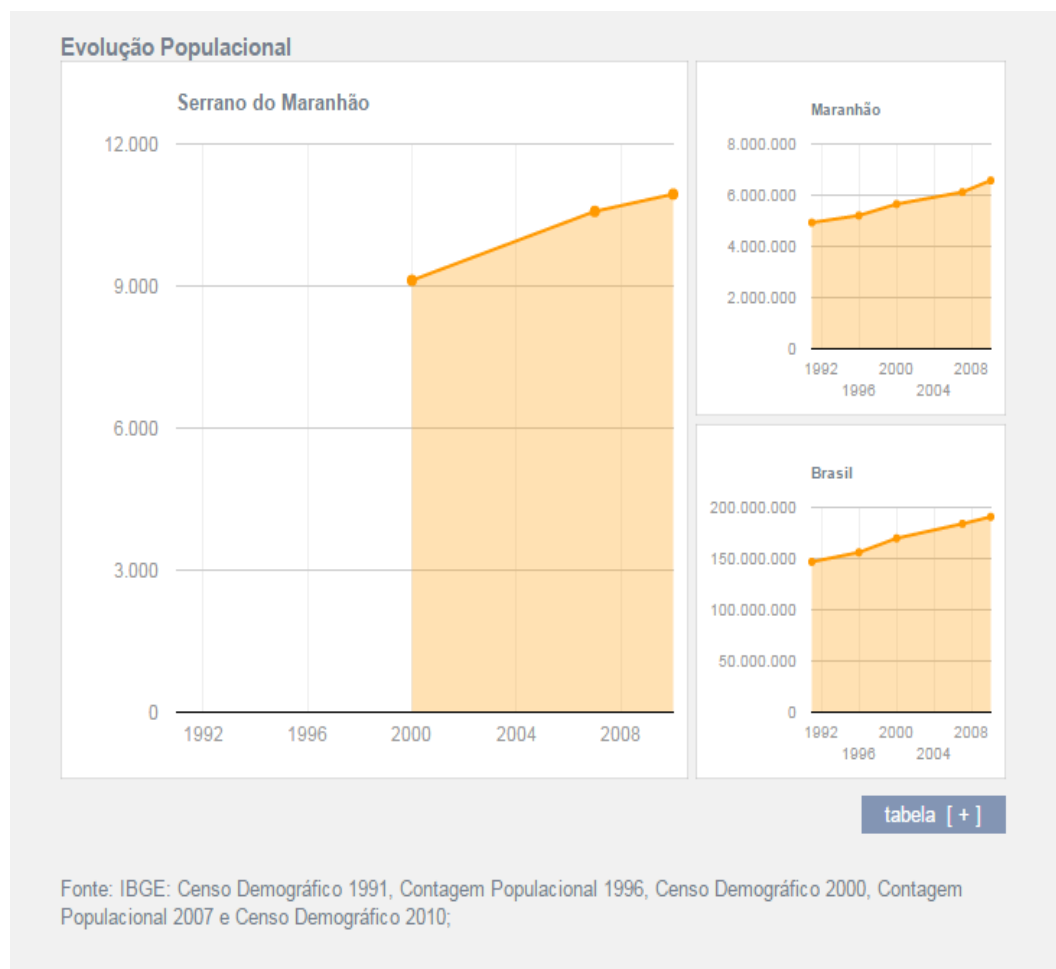
Há ainda, para a Região descrita, uma escassez de referência em estudos historiográficos, apesar de acontecer um fenômeno que nos chamou bastante atenção. A cidade de Cururupu, segundo aponta os estudos do IBGE, ter visto sua população, nas últimas décadas, decrescida sistematicamente. Em 1980, o Censo mostrava que a população da cidade era de 38.083 habitantes, em 2010 são de 32.652 (IBGE, 2010). E em 2014 a população é 31.027, de acordo com a estimativa populacional do (IBGE, 2014), a população continua diminuindo. Segundo o Órgão, a cidade de Cururupu é a única na região que possui um crescimento vegetativo negativo nos últimos anos. Entender as causas desse fenômeno é um dos objetivos da nossa pesquisa. Os destinos desses indivíduos, tal como foi exposto anteriormente, são diversos, no entanto, nos interessa aqueles que elegem como destino a capital do estado, São Luís.

A seguir, faremos uma comparação sobre a evolução populacional de alguns municípios da Região do Litoral Ocidental, mais especificamente aos municípios que ficam mais próximos de Cururupu, com o objetivo de analisar o desenvolvimento da população desses municípios, no que se refere ao crescimento em relação a Cururupu, de acordo com os dados coletados pelos órgãos oficiais IBGE e IMESC.



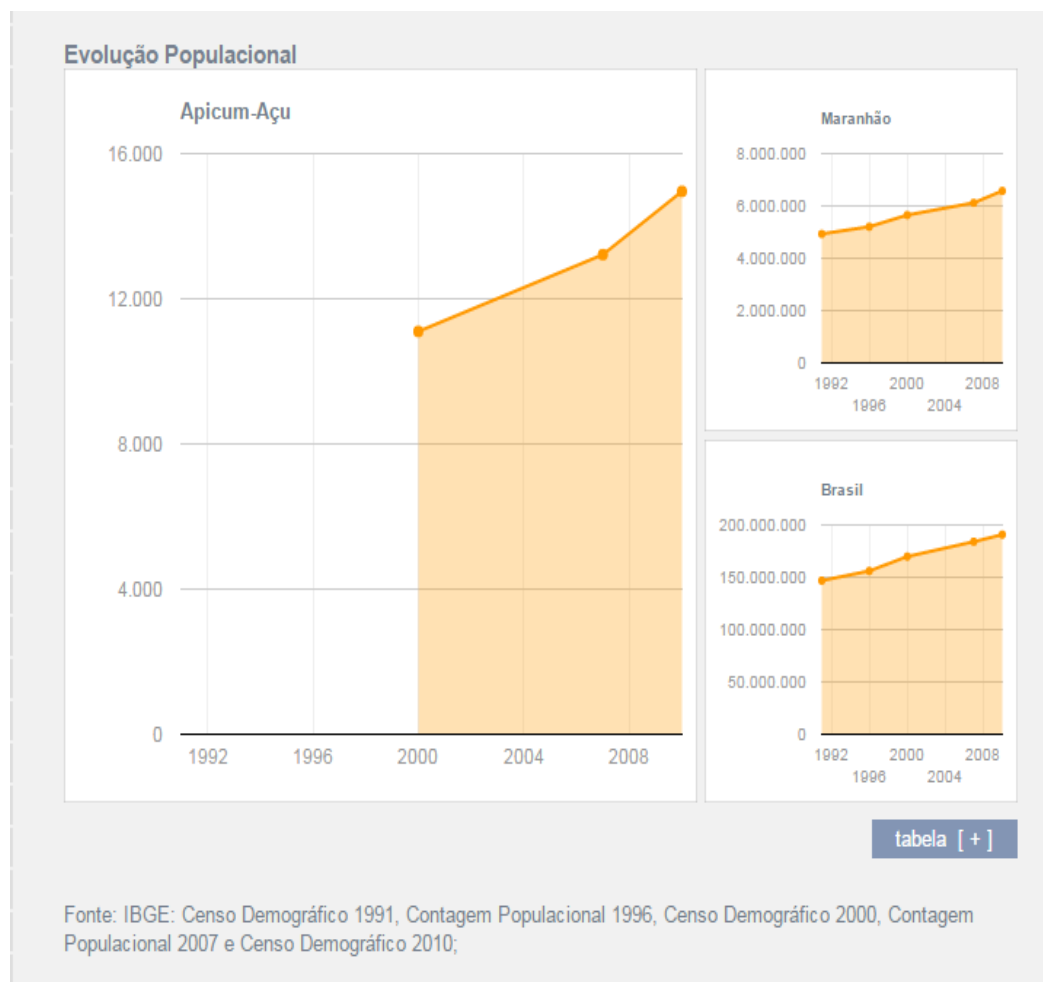
O município de Mirinzal fica distante de Cururupu em torno de 32Km. Sua atividade econômica está ligada, segundo (IMESC, 2012), ao setor primário, destacando-se a agricultura, a pecuária e o comércio, com o PIB de R\$ 54.796,00 e IDH 0,622 (IBGE, 2010).

O gráfico populacional de Mirinzal mostra que houve uma diminuição na população, Em 1991, a população era 41. 332, em 1996, 40.733, em 2000, passou para 33.747 habitantes, houve uma diminuição bastante significativa, porém, nos anos de 2000 até 2010, segundo os dados do (IBGE, 2010), a população desse município voltou a crescer.



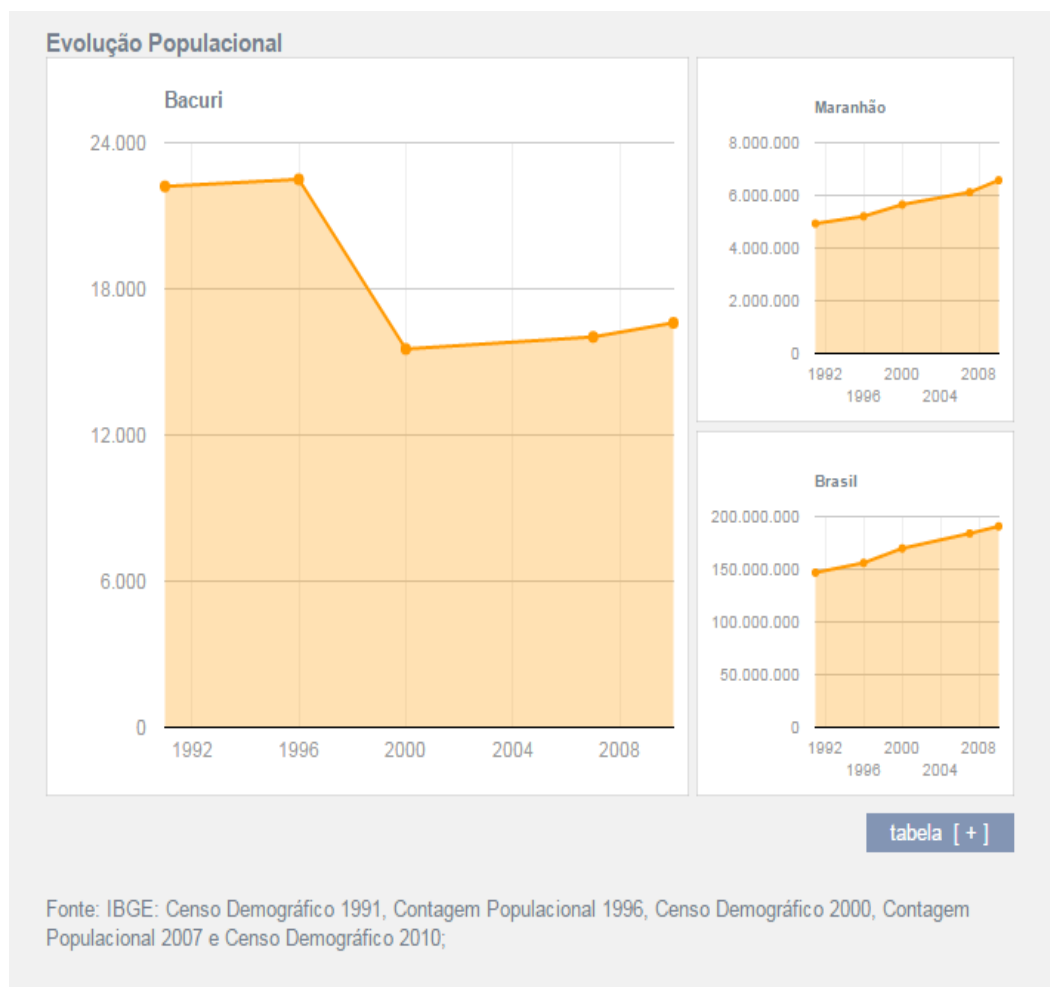
O município de Serrano do Maranhão foi criado em 10 de novembro de 1994 pela Lei estadual número 6.192, sendo seu território emancipado de Cururupu. Com um PIB de R\$ 40.266 e um IDH de 0,519. Tem como atividade econômica principal a agricultura, com destaque para a mandioca, para a produção de farinha, milho, feijão e arroz, todos comercializado no próprio município e áreas vizinhas, segundo o (IMESC, 2012).

O gráfico acima mostra a evolução populacional do município de Serrano do Maranhão. De acordo com o (IBGE, 2010), a população desse município tem crescido desde a sua emancipação, o primeiro censo populacional ocorreu no ano de 2000, a população era de 9.120, em 2007 aumentou para 10.576 e em 2010 a população é de 10.940. É notável o crescimento da população no município.



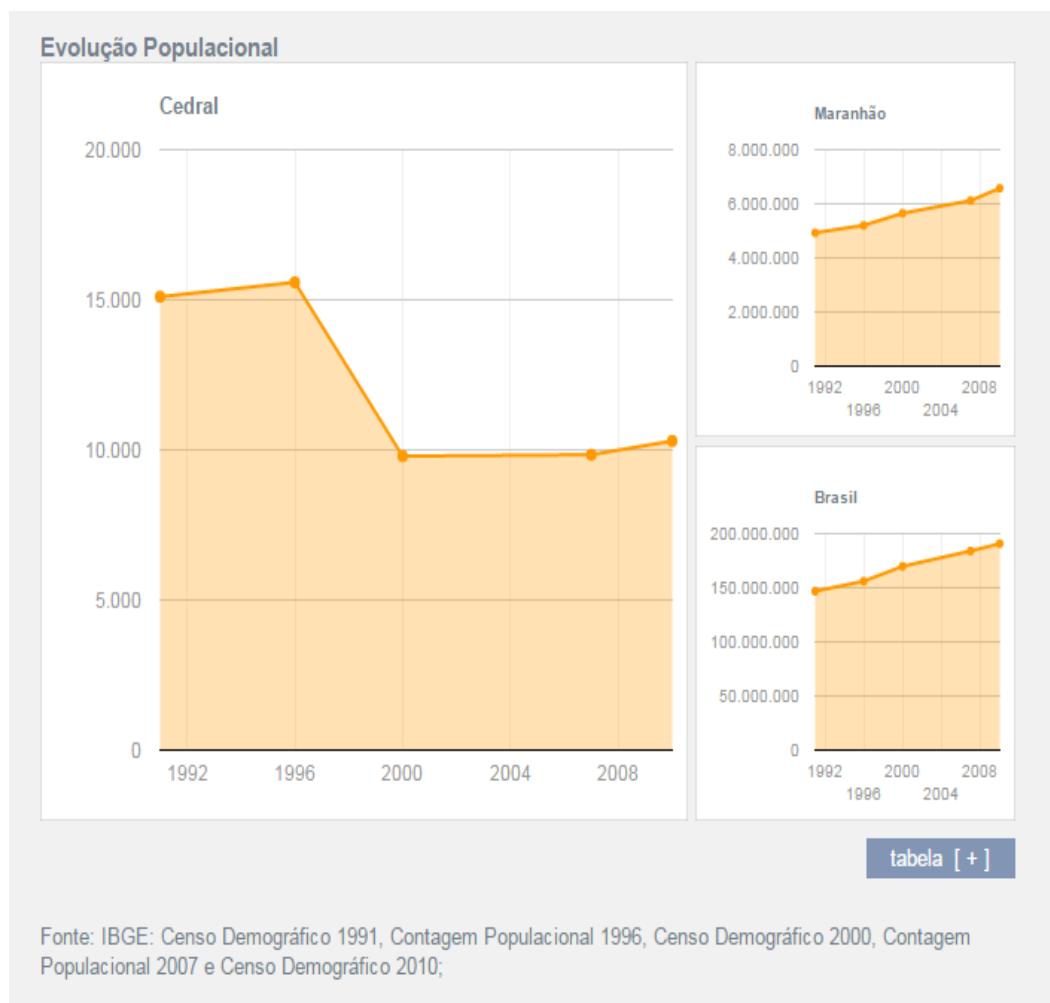
O município de Apicum-Açu tem como principais atividades econômicas a pesca, por se tratar de uma cidade litorânea e a agricultura que é temporária e de subsistência, com destaque para a cultura da mandioca para a produção de farinha. Possui um PIB de R\$ 72.368 e o IDH de 0,568 (IMESC,2012).

O gráfico populacional do município de Apicum-Açu, de acordo com o (IBGE, 2010), mostra que a população vem crescendo a cada censo, no ano de 2000 a população era de 11.099 habitantes, em 2007 passou para 13.216 e em 2010, 14.959, um crescimento bastante significativo.



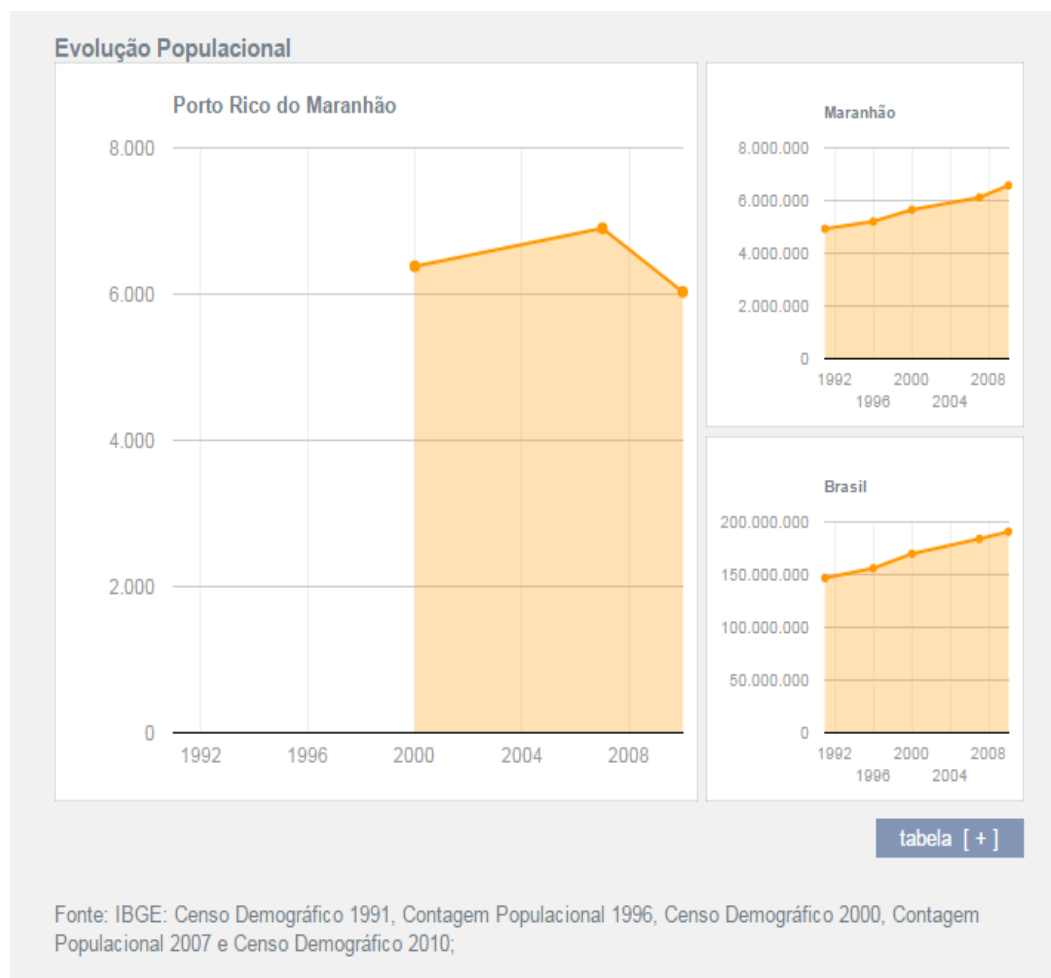
O município de Bacuri fica aproximadamente 50 km de distância de Cururupu, a sua economia está baseada nas atividades primárias, a agricultura e a pecuária. Possui um IDH de 0,578 e um PIB de R\$ 75.199 de acordo com o (IMESC, 2012). O gráfico populacional demonstra que o número da população esteve em queda, porém nas últimas décadas a população volta a crescer.

Segundo o (IBGE, 2010), em 1991, a população era de 22.205 habitantes, em 1996, passou para 22.496, em 2000 eram de 15.531, mas em 2007, passa para 16.026 habitantes, pode-se dizer que foi um tímido crescimento, ainda assim, é um crescimento.



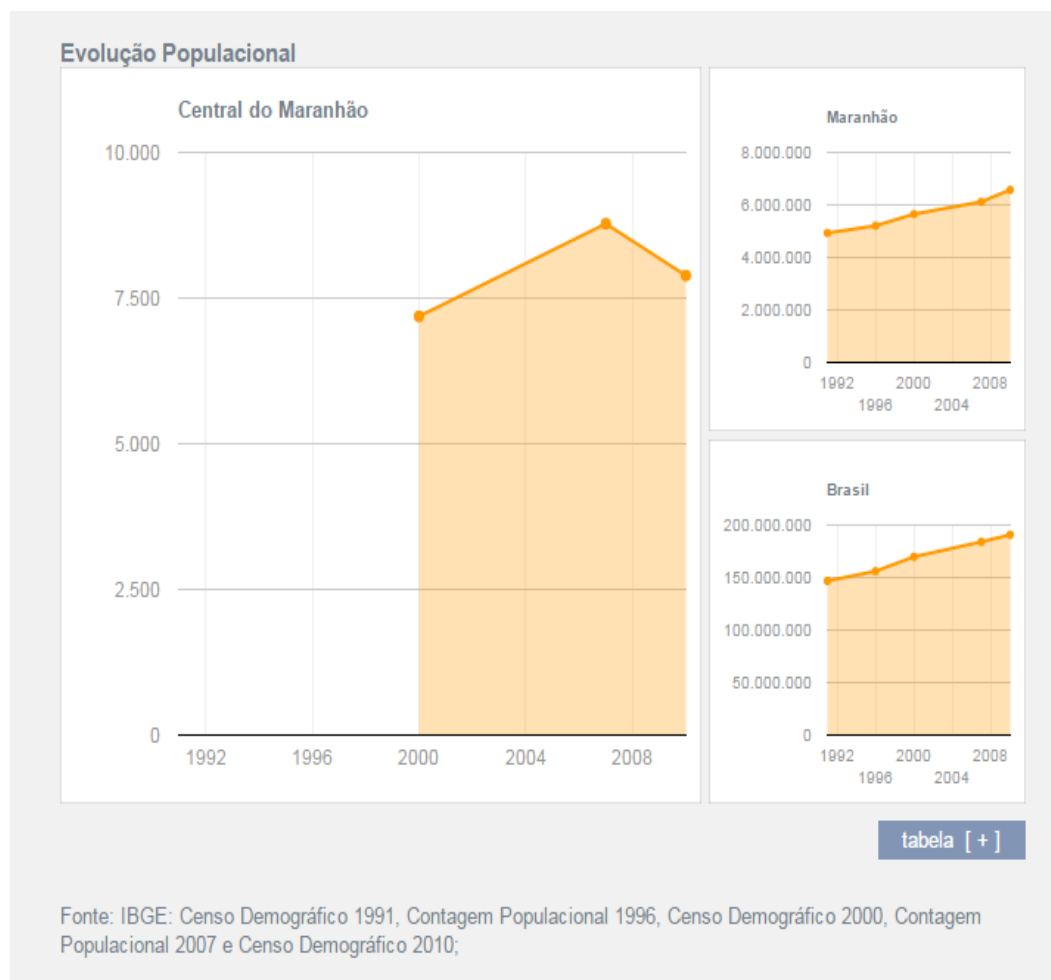
O município de Cedral foi emancipado de Guimarães pela Lei Estadual Nº 2.378 de 09 de Junho de 1964. Fica aproximadamente 65 Km de distância de Cururupu. A base de sua economia está assentada na atividade agrícola, com destaque para a cultura da mandioca para a produção de farinha e na pesca, possuindo um IDH de 0,605 e um PIB de R\$ 46.551 de acordo com o (IMESC, 2012).

O gráfico populacional demonstra uma queda significativa entre os anos de 1996 a 2000, mostra ainda, que no ano de 2007 para 2010 houve um crescimento da população. Em 1991, o número da população era de 15.104, em 1996, passou para 15.583, em 2000 era de 9.743, em 2007, passou para 9.841 e em 2010 aumentou para 10.297 habitantes.



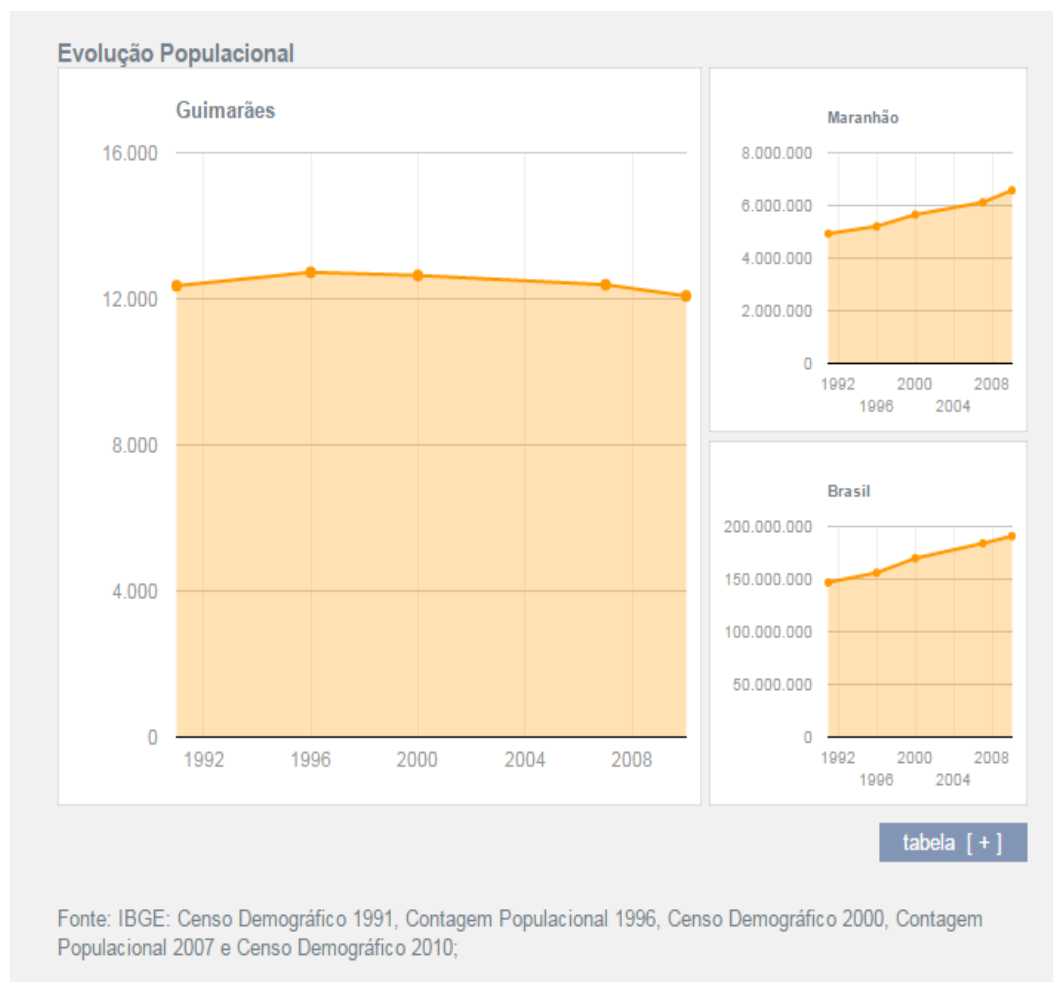
Porto Rico do Maranhão foi emancipado do município de Cedral pela Lei Estadual N° 6.134 de 10 de novembro de 1994, teve suas divisas retificadas pela Lei N° 7.520 de 29 de maio de 2000. Possui sua economia assentada no setor primário, com destaque para a pesca, a agricultura com cultura da mandioca para a produção de farinha, direcionada para a subsistência, com o IDH de 0,615 e um PIB de R\$ 26.753 (IMESC, 2012).

O gráfico populacional demonstra que o município vem diminuindo sua população ao longo dos anos de 2007 para 2010. Em 2000 a população era de 6.380, em 2007, passou para 6.900 e em 2010 era de 6.030 habitantes. Nota-se uma diminuição na população, porém deve-se levar em consideração a idade do município.



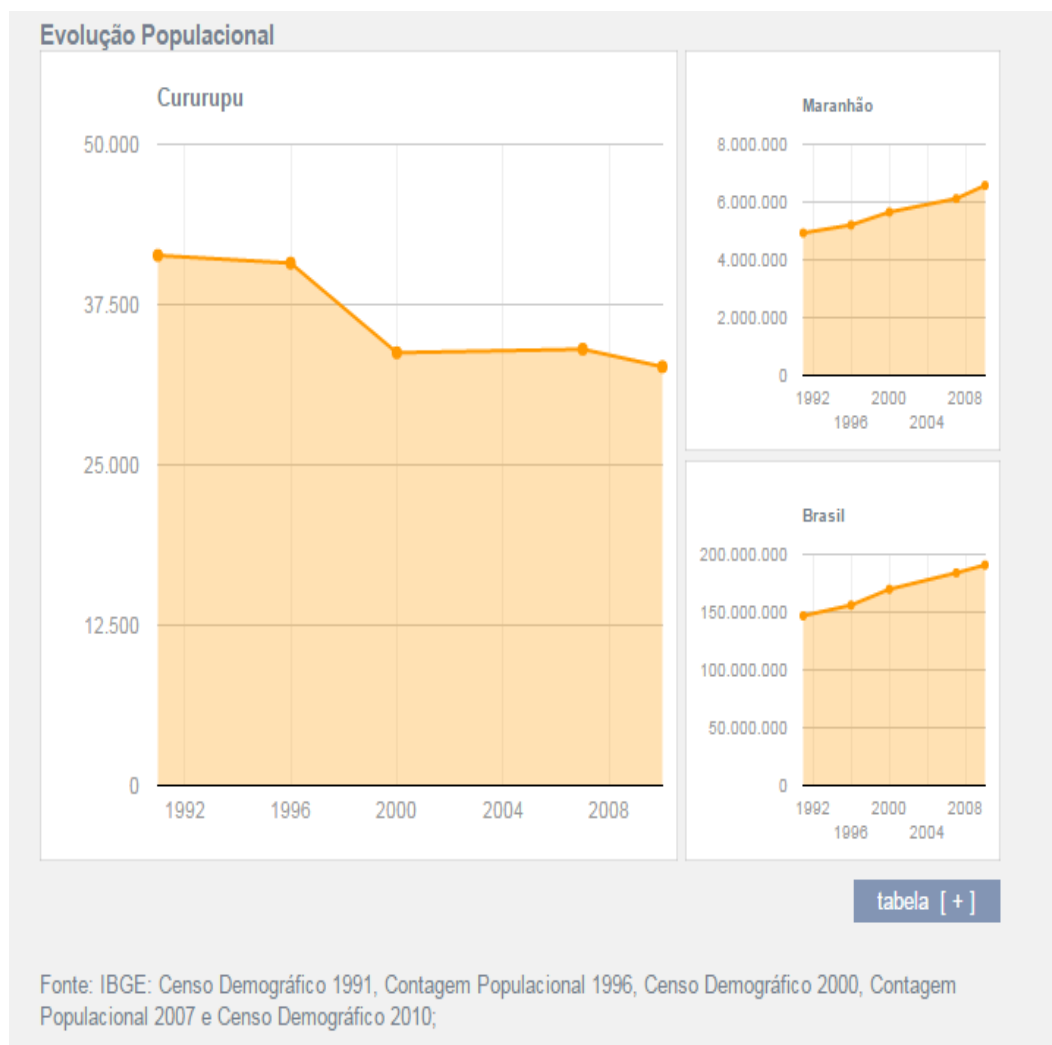
O município de Central do Maranhão foi desmembrado de Mirinzal, pela Lei Estadual Nº 6.175, em 11 de novembro de 1994. Possui um IDH de 0,585 e um PIB de R\$ 30.660 ocupa a posição de 205ª no Estado. Sua economia é assentada na pesca, na agricultura, a pecuária e o extrativismo (IMESC, 2012).

O gráfico populacional demonstra que no ano de 2000, a população era de 7.186, em 2007, era de 8.776 e em 2010 passou para 7.887 habitantes.



O município de Guimarões foi fundado na condição de vila em 1758, o município mais velho da Região Litoral Ocidental depois de Alcântara. O município está localizado na Área de Proteção Ambiental (APA), Reentrâncias Maranhenses, onde há um potencial turístico com a chamada “floresta dos guarás”. Com um acervo arquitetônico colonial bastante conservado. A sua economia é resultado das atividades primárias, a agricultura, a pesca e a pecuária, com destaque para a produção de arroz, cana-de-açúcar, feijão, mandioca, melancia e milho (IMESC, 2012).

De acordo com o (IBGE, 2010), Guimarões possui um PIB de R\$ 55.760 e o IDH de 0,625. O gráfico populacional, se mantém bastante estável. Em 1991, a população era de 15.104, em 1996, passou para 15.538, em 2000 era de 9.793, em 2007 passou para 9.841 e em 2010 é de 10.297 habitantes.



A partir do gráfico acima se pode notar como a população da cidade de Cururupu, de acordo com o IBGE, foi diminuindo sistematicamente. De acordo com o gráfico, em 1991 a população era 41.332, em 1996 é 40.733, em 2000 é 33.747 e em 2010 essa população está 32.652 habitantes. O que não acontece com os outros municípios da região. Possui um PIB de R\$ 151.726 e o IDH 0,605.

Assim, é possível perceber que os outros municípios têm certa estabilidade na evolução populacional, ou seja, há uma oscilação no que se refere aumento e diminuição, com exceção de Porto Rico do Maranhão e Central do Maranhão que também tiveram uma diminuição na sua população, contudo, esses dois municípios foram emancipados há pouco tempo, em relação à Cururupu. No gráfico populacional de Cururupu o que está claramente é uma diminuição sistemática de acordo com o mesmo. Ainda é possível perceber, que o gráfico acima registra o movimento populacional do ano 1992 até 2010, que foi o último censo, na estimativa populacional do (IBGE, 2015) é de 30.913hab.

Outra observação relevante, é que todos esses municípios têm muita semelhança entre si, a economia é baseada no setor primário, têm IDH relativamente baixos, comparados a média nacional. Embora Cururupu tenha o maior PIB dentre eles, seja maior município, mas também a sua população é a que mais diminui.

A cidade de Cururupu tem a sua economia assentada na agricultura e na pesca, que desempenham um papel fundamental na economia do município, porém a falta de assistência técnica, a utilização de métodos rudimentares e a falta de políticas públicas adequadas levam a um baixíssimo índice de produtividade. Possui ainda, uma tímida atividade industrial que se restringe a fabricação de gelo, localizada na zona rural e na sede do município e, também dois estaleiros que atendem à demanda local e global com embarcações de grande porte destinada para as regiões Sul e Sudeste do país. (IMESC, 2012).

E, ainda, nos últimos anos vem se desenvolvendo uma pequena atividade turística na cidade de Cururupu, isso se dá em função de uma exuberante beleza paisagística e das reentrâncias.⁶ O município abriga arquipélagos cujas ilhas apresentam grandes extensões de belas praias e de uma fauna bastante diversificada chamada de “Florestas dos Guarás”, devido à grande quantidade de pássaros de cor vermelha denominados guarás, assim, como a ilha lendária Lençóis e outras ilhas pertencentes ao município, de acordo com o IMESC:

O litoral cururupuense esconde tesouro, lendas e santuários ecológicos preservados, sem ação antrópica, com lugarejos com características próprias e de impressionante beleza, que fazem do município um dos maiores pólos dos ecoturismos do Maranhão. Particularizando a parte do litoral destacam-se: Parcel de Manoel Luís, Farol de São João, ilha dos Lençóis (IMESC, 2012, p. 194).

A ilha de Lençóis faz parte do santuário ecológico muito conhecido no Brasil, essa ilha tem uma ligação muito forte com o imaginário popular, é a ilha do Rei Sebastião, do “Touro encantado” que já foi tema de várias reportagens de jornais. Seus habitantes, com muita incidência de albinos, são relacionados com os “encantados” e a lenda do Rei Sebastião. Cercada de dunas de areias finas, abrigam lagoas de água doce e transparentes. Além da ilha de Lençóis, existem outras ilhas como: Bate-vento, Mangunça, Guajerutíua, Valha-me Deus, Caçacueira, Peru, São Lucas, Maracujatíua, Bate vento, Caóca, Praínha, Praia do Farol, entre outras. Algumas são habitadas, outras não. Essas ilhas formam o arquipélago de Maiaú, é resultado da invasão do mar no continente numa área denominada de reentrâncias maranhense, que são formadas por um imenso litoral recortado por baías,

⁶ Reentrâncias Maranhenses são as planícies costeiras com suas ilhas, baías, enseadas, estuários, com canais, igarapés, manguezais, que abrigam e alimentam diversos crustáceos, moluscos e aves migratórias. (IMESC, 2012).

enseadas, furos, igarapés, manguezais e ilhas. Essa região abriga berçários com diversificadas espécies, como guarás, garças e aves migratórias.

Cururupu possui um rico conjunto arquitetônico, que é pouco preservado. Os casarões antigos são do século XIX, pois a cidade foi elevada à condição de município em 03 de outubro de 1841, desmembrado do Município de Guimarães pela Lei Provincial N° 120 (IMESC, 2012). Ainda possui uma rica cultura popular, cultivando tradições com influências indígenas, africanas e portuguesas, a saber: o tambor de crioula, bumba-boi com sotaque de zabumba e costa de mão, sotaque originário do município. O tambor de mina com a prática de cura é bastante cultuado, sobretudo na zona rural. O carnaval é outra manifestação do município bastante conhecida (IMESC, 2012). Contudo, algumas dessas manifestações estão desaparecendo, alguns casarões antigos foram demolidos, outros estão abandonados por falta de preservação por parte do poder público local.

Apesar de suas belezas naturais, de seu rico potencial turístico ainda pouco explorado, o município vem diminuindo sua população sistematicamente, como já mencionado. Essa diminuição ocorre através da migração que acontece periodicamente, pois a população tem muitas carências no que se refere à educação, saúde e emprego. O município não tem como inserir todas as pessoas no mercado de trabalho, ou seja, a demanda é bem maior que as oportunidades, tanto de emprego quanto na educação, sobretudo, no que se refere à educação superior. A cidade possui o IDH de 0,612, o que situa o município na faixa de Desenvolvimento Humano Médio. O que contribui para isso é renda, com um valor do rendimento mediano mensal per capita dos domicílios urbanos de 218, 33 reais e dos rurais de 133, 33 reais, o percentual de crianças e adolescente matriculado na educação básica também é mediano. No município, a proporção de crianças de 5 a 6 anos na escola é de 96,09%, em 2010. No mesmo ano, a proporção de crianças de 11 a 13 anos frequentando os anos finais do fundamental é de 84,55%; a proporção de jovens entre 15 e 17 anos com ensino fundamental completo é de 46,68%; e a proporção de jovens entre 18 e 20 anos com ensino médio completo é de 25,11%. Entre 1991 e 2010, essas proporções aumentaram, respectivamente, 49,51 pontos percentuais, 66,99 pontos percentuais, 37,88 pontos percentuais e 23,88 pontos percentuais, de acordo com o (IBGE, 2010). Muito embora, os índices demonstrados aqui por pesquisa do IBGE, revelam uma realidade mediana em relação aos outros municípios do Estado, o próprio IBGE cita Cururupu como sendo o município da região onde a sua população, ao contrário dos outros municípios, diminui. O que demonstra uma migração constante. Lembrando que os motivos que levam a migração são: a falta de perspectiva, bem

como, a saúde, educação e renda. Sabemos que na cidade de Cururupu não existe indústrias, comércio forte que possa oferecer algum tipo de oportunidade para sua população. Além do mais, na cidade não existe nenhuma instituição de ensino superior.

Podemos, apesar deste não ser o objetivo direto desta pesquisa, supor que uma maior renda per capita aliada a uma maior escolaridade e, ainda, sendo o município da região mais “urbanizado” e que recebe mais turistas, em relação aos outros comparados, possivelmente alimenta a vontade de buscar mais. As atividades típicas de uma área considerada rural, que ainda estão fortemente presentes nos outros municípios, estão em declínio em Cururupu o que fomenta a saída. Além disso, historicamente falando, o contato entre populações sempre alimentou o deslocamento humano. E, dentro da área, o município se destaca em relação a isto. É possível perceber isso na busca por melhores condições de vida, que não se resume a uma fuga da miséria ou da fome. Esses migrantes buscam melhores condições de vida, mas também buscam realizar seus sonhos, garantir perspectivas de melhores oportunidades de emprego e educação, e, essa busca tem como destino a capital, São Luís. Essas carências e as buscas de oportunidades ficam expostas no relato do migrante, senhor José de Ribamar Trovão:

Vim para fazer um curso de gerente técnico em cooperativismo (...). Quando eu vim pra cá, a escola normal rural ninguém recebia, nem todo colégio recebia. Aí eu me matriculei no Centro Caxeiral, fiz contabilidade no Centro Caxeiral.

Essas mesmas buscas de oportunidades ficam igualmente expostas no relato de outro migrante, o senhor Paulo Avelar:

A saída, especificamente foi para estudar, minha mãe e meu pai fizeram sacrifício para obtermos conhecimento, sempre botou isso como norte, era o que poderiam deixar para os filhos, seria a educação. Não medir esforços nesse sentido, sou filho de uma prole de oito irmãos, então todos nós tivemos a mesma oportunidade de vim pra cá, pra São Luís estudar. Desses oito irmãos só um não deu continuidade nos estudos, terminou, na época o científico e não quis mais estudar.

Percebemos nos relatos que a educação estava entre as principais buscas desses migrantes, o sonho de ter uma formação era o que os pais desejavam para seus filhos.

Assim como aconteceu no passado, a migração hoje continua acontecendo pelos mesmos motivos, à busca de estudo e de melhores oportunidades. Da mesma forma, os relatos de migrantes de hoje são muito semelhantes aos dos migrantes que vieram em décadas anteriores, como está exposto no relato desta migrante que saiu de Cururupu em 2015:

Vim em busca de novas oportunidades, coisa que no interior no momento não está tendo. Vim estudar e trabalhar ao mesmo tempo. Não pretendo voltar, até porque tenho meus filhos que também quero que eles tenham a mesma oportunidade de estudar e buscar novos conhecimentos. Vontade tenho de voltar, porque acho que ninguém ama mais a minha cidade do que eu, mas isso é coisa pro futuro (Relato de Nelsita Pires Cruz).

De forma bastante semelhante Taise Rabelo de 18 anos nos conta em seu relato:

Sai agora em 2016, sair porque não tinha opção de estudo e nem de trabalho lá. Penso em voltar após me formar. Minha mãe ficou lá, moro aqui com meu irmão que veio primeiro do que eu pelo mesmo motivo.

E, ainda, Demeson Rodrigues Monteiro nos relata o motivo de sua saída de Cururupu:

Vim para encontrar serviço. A dificuldade que encontrei aqui foi principalmente moradia. Lá eu tenho casa, mas não tenho serviço. Não pretendo voltar para morar lá, só vou voltar a passeio.

Portanto, pela amostra selecionada, é possível perceber que os fatores que estimulavam a migração nas décadas de 60,70 e 80 do século XX continuam presentes. Este é um fenômeno que, a nosso ver, acontece pelos mesmos motivos, a busca por estudos e trabalho. Estes são os principais motivos que tiraram e continuam tirando essas pessoas de Cururupu e buscando melhores oportunidades em São Luís.

3.2 Memória e identidade

Privilegiaremos o relato oral como fonte principal deste trabalho, porque acreditamos que o resgate da memória é de muita relevância na reconstrução do passado desses migrantes, para entendermos melhor o processo da migração dos mesmos, como ressalta Thomson (2002, p. 345):

O testemunho pessoal oferece singulares vislumbres do interior vivido nos processos de migração. Outras fontes revelam a criação, implementação e contestação da migração e da política de assuntos étnicos, ou os padrões estatísticos de movimento, assentamento, emprego, previdência social. O testemunho oral e outras formas de histórias de vida demonstram a complexidade do real processo da migração e mostram como estas políticas e padrões repercutem nas vidas e nos relacionamentos dos migrantes individualmente, das famílias e das comunidades.

É preciso considerar também, que existem muitas diversidades sociais e econômicas e uma grande variedade nos perfis dos migrantes. Assim, a memória nos dará testemunhos de forma bastante diversificada sobre as experiências, impressões e dificuldades

que cada um dos migrantes entrevistados vivenciou durante esse processo migratório. Nesse sentido, assinala Bosi, sobre a importância da memória:

A memória é um cabedal infinito do qual só registramos um fragmento. Frequentemente, as mais vivas recordações afloram depois da entrevista, na hora do cafezinho, na escada, no jardim, ou na despedida no portão. Muitas passagens não foram registradas, foram contadas em confiança, como confidências. Continuando a escutar ouviríamos outro tanto e ainda mais. Lembrança puxa lembrança e seria preciso um escutador infinito (BOSI, 1994, p. 39).

A análise desenvolvida neste trabalho tendo em vista a dinâmica social do processo migratório, e ainda tendo como uma perspectiva que possibilite articular as relações entre migração, memória, narrativa e identidade, isto é, os relatos que vão nos ajudar a compreender a migração e a atuação desses atores na construção de suas identidades⁷, a partir desse fenômeno migratório. A dificuldade no acesso à educação e à moradia sendo uma característica comum entre os entrevistados, assim como outras dificuldades enfrentadas no processo migratório, serve como elemento que agrega esses indivíduos fazendo-os reconhecerem-se uns aos outros. As dificuldades compartilhadas por todos na trajetória foi um dos elementos agregadores e tão decisivos na constituição da identidade desses migrantes. Para além do simples fato de todos terem o mesmo lugar de origem, soma-se a trajetória de superação dessas dificuldades, que também revela que a posição social desses migrantes não era tão discrepante. Através do reconhecimento desses problemas por eles enfrentados, os membros da associação, hoje, visam trazer melhorias e avanços no contexto social e político para a cidade de Cururupu, o que reforça a perspectiva compartilhada por Alistair Thomson (2002), que estas pessoas, uma vez que migram, permanecem vivenciando uma experiência migratória.

A dificuldade de acesso à moradia na cidade de São Luís está presente nos depoimentos dos migrantes, assim como a dificuldade de inserção nos espaços educacionais da capital. Os mesmos falam também das dificuldades na adaptação a uma nova realidade que é o espaço urbano. Eles sofreram algumas discriminações, por serem do interior e também devido às condições econômicas. Pois, “ser do interior” é uma identidade construída de fora para dentro, a partir da qual os outros julgam o migrante. Esta identidade deixa algumas marcas negativas, como afirma Albuquerque Jr. (2007, p. 67): “Ser ou vir do campo passa

⁷ Trabalhamos aqui com o conceito de *identidade* segundo o ponto de vista das novas abordagens da *nova história cultural* que entende que os sujeitos são: “conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente” (HALL, 2006, p. 11-12).

agora a marcar negativamente as pessoas, que passam a ser vista como necessariamente ignorantes, desinformada, atrasadas, conservadoras, quando não bobas, rudes e violentas”.

Contudo, apesar dos diversos obstáculos para adaptação, a cidade é sempre vista como um lugar diferente, dinâmico, onde as possibilidades de crescimento são muitas e mais acessíveis:

Muitas, muitas dificuldades. É um mundo totalmente diferente do que a gente vivia, outra realidade, e aí você vem pra São Luís, no meu caso, vim pra casa de parentes que não é a casa da gente, você tem que se adaptar em outra realidade, como eu disse ainda pouco, o modo de viver e mesmo os hábitos, né?! Mudam todos, especialmente a dificuldade de socialização (Relato do Sr. Paulo Avelar).

A cidade é vista de forma diferente, é um lugar da civilidade, de desenvolvimento onde todas as oportunidades são possíveis. Já o campo, é visto como lugar de atraso, de simplicidade, de ignorância e de limitação, como se refere Willians:

Em torno das comunidades existentes, historicamente bastante variadas, cristalizaram-se e generalizaram-se atitudes emocionais poderosas. O campo passou a ser associado a uma forma natural de vida – de paz, inocência e virtude simples. À cidade associou-se a ideia de centro de realizações – de saber, comunicações, luz. Também constelaram-se poderosas associações negativas: a cidade como lugar de barulho, mundanidade e ambição; o campo como lugar de atraso, ignorância e limitação. O contraste entre campo e cidade, enquanto formas de vida fundamentais, remontam à Antiguidade clássica (WILLIANS, 2011, p. 11).

A partir de seus testemunhos, percebe-se que a inserção no meio social se deu através de muita dificuldade, foi preciso engendrar estratégias para ser aceito no grupo. Segundo eles, sofriam algumas discriminações por serem “de fora”. Ser aceito de alguma forma, ser inserido seria de fundamental importância para esses migrantes:

Quando cheguei aqui pra estudar no Liceu, passei e me despreocupeei e fui pra Cururupu, a aula só ia começar em abril, mas a escola já tinha começado, lá começava primeiro de março, então tinha um mês de aula sendo ministrada na Escola Técnica, quando eu fui chamado, aí eu cheguei no mês de abril, então a turma já estava socializada, aí começou aquela história, como foi que ele entrou, de onde ele veio, aí descobriram que tinha vindo do interior, aí piorou mais ainda a situação. Mas como eu consegui mudar isso? No começo tinha sido aquela história, como ele chegou aqui, entrou pela janela, como é que ele chegou aqui, veio de paraquedas, mas o que aconteceu, vamos dizer assim. O professor Ramiro, professor de português, mais tarde ele foi meu professor na universidade, ele fez uma prova, os alunos que mais se sobressaíram e aí o que aconteceu. O Ramiro foi chamando pela nota, nota 5.0, 6.0, 6.5 5.5 e aí o melhor aluno Irandir Marques tirou 7.5, mas a minha nota não tinha saído, eita me lasquei! Só posso ter tirado zero; aí disse não, seu Irandir, mas aqui tem um aluno que tirou mais do que o senhor, aí ele disse: Paulo Avelar tirou 8.5, mudou a história, o tratamento, outros olhares, e meus colegas começaram a fazer aquela turminha

em volta, na hora da prova, cada um me perguntava uma questão, e aí eu consegui me enturmar. (Relato do Sr. Paulo Avelar).

Segundo os relatos desses migrantes, foi de extrema necessidade se sentirem parte da comunidade, se sentirem integrados, serem aceitos, ainda que pra isso precisassem mostrar algum tipo de habilidade, como por exemplo, ser dedicado e competente nos estudos, dessa maneira, eles poderiam ser admirados e aceitos. Dessa mesma forma, acontece com o Sr. Trovão, sentindo-se excluído do espaço social da escola utilizou-se desta estratégia para chamar a atenção dos colegas para si, como se pode observar em seu relato:

Sentia diferença pela condição financeira, no Centro Caixeiral, estudavam os filhos dos ricos, que estudavam no Marista de dia, e a noite faziam o contador, então fui muito discriminado, porque eu vestia só uma camisa em uma semana, eu não tinha roupa. Só que eu era muito estudioso, no começo eles me discriminavam, no fim eles já estavam acostumados, porque eu era um raro para eles.

A partir desses testemunhos percebemos que esses migrantes engendraram estratégias para serem considerados como parte do grupo, serem tratado com igualdade pelos novos colegas. No caso dos nossos entrevistados, podemos perceber que eles utilizam a questão da educação como forma de driblar as diferenças. E isso fica ainda mais demarcado pois estavam inseridos, nos momentos aos quais os relatos se referem, em espaços de educação, nas escolas, locais onde a diferenciação pode se dá muito mais pela capacidade intelectual, do que pela origem social. Eles rompem, naquele espaço, com a ideia de ignorância que está ligada à imagem daquele que vem do interior. Com este rompimento, eles forjam uma nova identidade, que não exclui aquela do migrante, mas que o insere no grupo já existente. É essencial ter esse sentimento de pertença, para que a convivência harmoniosa fosse garantida. A identidade só pode ser confirmada quando é reconhecida pelos outros. Nesse sentido (BOURDIEU, 2007, p. 117) se refere. “O facto de estar em jogo, nas lutas pelas identidades – esse ser percebido que existe fundamentalmente pelo reconhecimento dos outros [...]”.

A identidade é um processo em construção, processo esse permeado de contínuas tensões, sentimentos difíceis de serem traduzidos. Falar de identidades é falar de diferenças. Reconhece-se o que é a partir do que não se é, a partir do outro, do que lhe é diferente. Assim, demarcar espaços que denunciam um sentimento de pertença é também situar o campo do que não pertence. É demarcar campos de embates e também de aproximações. Nesse sentido, a identidade é marcadamente um campo de disputas.

Essas estratégias permitem refletir acerca do processo de construção de identidades e da noção de pertencimentos de migrantes cururupuenses. Observamos que as identidades culturais desses sujeitos são construídas, a priori, a partir da noção de pertencimento. O lugar de origem condiciona traços linguísticos, religiosos, saberes e fazeres, permitindo distinções entre eles. Ao mesmo tempo, em virtudes desses sujeitos se encontrarem na mesma situação de migrantes, suas identidades são deslocadas ou fragmentadas, segundo o autor:

A identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é “preenchida” a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginávamos ser vistos por outros (HALL, 2005, p. 39).

Embora migrantes cururupuenses possuam identidades culturais diferentes, forjadas em processos históricos e subjetivos particulares, no jogo de identidades se identificam como cururupuenses em momentos distintos de tensão e saudosismo.

A partir da lembrança desse passado, foi exposto como eles foram levados a construir uma identidade mais parecida com o grupo, se adaptando a novas situações e comportamentos. Essas mudanças de postura são necessidades criadas pelo ambiente urbano. A vida na cidade é diferente da vida do interior, a dinâmica da cidade exige tais transformações, a começar pela escola. Em Cururupu, a escola é próxima de casa, não precisa de condução para chegar até ela, os colegas são os vizinhos, são conhecidos, não há necessidade de estabelecer estratégias para ser aceito, todos se conhecem, não há uma preocupação com as diferenças sociais porque ou elas não existem ou não são percebidas.

No desenvolver dos relatos foi dito como essas dificuldades encontradas foram superadas para a realização de um sonho, para a construção de uma carreira profissional e que esse passado parece não estar tão distante assim. Através da memória o passado se torna presente. A memória tem esse poder de trazer o passado para o presente e, de certa forma confundir a dimensão do tempo. Santo Agostinho, nesse sentido assevera:

O que agora claramente transparece é que nem há tempos futuros nem pretéritos. É impróprio afirmar que os tempos são três: pretéritos, presente e futuro. Mas talvez fosse próprio dizer que os tempos são três: presentes das coisas passadas, presentes das presentes, presentes das futuras. Existem, pois, estes três tempos na minha mente que não vejo em outra parte: lembrança presente das coisas passadas, visão presente das coisas presentes e esperanças presentes das coisas futuras (AGUSTINHO, 2006, p. 284).

Assim, o que fazemos é lembrar o passado, projetar o futuro e viver o presente, pois a lembrança é uma atividade que fazemos no presente, na intenção de fazermos uma releitura, uma reconstrução do passado, no presente.

Para a compreensão do processo de construção da identidade tanto no âmbito individual como no âmbito coletivo, faz-se necessário analisar a noção de identidade articulada à noção de memória. Os estudos referentes à memória foram durante muito tempo empreendimento eminentemente interessados em questões individuais, negligenciando assim sua base social. É Halbwachs (2003), influenciado pelos estudos de Durkheim, que inaugura uma concepção da memória enquanto fenômeno eminentemente coletivo, introduzindo este conceito no léxico das ciências sociais (POLLACK, 1989). Para Halbwachs, a memória é imagem partilhada do passado e sua formação primordial é promover um laço de filiação entre os membros de um grupo com base no seu passado coletivo. Por conseguinte, ele considera, assim, que a memória coletiva é o *locus* de ancoragem da identidade do grupo, assegurando a sua continuidade no tempo e no espaço.

Michael Pollack (1992, p. 204), em *Memória e identidade social*, afirma que essas duas noções (memória e identidade) são complementares, pois a memória é o elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva é a memória que constrói a identidade, também salienta o dinamismo e a seletividade de ambas, porém, mesmo sendo seletiva a memória e a identidade não são construídas arbitrariamente, pois se alimentam de material fornecido pelos processos históricos.

Nessa perspectiva, a memória, a priori surge como um fenômeno individual, algo relativamente íntimo, próprio da pessoa, porém, a memória deve ser entendida também como um fenômeno coletivo e social, ou seja, um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes. Os elementos constituintes da memória, portanto, seriam em primeiro lugar os acontecimentos vividos pessoalmente e, em segundo lugar, os elementos que Pollack (1992) chama de vividos por tabela, isto é, acontecimentos que são vivenciados pela coletividade. São esses acontecimentos de socialização vividos pela coletividade, que projetam uma identificação de pertencimento com um determinado passado.

A memória, neste âmbito, enquanto elemento constituinte do sentido de identidade é essencial para a garantia de continuidade e de coerência do sentimento tanto de uma pessoa como de um grupo enquanto reconstrução de si. Sendo assim, Pollack argumenta que:

Se assimilamos aqui a identidade social à imagem de si, para si e para os outros, há um elemento dessas definições que necessariamente escapa ao

indivíduo e, por extensão, ao grupo, e este elemento, obviamente, é o Outro. Ninguém pode construir uma auto-imagem isenta de mudança, de negociação, de transformação em função dos outros. A construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio da negociação direta com outros. Vale dizer que memória e identidade podem perfeitamente ser negociadas, e não são fenômenos que devam ser compreendidos como essências de uma pessoa ou de um grupo (POLLACK, 1992, p. 204).

A partir das narrativas desses migrantes pôde se observar como eles constroem suas identidades a partir da narração do seu passado, que memórias eles escolhem para relatar e como eles dão sentidos às coisas com o passar do tempo. Nesse sentido Thomson se refere:

Nossas reminiscências também variam dependendo das alterações sofridas por nossa identidade pessoal, o que leva a um segundo sentido, mais psicológico, da composição: a necessidade de compor um passado com o qual possamos conviver. Esse sentido supõe uma relação dialética entre memória e identidade. Nossa identidade (“ou identidades”, termo mais apropriado para indicar a natureza multifacetada e contraditória da subjetividade) é a consciência do eu que, com o passar do tempo, construímos através do processo de contar histórias de nós mesmos – como histórias secretas ou fantasias – ou para outras pessoas, no convívio social (THOMSON, 1997, p. 57).

Dessa forma, Thomson nos mostra como reinventamos a memória ao construirmos uma narrativa de nossa trajetória:

O processo de recordar é umas as principais formas de nos identificarmos quando narramos uma história. Ao narrar uma história, identificamos o que pensamos que éramos no passado, quem pensamos que somos no presente e o que gostaríamos de ser. As histórias que relembramos não são representações exatas de nosso passado, mas trazem aspectos desse passado e os moldam para que se ajustem às nossas identidades e aspirações atuais. Assim podemos dizer que nossa identidade molda nossas reminiscências; quem acreditamos que somos no momento e o que queremos ser afetam o que julgamos ter sido. Reminiscências são passados importantes que compomos para dar um sentido mais satisfatório à nossa vida, à medida que o tempo passa, e para que exista maior consonância entre identidades passadas e presentes (THOMSON, 1997, p. 57).

Existe uma relação muito grande entre memória, narrativa e identidade. Como através do discurso esses sujeitos constroem ou reconstróem suas identidades a partir das experiências vividas que podem ser selecionadas e moldadas com o passar do tempo. Ou seja, é um processo de tentativa de construção da identidade através da narrativa na recomposição de um passado.

E nessa tentativa de construção acaba levando-nos a uma identidade fragmentada e às vezes até contraditória devido à seleção dos acontecimentos. Nesse sentido Thomson afirma:

Nossas lembranças de quem fomos e de onde viemos moldam nosso sentido do “eu” ou de identidade no presente e, dessa forma, afetam as maneiras como construímos nossas vidas. As histórias de vida são “narrativas explanatórias” (usando a expressão de Giddens) que desempenham um papel crucial na vida cotidiana. Além disso, nossa identidade (ou “identidades”, um termo que expressa melhor a natureza múltipla, fraturada e dinâmica da identidade) atual afeta a maneira como estruturamos, articulamos e na verdade lembramos a história da nossa vida. A experiência da migração, que por definição está centrada em torno de um processo de disjunção aguda, apresenta ao mesmo tempo uma necessidade urgente de construir identidades e histórias de vida coerentes, de um passado exemplar que possamos preservar, e dificuldades específicas nesse sentido.(THOMSON, 2002,358).

A partir da narrativa a memória está em constante transformação, podendo ser manipulada. De acordo com Nora:

A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações (NORA, 1981, p. 9).

É possível que as estratégias criadas e narradas por esses migrantes em seus depoimentos, na intenção de construir suas identidades, referem-se a lutas a respeito da construção de identidades como Bourdieu afirma:

Com efeito o que nelas está em jogo é o poder de impor uma visão social através dos princípios de di-visão que, quando se impõe ao conjunto do grupo, realizam o sentido e o consenso sobre o sentido e, em particular, sobre a identidade e a unidade de um grupo, que fazem a realidade da unidade e da identidade do grupo (BOUDIEU, 2007, p.113).

É possível perceber nos testemunhos que as dificuldades do passado são reconhecidas, hoje, como grandes vitórias, como grandes conquistas que engrandecem as trajetórias desses sujeitos. Eles se sentem, de certa maneira, como heróis. Essas superações, como a inserção dos entrevistados nos seus grupos das escolas, são seleções da memória que, como demonstrou Thomson, constroem um passado melhor aceito pelos entrevistados. Podemos imaginar que nem todas as experiências de exclusão às quais eles foram expostos na chegada a São Luís tenham sido tão satisfatoriamente resolvidas. Mas, na escolha pelo que narrar, eles constroem um passado muito mais adaptado a quem eles são hoje, a imagem que eles querem construir para o seu interlocutor e o que eles consideram mais interessante de ser

narrado. Essa narrativa emocionada das superações é um elemento presente e comum em todos eles, e isso é determinante para a construção dessas identidades.

Durante as entrevistas foi demonstrado pelos migrantes que eles tiveram que se adaptar aos novos modelos de convivência, às novas realidades e comportamentos. Porém eles garantem que a identidade cururupuense foi preservada, ou, pelo menos, conservado um sentimento de ligação com a suas origens, de pertencimento a cidade da qual eles saíram, como se refere o senhor Paulo Avelar em seu relato:

Na minha casa em Cururupu, eu quando vou descansar dois dias, eu trabalho mais do que eu trabalho aqui durante a semana, mas é assim, eu gosto disso, minha mãe também gosta se preocupa comigo, mas questão de saúde, mas eu digo não, eu vou até aonde eu posso, mas isso aí faz parte. Mas tem gente que chega fecha à porta, não conversa, não é por aí, e não vão mais lá. Eu não consigo assim admitir porque uma pessoa nasce em uma cidade e depois fecha a vida pra aquela cidade. Então a gente pode contribuir sim, muito. Minha identidade continua sendo lá, eu sou eleitor de São Luís, mas já estou transferindo meu título pra Cururupu pela questão da minha identificação lá.

A senhora Núbia Nogueira também declara que ainda carrega a sua identidade de origem, a sua ligação com a cidade de Cururupu é ainda muito forte, afirma: “*Eu digo pra mamãe: - Mãe é tão difícil de vim aqui, mas depois que eu tô aqui é tão ruim de voltar pra casa*”.

É esse sentimento de pertença, de não “esquecimento” de sua origem que possibilita esse retorno, essa identidade com o lugar de origem e com isso surge a necessidade de não “abandonar”, de não “esquecer” de onde vem. Isto pode ser entendido, quem sabe, como um fruto de um passado de integração com a cidade de São Luís, muito mais difícil do que foi narrado, reforçando a experiência da migração. A integração nos espaços sociais foi marcada por conflitos e isso talvez tenha trazido um significado ainda maior do sentimento de “ser de Cururupu” e que acabou ainda mais reforçado pela relação com os “outros”, os ludovicenses. Nesse sentido, Williams (2011, p. 16) refere-se: “Assim, essa vida campestre tinha seus significados, mas eles mudavam, tanto em si próprios quanto em relação a outros”. Em processo de contato com os grupos com identidade já unificada, como foi o caso do relato do senhor Paulo Avelar envolvendo os colegas da escola, as identidades de origem são reafirmadas. Portanto, a construção de identidade ou o não esquecimento da identidade de origem é um processo que se produz em relação ao outro, a dificuldade de inserção a um determinado grupo, acaba por reforçar, reafirmar essa identidade de origem.

Podemos perceber essa reafirmação da identidade de origem no relato da senhora Mari Heler, quando afirma que, apesar de viver há bastante tempo em São Luís, nunca perdeu o vínculo com Cururupu. “*Mas nunca perdi os vínculos com Cururupu por conta da minha*

mãe, da família. A família ficou em Cururupu, sou filha única. Todo ano visitando, todo tempo voltando pra passear, nunca perdi os laços, não perdi a identidade”.

De qualquer forma, eles mantêm um vínculo com o local de origem, seja por alguém da família que ficou, seja pela casa que possuem na cidade e que por algum motivo não quiseram se desfazer.

Outro dado importante que foi percebido que foi formação de uma espécie de rede de sociabilidade. Essa rede de relação social entre esses migrantes alimentam e determinam o fluxo migratório entre Cururupu e São Luís, como eles se movem, trocam informações e coisas a partir dessa rede. Esse movimento, essas trocas, é que vão manter a união entre eles, fazendo com que eles não percam o vínculo com a cidade de Cururupu. Nesse sentido, Braga assevera:

Nesses fluxos migratórios, tanto as pessoas quanto coisas se movem. E se as coisas são importantes, são porque estão em movimentos. E principalmente porque, ao serem trocadas dentro dos fluxos migratórios, revelam muito quem são aqueles que estão dentro desses processos e rede de fluxos migratórios, sobre o que eles valorizam, sobre como compreendem, definem e alimentam suas redes de relações sociais, como são os vínculos que mantêm uns com os outros (BRAGA, 2012, p. 241).

Dessa forma, essa rede consegue formar, além do vínculo, valores importantes, como amizade, responsabilidades, reciprocidade e solidariedade e que acaba envolvendo, portanto, um sentimento de pertencimento.

Essa rede foi formada nos primeiros encontros e depois foi ganhando força. Quando eles se encontravam uma vez por mês pra “matar” saudades e conversarem sobre a suas trajetórias, isso fica bastante claro na fala da Sra. Mari Heler:

Quando chegamos aqui em São Luís a gente sentia saudades, porque um estudava em um colégio, outro noutro, trabalhando, aí eles sugeriram de a gente se encontrar. Então esse grupo se encontrava uma vez por mês, pra matar saudades, simplesmente pra matar saudades, já foi um germizinho, então aquele momento era de muita felicidade.

A partir desses encontros informais esses vínculos não se perderam, a identidade com o lugar de origem ficou ainda mais forte. De acordo com a Sra. Mari Heler, esses encontros já foi um “germizinho” da rede de sociabilidade que vai se desdobrar na criação da Associação. E depois, é uma forma de se manterem juntos, como diz a senhora Núbia, “[...], eu gosto muito da minha cidade e dos meus conterrâneos, então é uma forma da gente se vê”. Além disso, o professor Trovão depois de estabelecido abre as portas de sua casa para os cururupuenses que desejam vir para São Luís. Conforme a Sra. Mari Heler:

Olha, eu não sentir dificuldades, porque já tinha o Trovão, ele era a referência, não tive problema de moradia, ele veio primeiro, ele desbravou tudo isso pra mim e pra muitos cururupuense, ele é uma referência muito grande nisso, né?! Ele fez isso, ele colocou a casa dele tipo um hotel e quando ele não fazia isso ele ajudava, então ele tem uma história imensa. Então eu já não tive dificuldade, ele até arrumou um emprego pra mim, eu era professora no colégio Marista, que ficava em frente ali na rua do outeiro, eu trabalhava e estudava, então pra mim foi muito mais fácil, pra ele foi difícil.

Portanto, os encontros informais podem ser considerados como eixos de apoio, como referenciais, é o início da rede de sociabilidade. Ter um referencial, poder contar com pessoas do mesmo lugar é de fundamental importância para quem migra. Nesse sentido, Thomson (2002, p. 346) afirma:

Nas narrativas dos migrantes, as redes de sociabilidade são mostradas como um aspecto crucial da experiência da migração. [...]. Elas não apenas proporcionavam um círculo social de apoio, mas era através destas mesmas redes que os migrantes iriam conseguir um emprego melhor, um lugar melhor para viver [...].

Conforme o autor, sem essa rede de sociabilidade é praticamente impossível o migrante se adaptar, além disso, afirma o mesmo, sem esses contatos a identidade de origem ficaria insustentável. A rede de relacionamento exerce um papel preponderante entre os migrantes, esses laços de apoio garantem a transmissão da tradição, da cultura. Além do que, podemos imaginar, também, que com uma rede de sociabilidade tão estruturada, àqueles que desejam migrar hoje, encontrem menos dificuldade e maiores estímulos. A partir daí os vínculos com o lugar de origem ficam ainda mais fortalecidos, esses vínculos vão dar origem a Associação dos Filhos e Amigos de Cururupu.

Capítulo III

4 Representação e identidade da Associação dos Filhos e Amigos de Cururupu (AFAC)

A noção de representações sociais constitui-se como uma forma de pensamento social que abarca informações, experiências, conhecimentos e modelos que são recorrentes em uma determinada formação social, e são transmitidos pelas tradições, pela educação, pela comunicação social, entre outros meios. Trata-se de uma categoria complexa, pois envolve uma multiplicidade de esferas, de práticas sociais, atividades e objetos referentes à vida humana. Sendo assim, as representações sociais indicam a existência de um pensamento social que resulta das experiências, das crenças e das trocas ocorridas na vida cotidiana dos seres humanos.

Segundo Junqueira (2005), no desenvolvimento da sociologia clássica, esse conceito não teve um lugar central apesar de terem sido Émile Durkheim e Marcel Mauss os primeiros teóricos a utilizarem o conceito de representação social destacando a diferença entre as terminologias de representações individuais e coletivas. Durkheim (2007), em “As regras do método sociológico”, objetiva esta distinção como parte do esforço de construir um objeto específico da sociologia, separando-a da psicologia. Para ele, existem determinadas categorias de pensamento por meio das quais certas sociedades elaboram e expressam a sua realidade. Como uma forma de manter coesão no grupo social, bem como a mediação de imagens, normas, ritos, discursos e instituições. Já Marcel Mauss (1981), indo na mesma esteira, expõe que a sociedade se manifesta simbolicamente em suas instituições e costumes por meio de linguagem, da arte, da magia e das crenças; é a partir desse pressuposto que desenvolve o conceito de “fato social total”.

Junqueira (2005, p. 145) argumenta que foi a “partir do século XIX que se iniciou um processo de especialização que levou a uma ênfase na política e/ou economia” como as principais dimensões de análise da realidade social. “Esta ênfase não conseguiu revelar a realidade social de forma precisa e compreensível. Na segunda metade do século XX, a ênfase passa a ser dada na dimensão cultural”, afirma a autora. Esse destaque na cultura segundo o autor, se deve ao fato do:

[...] processo de extensão do mercado e de sua lógica e a conseqüente ampliação do marketing e da publicidade, seja na dimensão política, econômica ou social, torna-se imprescindível o exame daquilo que parece se constituir, cada vez mais, e em mais alto grau, a própria sociedade, ou seja, o seu sistema de representações simbólicas. A importância crescente do papel

da tecnologia no fluxo mundial de informações, cujo volume e velocidade atinge níveis inéditos na história da humanidade configurando uma revolução [...] obriga os cientistas sociais a observar as novas formas pelas quais a sociedade, os grupos e os indivíduos pensam a si mesmos e aos outros e como, a partir disso, o consenso e o conflito, as identidades sociais e individuais são construídos, mantidos ou transformados (JUNQUEIRA, 2005, p. 145/146).

Portanto, é somente no período contemporâneo que as ciências sociais colocam a noção de representação social no núcleo da discussão sobre o objeto sociológico. Com efeito, esta noção ganha vida a partir da necessidade de explicar a crescente importância da dimensão cultural nos fenômenos sociais.

Contemporaneamente, o termo possui vários significados, em decorrência da existência de outras categorias similares, tais como “imaginário”, “imaginação” e “mentalidades”. Para alguns pesquisadores, como o sociólogo Pierre Bourdieu (2007a) e o historiador Roger Chartier (1991), a questão se coloca em termos epistemológicos, ou seja, é um conceito por meio do qual se pode analisar um fenômeno social concreto e, ao mesmo tempo, uma categoria inerente ao conhecimento histórico de uma “realidade”. Já Michel Foucault (2000), enfatiza que essa categoria mostra a impossibilidade de um conhecimento “histórico” do mundo, ou seja, o “real” como um “objeto” não existe apenas suas representações.

Foucault (2000) em “As palavras e as coisas” analisa a mudança dos saberes da época clássica para a época moderna e, com esse estudo, demonstra que no decorrer da história, há um distanciamento da palavra e da coisa. Neste estudo, ele aponta que é necessário colocar as representações no centro das investigações não apenas da filosofia, mas de todas as ciências humanas, pois há uma ordem discursiva que possibilita aos saberes empíricos e ao pensamento filosófico serem oferecidos ao conhecimento pelo modo de ser da representação, ela é que define sua existência, mesmo a representação não estando ligado ao “objeto”, paradoxalmente, só pode ser conhecida por meio delas.

Neste sentido, a linguagem não é a representação do real, pois o signo verbal é arbitrário em relação aos objetos a que se refere. Deste modo, a representação perpassaria a identificação com a realidade, no sentido que a representação não seria uma cópia da realidade, mas sim semelhança e diferença convivendo no mesmo espaço. É por esse motivo que Foucault afirma que:

O objeto das ciências humanas não é esse homem que, desde a aurora do mundo, ou o primeiro grito de sua idade de ouro, está destinado ao trabalho; é esse ser que, do interior das formas da produção pelas quais toda a sua existência é comandada, forma a representação dessas necessidades, da

sociedade pela qual, com a qual ou contra a qual as satisfaz, de sorte que, a partir daí, pode ele finalmente se dar a representação da própria economia. Quanto à linguagem ocorre o mesmo [...] O objeto das ciências humanas não é pois, a linguagem (falada contudo apenas pelos homens) mas, sim, esse ser que, do interior da linguagem pela qual está cercado se representa ao falar os sentidos das palavras ou das proposições que enunciam e se dá, finalmente, a representação da própria linguagem (FOUCAULT, 2000, p. 487).

Roger Chartier (1991), em seu famoso ensaio “O mundo como representação”, aborda o tema da chamada crise das ciências sociais com base em novos estudos epistemológicos e metodológicos. Nas palavras do próprio Chartier:

O editorial da primavera de 1988 dos *Annales* convida os historiadores a uma reflexão comum a partir de uma dupla constatação. Por um lado, afirma a existência de uma “crise geral das ciências sociais”, que se nota tanto no abandono dos sistemas globais de interpretação, destes “paradigmas dominantes” que foram, durante certo tempo, o estruturalismo ou o marxismo, quanto na rejeição proclamada das ideologias que lhe haviam garantido o sucesso (ou seja, a adesão a um modelo de transformação radical, socialista, das sociedades ocidentais capitalistas e liberais) (CHARTIER, 1991, p. 173).

Esse contexto de mudanças ocorridas na historiografia na década de 1980, acima caracterizada por Chartier, foi o aspecto inicial no que diz respeito à noção de representações sociais, colocando, assim, no centro dos estudos historiográficos a avaliação da realidade social a partir da cultura. Na história, a chamada “virada linguística” levou à configuração de uma nova história cultural a qual, na contramão dos estudos marxistas e dos *Annales*, tende a inverter os pressupostos estruturais e explicativos de tais correntes. Todas as transformações que “desarrumaram” de vez o edifício da historiografia que se baseava nas chamadas metanarrativas modernas, todos esses pilares da historiografia serão postos em xeque pela nova história cultural que é a principal corrente historiográfica herdeira das transformações ocorridas com a crise das ciências sociais (CHARTIER, 1991).

Para análise das complexas teias discursivas, Chartier lança mão de um diálogo profundo com áreas para além da história. Esse intercâmbio com outros campos de pesquisa é uma das características marcantes da nova história cultural. Se outrora a história sofria influência da economia, geografia, demografia dentre outras, a nova história cultural vai dialogar com a sociologia, com antropologia simbólica, com a linguística e a crítica literária. Se para resgatar o conceito de representação coletiva Chartier recorreu ao diálogo com Durkheim e Marcel Mauss, para entender as questões em torno dos “enfretamentos simbólicos”, Chartier dialoga com aquele que é o principal expoente da sociologia contemporânea, Pierre Bourdieu:

Além desse uso historicamente situado, a noção de representação transformou a definição dos grupos sociais. Como ressalta Pierre Bourdieu, ‘a representação que os indivíduos e os grupos exibem inevitavelmente por meio de suas práticas e propriedades faz parte integrante de sua realidade social. Uma classe é definida tanto por seu ser-percebido, quanto por seu ser, por seu consumo – que não necessita ser ostentador para ser simbólico – quanto por sua posição nas relações de produção (mesmo que seja verdade que esta posição comanda aquele consumo). As lutas de representações são assim entendidas como uma construção do mundo social por meio dos processos de adesão ou rechaço que reproduzem. Ligam-se estreitamente à incorporação da estrutura social dentro dos indivíduos em forma de representações mentais, e o exercício da dominação, qualquer que seja, graças à violência simbólica’(CHARTIER, 2011, p. 22).

Como foi exposto acima, para Bourdieu (2007a), as representações sociais não resultam de um cálculo, mas são determinadas pelos interesses dos grupos que as forjam. Assim, não seriam discursos neutros, pois tenderiam a impor determinada visão de mundo, que implicaria em condutas e escolhas. A ideia contida nas suas obras contribui para a formulação renovada do estatuto do real não mais entendido como oposto a representações. Segundo ele, seria preciso incluir no real as representações do real, pois “[...] a representação que os indivíduos e os grupos exibem inevitavelmente através de suas práticas e propriedades fazem parte integrante de sua realidade social” (BOURDIEU, 2007, p. 447).

As “lutas de classificação” teriam tanta importância quanto às lutas econômicas e nelas estaria em disputa para Bourdieu:

[...] o poder de impor uma visão de mundo social através dos princípios de di-visão que, quando se impõe ao conjunto do grupo, realizam o sentido e o consenso sobre o sentido e, em particular, sobre a identidade e a unidade do grupo, que fazem a realidade da unidade e da identidade dos grupos (BOURDIEU, 2004, p. 113).

Tomando posição nesse debate, adoto a perspectiva apresentada por Bourdieu e Chartier do que sejam as representações: elas partem do real, mas não se confundem com ele; constroem-se com base em várias determinações sociais para, em seguida, tornarem-se matrizes. Portanto, as representações se materializam nas práticas sociais e nas instituições, no entanto, elas não possuem autonomia com relação às mesmas.

Sendo assim, as representações que os agentes estudados aqui manifestam em suas ações, estão relacionadas às materializações de suas linguagens, visto que, são nesses símbolos que, os vários grupos se representam enquanto ideal de práxis e representam os outros a partir de suas impressões acerca do ideário, estilo, organização, valores, etc.

Neste sentido, encaramos a identidade social, mediante seu estatuto de abstracionismo, que somente podem ser percebidas em algum dispositivo de materialização

que “represente” algum processo identitário e, ao representar, “constrói”, ação natural e comum em qualquer relação especular.

Portanto, é entre as manifestações dos vários grupos, nas suas vidas cotidianas, com a percepção das intrincadas questões sociais e do manancial espontâneo das manifestações culturais, que aprendemos a identificar o mundo e vê-lo como dotado de sentido, em função de seus lugares difusos e efervescentes, de posições convergentes e divergentes, de identidades possíveis de serem percebidas e visualizadas. Porém, somente compreendidas se atentarmos para suas teias de significação.

Pelo exposto fica reiterada a ideia de que as representações sociais são elementos simbólicos que os agentes expressam mediante uso de palavras, gestos, entre outros, dando e construindo sentido a determinada questão social. Essas mensagens, mediadas por formas de linguagens, são construídas socialmente e estão, necessariamente, ancoradas no âmbito da situação real e concreta dos indivíduos que as emitem. Deste modo, para o estudo das representações e identidades do grupo pesquisado, isto é, a Associação, parte-se da premissa já explicitada de que as representações sociais são construídas cotidianamente pelos agentes integrantes dos grupos ao qual estão vinculados, no âmbito de situações reais e concretas por estes vivenciadas.

Nesse sentido, a Associação dos Filhos e Amigos de Cururupu nasce a partir de uma ideia que os migrantes tiveram ao se encontrarem em um evento comemorativo, realizado pela Igreja Católica: a celebração do Jubileu de Ouro (50 anos) da Missão São Jacinto, a Missão dos padres canadenses em Cururupu, Jubileu Brasil – Canadá, que foi celebrado em 2008. Os mesmos foram convocados pelas freiras do Convento São José que fazem parte da Missão São Jacinto, que está localizado no bairro do Filipinho, em São Luís.

A Missão São Jacinto chega a Cururupu, em 25 de outubro de 1958, fundada pelas irmãs Marie de la Salette (Cécile Pelletier), Marie Saint Omer (Marie Stella Monast), Marie des Anges (Rolande Crevier) e Sainte Honorine (Estelle Giard), a pedido da Diocese de Pinheiro, devido à falta de padres na região. Chegam ao Maranhão três missões canadenses, afirma Neris:

Pode-se mencionar, a título ilustrativo, a instalação de 3 missões canadenses no Maranhão: a missão Nicolet, voltada para as paróquias de Guimarães e Alcântara e que recebeu 17 sacerdotes; a missão de Sherbrooke, para as paróquias de Peri – Mirim e Bequimão com 13 sacerdotes e a missão de São Jacinto, para Cururupu com a promoção da vinda de 14 padres, as quais serviram de foco para desenvolvimento de diversas inovações pastorais (NERIS, 2011, p.161).

A Missão permanece em Cururupu por 40 anos e em janeiro de 2002, as irmãs se retiram. Em 1961 a Missão funda as escolas Sagrado Coração de 1^a à 4^a Série (matutino), e Ginásio Dom Bosco⁸ de 5^a à 8^a Série (vespertino). Educação pela fé era um de seus pilares, além de outros trabalhos desenvolvidos pela missão na cidade, segundo se refere, em seu relato, a Senhora Mari Heler Trovão Ribeiro Barbalho que foi aluna desta instituição:

O ginásio foi criado em 1961, eu acho que durou 20 anos, Ginásio Comercial Dom Bosco. Então esse ginásio foi o diferencial na cidade, aliás os canadenses, eles trouxeram tudo de bom, levaram médicos, as freiras, eles se dedicaram, eles cuidaram daquela cidade no todo que ela precisava, tudo, tudo, eles eram o espelho, então estudar no Dom Bosco era uma marca muito grande, a gente se sentia muito gratificado, muito feliz.

De acordo com o testemunho da senhora Mari Heler, a escola Dom Bosco, fundada pela missão, foi uma referência para a educação na cidade e na vida desses estudantes que passaram pela instituição.

A partir dessa celebração do Jubileu de Ouro da missão, esses ex-alunos se reencontram e têm a ideia de fundar uma associação com o objetivo de trabalhar em prol da cidade de Cururupu, no sentido de ajudar a minimizar os problemas da cidade. Portanto, a Associação dos Filhos e Amigos de Cururupu nasce em fevereiro de 2009, em um primeiro momento, com a ideia de reunir esses ex-alunos, depois a ideia de alcançar todos os filhos de Cururupu que deixaram o município para buscarem melhores oportunidades em São Luís. Hoje, a AFAC é uma associação registrada, com personalidade jurídica, com estatuto, sem fins lucrativos, sem ideologia partidária e sem objetivos religiosos definidos, como expõe em seu relato o senhor Paulo Avelar:

Sou membro fundador. Essa Associação surgiu exatamente dessa relação desses alunos, que foram ex-alunos do Dom Bosco. Foi comemorado em Cururupu o jubileu de ouro da missão São Jacinto em Cururupu, onde tinha os padres canadenses que fundaram o Dom Bosco, etc. Depois que terminaram as festividades, vamos prestar contas do evento, eu participei pouco, mas participei da prestação de contas. E lá no Convento São José, eu dei a ideia, me lembro bem, eu e alguns, mas eu sempre puxei essa ideia, vamos criar uma associação desses ex-alunos, não ex-alunos não, pode ser filhos, aí acabou surgindo filhos e amigos de Cururupu, porque alcança todo mundo.

Nesse mesmo sentido a senhora Mari Heler expõe em seu relato o nascimento da AFAC:

⁸ Essa Instituição de Ensino não tem nenhuma relação com a Escola Dom Bosco de São Luís-MA.

Agora por exemplo, quando chegamos aqui em São Luís a gente sentia saudades, porque um estudava em um colégio, outro noutro, trabalhando, aí eles sugeriram de a gente se encontrar. Então esse grupo se encontrava uma vez por mês, pra matar saudades, simplesmente pra matar saudades, já foi um germizinho. Então aquele momento era de muita felicidade a gente se encontrava e depois a gente era muito jovem e a vida foi nos levando a seguir nossos caminhos, e depois a gente ficava com aquele remorso porque Cururupu não desenvolvia, nós nos desenvolvíamos mas Cururupu não, então ficou aquele remorso, a gente se lamentando, lamentando. Lá vem os canadenses novamente tocar o dedo na ferida.

Quando completou 50 anos que a missão esteve em Cururupu, então eles pensam em fazer uma grande festa pra comemorar em 2008. A gente foi chamado, é justo que a gente faça uma comemoração, que a gente vá em Cururupu, que a gente celebre esse momento, as freiras convocou os ex-alunos, aí nós ficamos empolgados, voltamos a nos reunir em função da festa, criamos uma diretoria, trabalhamos um ano em função do Jubileu Brasil – Canadá, 50 anos, trabalhamos muito, nesse trabalho a gente viu a força, todo muito com suas famílias estabelecidas, com seus empregos, a gente viu, e nessa festa, nessa celebração que foi lindo, três dias de festa.

Então, aí ficou claro que nós tínhamos uma dívida muito grande com Cururupu, e que estávamos ficando velhos e não pagávamos. Então quando terminou a festa, que nos reunimos para avaliar a beleza da festa, então a primeira coisa foi dizer vamos nos reunir e criamos a associação. E ela tá bem aí a foto, inclusive do dia onde criamos a associação.



Foto do dia do nascimento da AFAC, em fevereiro de 2009. Álbum da Sra. Mari Heler.

Diante dos testemunhos, percebemos que, de alguma forma, esses membros da associação se percebem com uma espécie de “dívida” com Cururupu e gostariam de pagar, porém não só pelo simples fato de pagar, mas, sim, pelo desejo de ver a cidade se desenvolver da mesma forma que eles se desenvolveram, conforme a senhora Mari Heler afirma.

A AFAC nasce com esse objetivo de contribuir, de colaborar. A união desses migrantes em uma associação vai levar benefícios à cidade. O interesse dos associados da AFAC está para além de um “pagamento de dívida”, percebemos que existem outros motivos que os unem, o amor pela cidade, isto é, a identidade de ser cururupuense.

Além disso, diante de suas narrativas, percebemos que os valores religiosos, familiares recebidos pela formação do Colégio Dom Bosco, ou seja, pela Missão canadense ainda estão muito presentes e esses elementos fazem parte dessa identidade cururupuense, ou pelo menos como eles entendem essa identidade. Portanto, compreendemos o objetivo que a Associação tem de trabalhar pelo melhoramento da cidade de Cururupu.

Como a senhora Mari Heler afirmou, “nós nos desenvolvíamos, Cururupu não!”. De acordo com esse relato, a missão levou tudo o que a cidade precisava, médico, escola, entre outros. Tudo o que eles são hoje é compreendido por eles como uma consequência da formação que eles receberam no passado. Então, é preciso continuar o trabalho da Missão, é preciso levar agora para Cururupu o que eles receberam da missão, afinal a missão fez parte da vida deles de alguma forma, e isso fica bastante evidente na volta desses ex-alunos para a comemoração do Jubileu, além de mostrar o amor pela cidade, evidencia também a união desses ex-alunos que se juntaram em torno de uma associação para retribuir os seus “desenvolvimentos” à cidade de Cururupu. Portanto, nasce a AFAC com o objetivo de trabalhar em prol de Cururupu da mesma forma que a missão canadense trabalhou. Essa identidade, esses valores que foram formados desde a época da missão estão presentes no relato da senhora Amélia Brito.

Olha os princípios que tivemos, a nossa raiz, a nossa identidade tá lá em Cururupu, e quando a gente fala em identidade é a nossa formação. Então isso aí para mim, particularmente eu gosto demais de Cururupu, gosto muito. Então eu acho que quando a gente fala em identidade, na formação religiosa, formação familiar que foi toda lá de Cururupu, essa é a minha identidade. Então, eu particularmente, eu acho que isso é que me faz trabalhar, tá empenhada, porque eu tenho certeza do meu gostar que tenho por Cururupu, e eu vejo muitas pessoas ali que as vezes, na verdade se aproveita da situação e não faz quase nada pela cidade, e a cidade tá lá do jeito que a gente tá vendo. Então é isso que me fortalece a minha identidade toda tá ali.

Embora a senhora Amélia não tenha estudado no Colégio Dom Bosco, a influência da missão no que se refere aos valores da formação religiosa e familiar demonstra estar para além do ambiente escolar. O trabalho da missão São Jacinto não se restringia somente à escola. A Igreja era outra instituição formadora desses valores, as missas eram sempre marcadas pela presença assídua das famílias, os grupos de jovens coordenados pelos

padres e freiras também tinham o papel formador dos valores cristãos católicos. Além disso, os padres e as freiras da Missão São Jacinto transitavam livremente nos lares das famílias cururupuenses.

Ao fundar a Associação, a intenção desse grupo foi de unir o máximo de pessoas que tivessem uma afinidade com a cidade de Cururupu, como o nome já diz (Filhos e amigos), além dos filhos, principalmente. Isto se deu na intenção de fortalecer essa identidade pela cidade, juntando os elementos que agregam essa identidade de grupo. Isso fica evidente no poema composto por eles, quando a senhora Mari Heler teve a ideia de perguntar aos membros o que era ser cururupuense, sobretudo, ser um cururupuense “do passado”. Cada um foi dizendo o que, para si, significava ser cururupuense e o senhor José Belém Garcia, também associado, transformou em poema:

Ser Cururupuense

*Ser Cururupuense
É ter nascido nesta vila
Na terra do bem querer!
Onde o mar beija a areia
E o vento o amor semeia!*

*Ser Cururupuense
É ser devoto de São Benedito
É sair na procissão e cantar o seu bendito!*

*Ser Cururupuense
É lá na pacova banhar
E lá na Chiquinha, a roupa lavar*

*Ser Cururupuense é:
Beber água da bacabeira e dos remédios, vem!
Água melhor não tem!*

*Ser Cururupuense é:
Beber juçara, com farinha e camarão,
Comer uriacica, e ficar o “pitiu” na mão!*

*Ser Cururupuense
E ser pescador e lavar o pé
Lá no leme, no bairro do jacaré!*

*Ser Cururupuense é:
Ouvir as toadas de lulu*

Lá no “barro branco”, na vila do “cururupu”

*Ser Cururupuense é:
Brincar no “bode” de capitão Adolfo
E boi de boca feito de cofo!*

*Ser Cururupuense é:
Brincar no bloco da fome
Arre! Como esse povo come*

*Ser Cururupuense é:
Sair no bloco de “zabé mineira”
Com Maria “pau de graxa” como porta bandeira!*

*Ser Cururupuense
É ficar curujando o “club” no sereno
Esperando a chegada do moreno*

*Ser Cururupuense:
É dançar a noite toda no manduquinha
É amanhecer na severa com a minina*

*Ser Cururupuense:
É brincar com “jaleco” a brincadeira real
Com Haroldo vestido, de rainha do carnaval.*

Nesses versos é notável que só quem é de Cururupu conhece e compreende o que está escrito, (por exemplo, “pacova”, uma fonte onde as mulheres iam lavar roupa e tomar banho). É uma afirmação identitária que inclui e exclui. Esses membros se juntam em torno de elementos que compõem uma mesma identidade, uma identidade de um lugar, uma identidade específica como se refere Willians:

Quando volto àquela região, sinto que recupero uma forma de vida específica, que por vezes ser uma identidade inevitável, uma ligação mais positiva do que a que tenho com qualquer outro lugar. Muitos outros homens sentem o mesmo em relação aos lugares onde nasceram, e a força da ideia de ter raízes num lugar, seja este antigo ou novo, torna-se positiva e inquestionável. Mas, para a maioria das pessoas, a questão sempre foi como continuar a viver onde elas estão (WILLIANS, 2011, p. 144).

Compartilhando das mesmas memórias, das mesmas saudades, dos mesmos elementos identitários, os membros da AFAC se unem em torno de um mesmo objetivo que é de trabalhar para que a cidade cresça e se desenvolva sem perder de vista essa identidade.

No que se refere às mesmas lembranças, compartilhadas por várias pessoas, mas que essas pessoas tenham proximidades, sempre tiveram contatos e fazem parte do mesmo grupo, assim elas compartilham das mesmas memórias, é o que acontece com os membros da AFAC no que se refere aos elementos do poema compostos por eles. Nesse sentido Halbwichs refere-se:

Às vezes essas relações ou esses contatos são permanentes ou, em todo caso, se repetem com muita frequência, prosseguem durante muito tempo. Por exemplo, quando uma família vive por muito tempo em uma mesma cidade ou na proximidade dos mesmos amigos, cidade e família são como sociedades complexas. Surgem então lembranças compreendidas em dois contextos, comuns aos membros dos dois grupos. Para reconhecer uma lembrança desse tipo, é preciso fazer parte ao mesmo tempo de um e de outro, uma condição que durante algum tempo é preenchida por uma parte dos habitantes da cidade, por uma parte dos membros da família (HALBWACHS, 2003, p. 52).

Assim sendo, os membros da AFAC são de origem da mesma cidade, alguns pertencentes à mesma família. Em se tratando de Cururupu, cidade pequena do interior, a proximidade das pessoas é praticamente inevitável, portanto, as lembranças são compartilhadas de forma bastante coesas. Da mesma forma, as experiências do novo lugar são igualmente compartilhadas, como a citação anterior evidência, tanto a memória do lugar de origem, como as dificuldades de adaptação em São Luís, por exemplo. Isto é, sem dúvida, um reforço da identidade ligada ao local de nascimento.

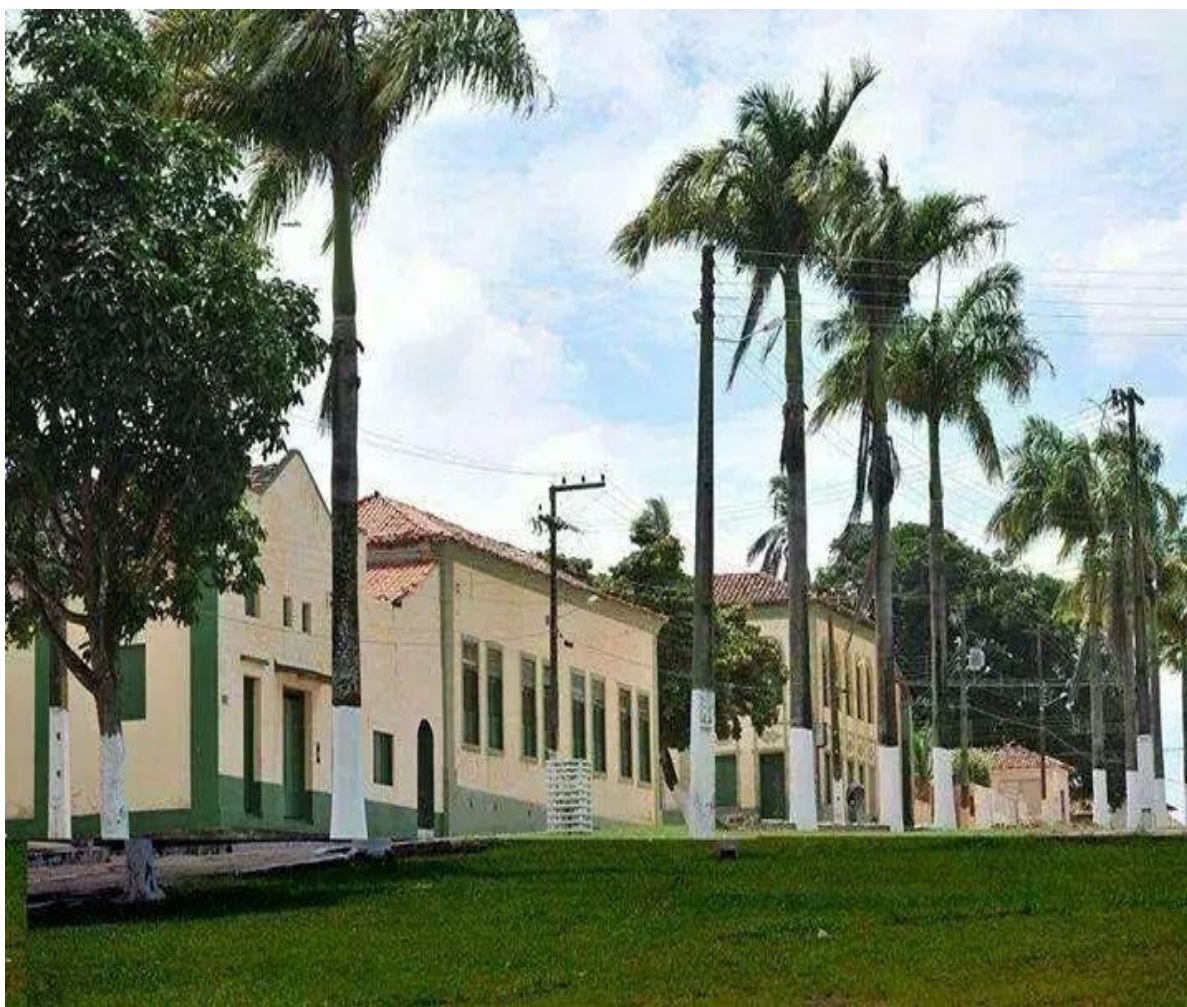
Essa identidade cururupuense é reforçada em cada reunião, em cada publicação que a AFAC realiza, no Editorial do Boletim Informativo nº 02, ano 2, de agosto de 2015, afirma o seguinte:

Ficaríamos felizes se os nossos conterrâneos e amigos percebessem e refletisse sobre o alcance e o idealismo da AFAC – Associação dos Filhos e Amigos de Cururupu, associação descompromissada com o movimento políticos. A nossa preocupação está totalmente voltada para a nossa terra berço; aquela que nos viu nascer, onde o badalar dos sinos nos chamava à oração e despertava a fé, aquela que quando o circo chegava a garotada, se animava e feliz, suada acompanhava que numa perna de pau cantava: “oh raia sol e suspenda a lua” e a garotada respondia: “olha o palhaço que está na rua” (depois era carimbada para entrar de graça. Alguns nem banhavam). Este memorial transcende saudades? Mas só se tem saudades daquilo que nos fez felizes, o contrário, são lembranças, às vezes amargas. A cidade continua cálida, bucólica e, de certo modo triste. Seus belos casarões imploram por um tombamento histórico, ali estão ainda, entretanto, descaracterizando-se, como se envergonhassem do seu glorioso apogeu. Lembram como era a frente do salão paroquial? Dos suntuosos altares e da área interna da Igreja Matriz? Do prédio da Escola Normal Regional? Do Instituto Cururupuense? Do sobrado da família Pires da Fonseca? Do sobrado onde hoje está o Fórum? Do sobradão pomposo onde funcionava o

Fórum? Infelizmente tudo foi destruído. Até o sino não replica como antes, parece cansado e afônico.

Mas a AFAC está aqui firme e, através deste documento mais uma vez comunicando-se com vocês cururupuense ou não, para que nossos valores socioeconômicos e socioculturais não sejam esquecidos e que a nossa dignidade e nossos sentimentos despertem a cidadania dos cururupenses, especialmente daqueles que parecem excluídos.

É dessa forma que a AFAC pretende resgatar a memória e a identidade cururupuense dos sócios e não sócios. Através de alguns projetos pretende difundir esses valores, sobretudo os culturais, não deixando os cururupenses esquecerem que o município vivenciou no passado muitos momentos gloriosos, com seus filhos ilustres e seus casarões imponentes.



Da esquerda para direita: Salão e casa Paroquial e Convento das freiras. Cururupu – MA. Acervo AFAC.



Praça Aquiles Lisboa, Cururupu – MA. Fonte: a autora



Casarões Antigos, Cururupu – MA. Fonte: a autora



Praça da Matriz: Cururupu – MA. Fonte: autora

Desenvolver projetos que resgaste a memória cultural de Cururupu é um dos objetivos da AFAC. Trazer à tona a memória, e reconstruir a identidade cururupuense que, para eles, há tempos parece esquecida. Reescrever a história de Cururupu para que as gerações futuras tenham orgulho de sua terra da mesma forma que os membros da associação têm. As memórias precisam ser compartilhadas, como se refere Halbwachs (2003, p. 32): “[...] temos que trazer uma espécie de semente da rememoração a este conjunto de testemunhos exteriores a nós para que ele vire uma massa consistente de lembranças”. Assim, dividindo a memória da cidade, reconstruindo a sua história e solidificando sua identidade, a possibilidade é ainda maior dessa memória não se perder, sem essas testemunhas será incapaz de reconstruir e de preservar tais memórias.

De modo semelhante, o Instituto Negro Cosme – Instituto formado igualmente por migrantes cururupuenses – que também vieram buscar melhores condições de vida na cidade de São Luís, fundaram a instituição com o mesmo intuito da AFAC, trabalhar para contribuir de alguma forma para com a cidade de Cururupu. Um dos seus principais objetivos é resgatar

a memória e a cultura do município de Cururupu que, segundo eles tem se perdido ao longo do tempo:

O objetivo que nos norteia, é prestar assistência a cururupuense, a cururupuense que vem pra cá, às vezes não tem um recurso, uma assistência, encaminhamento, a gente pretende prestar essa assessoria, esse auxílio cururupuense, até por conta da casa de Cururupu aqui em São Luís, que pudesse dar esse suporte para as pessoas que vêm adoentadas, por uma série de necessidade aqui, é um dos objetivos que nos norteia. O Instituto nasceu com esse propósito de não ficar só aqui em São Luís, mas de congrega cururupuense aqui em São Luís pra fazer alguma coisa em prol de Cururupu, ou serem essas assistências aqui, ou arrecadar auxílio para distribuir lá para pessoas carentes. Junto a esse objetivo foi que iniciou o Instituto e aconteceu de descobrir o carro de boi, um objeto muito importante historicamente e que poderia ser usado para fazer evento, assim, resgatando um pouco mais da cultura local, resgatando e na medida do possível, projetando Cururupu através desse evento (Relato do Joilton, representante do Instituto Negro Cosme).

Um dos trabalhos mais reconhecidos do Instituto Negro Cosme em Cururupu é o “Encontro de carros de bois”, que já é realizado há sete anos. O objetivo desse encontro é homenagear um meio de transporte que foi e ainda faz parte da cidade, o carro de boi é um instrumento de trabalho que ainda está presente no cotidiano da cidade.

Quando questionamos o objetivo desse encontro de carros de boi, sobre qual seria o motivo da Instituição em resgatar uma tradição tão antiga, uma tradição que mesmo fazendo parte da rotina e de muitos trabalhadores locais, nos remonta o período colonial, percebemos que as duas instituições, tanto a AFAC quanto o Instituto Negro Cosme demonstram ter um saudosismo pelas coisas que, de certa forma, marcaram suas infâncias, trabalhando para resgatar essas memórias esquecidas. Porém, o interessante é que não só eles buscam por essa memória perdida no tempo, os próprios moradores da cidade se juntam a essas entidades para trabalharem no resgate dessa memória, que tem como foco valorizar o condutor do carro de boi, de acordo com o relato da Terezinha que é representante do Instituto Negro Cosme, essas pessoas são responsáveis pelo crescimento da cidade de Cururupu:

Fomos pra Cururupu, levamos a doação, chegando lá em determinado momento, acho que era uma 6h, 5h da manhã escutou-se o canto do carro de boi e aí a pessoa que foi com a gente disse: o que é isso? Ele nunca tinha visto (não é de lá, não conhecia) e a gente disse, é o carro de boi. Aí fizemos um levantamento, tem mais ou menos mil carros de boi, isso em 2007. Então vamos fazer alguma coisa. Viemos de Cururupu e começamos a trabalhar. Como dar um dia especial, vamos chamar de homenagear o condutor do carro de boi, essas pessoas que construíram Cururupu, naquela época não existia carro, não existia veículo pra carregar pedra, nada, utilizava-se como meio de transporte. Vamos valorizar

esse pessoal, fazer um dia para homenageá-los, aí que tivemos a ideia de fazermos um encontro de 3 dias.

Outro representante do Instituto Negro Cosme, José Luís Carvalho relata também a importância desse encontro de carros de boi para a cultura da Cidade de Cururupu:

Para nós, simbolicamente, o encontro de carros de boi significa o agradecimento ao lavrador por tudo que ele coloca na nossa mesa. Por que resgatar uma cultura do tempo colonial? É uma questão simples para o negro, não existe um povo sem cultura, se perder essa cultura ele fica sem identidade pra se sustentar. Hoje em dia, a administração pública não dar valor a sustentabilidade de um povo, então é necessário que haja alguma coisa que faça com que eles permaneçam vibrantes e dê continuidade a suas vidas, porque se esperar pelo governo, pelo governante, vai sempre morrer.

Para o Instituto Negro Cosme, não existe cultura antiga, isto é, a cultura é atemporal. Apesar do carro de boi parecer um instrumento que remonta o tempo colonial, porém é uma referência cultural de um povo e não pode ser esquecida. Nesse sentido, a cultura é uma criação coletiva e dirigida para a comunidade, é também uma necessidade, pois para viver em sociedade é preciso aprender a cultura local, no caso do carro de boi, não pode permitir que se esquecesse. Isso faz com que a cultura aponte para o mundo como ele é com hábitos e valores que aproximam os indivíduos do grupo. Como em Cururupu ainda existe muitos carros de boi, ainda fazem parte do cotidiano da cidade, então para o Instituto pode até parecer antigo aos olhos de algumas pessoas, mas para eles é necessário manter essa cultura. Podemos entender nesta preocupação, a necessidade de alimentar uma identidade cururupuense tal como eles a entendem. Não podemos esquecer que a cidade, tal como qualquer cidade do mundo, passou, passa e passará por mudanças. Mas é preciso lembrar que lidamos não com o mundo real, mas com representações. Logo, estas pessoas estabelecem uma relação com a cidade de Cururupu, o carro de boi, por exemplo, é uma figura determinante. Podemos aferir o mesmo raciocínio a partir do poema citamos. Nele, uma espécie de mensagem cifrada, aberta somente aos iniciados, os cururupuenses de verdade, mantém construída pelos membros da Associação e compartilhada por muitos moradores da cidade. E está fortemente ligada com o passado, mas pode agregar muitos valores. É que o Joilton afirma no seu relato:

É cabível trazer inovações para a cultura, mas também não é desprezível, condenar manifestações que fazem alusão ao passado, acho que bem trabalhadas são bem

aproveitáveis e colaboram muito para a valorização realmente da sua identidade. E, isso bem trabalhada agrega valores.

Nesse sentido, de acordo com Teixeira Coelho, a cultura “cuida do outro”, concede identidade, quer descobrir verdades ocultas, é uma atividade resultante de um processo, como se refere o autor:

Aliás, umas das primeiras consequências positivas da noção de cultura como adubo é a ideia de processo nela implícita: o estrume é o elemento a final ativo, mas ele mesmo em si não é nada, ele mesmo é outra coisa resultante de um processo cujas partes têm todas a mesma natureza verificada no conjunto: a cultura como processo, não como objeto mas como uma atividade, esta é a ideia chave (COELHO, 2008, p. 19).

É evidente que nenhuma prática social concreta não é a pura expressão ou manifestação de uma relação social única. Nessa linha de reflexão, o conhecimento da cultura, aparentemente banal, pode-se constituir em um ponto de referência, hoje urgente, para que se possa refletir no campo das ciências humanas, sobre o caráter histórico e cultural desses processos, com o fim de gerar procedimentos democráticos. Para Hall (2005), a cultura tem a ver com os significados partilhados, num conjunto de práticas; a linguagem é o meio privilegiado que dá sentido a tudo isso. E é esse meio que sustenta que o diálogo possibilita a construção e a conservação de uma cultura de entendimentos partilhados, por conseguinte a interpretação do mundo.

Assim, a cultura mantém os hábitos e valores, de acordo com Terry Eagleton (2011, p. 47) “ela floresce na era da modernidade, é em grande medida como um vestígio do passado ou como uma antecipação do futuro”.



Encontro de carro de boi. Cururupu – MA. Fonte: Instituto Negro Cosme.



Encontro de carro de boi. Cururupu – MA. Fonte: Instituto Negro Cosme.

O encontro de carros de boi representa esses significados partilhados pela cultura, esse conjunto de prática ao qual Hall (2005) se refere. Então, se de um lado a cultura é uma criação coletiva dos grupos humanos através do tempo, de outro, cada pessoa também é, em grande medida, uma criação diária e constante da cultura em vive, desde o dia de seu nascimento.



Encontro de carro de boi: Cururupu – MA. Fonte: Instituto Negro Cosme.

O encontro de carros de bois já faz parte do calendário de eventos da cidade, esse evento consegue mobilizar várias pessoas que juntas trabalham para a realização do encontro. Além do Instituto Negro Cosme, há também, a associação Rio de Pedras, uma comunidade remanescente de quilombo que participa ativamente do encontro.

Dessa forma, o intuito do Instituto Negro Cosme, juntamente com a comunidade Rio de Pedra, tem o objetivo de resgatar essa cultura e mostrar que ela pode até ser antiga e remontar os tempos colônias, mas ainda faz parte do cotidiano da cidade. Como destaca Bhabha (1998, p.27): “O passado presente torna-se necessidade e não nostalgia de viver”. Essa identidade que os cururupuenses têm com os carros de boi, ainda é muito forte.

4.1 Projetos da AFAC para o desenvolvimento de Cururupu

A AFAC, como já foi mencionado várias vezes, nasce com o objetivo de colaborar, de ajudar o desenvolvimento da cidade de Cururupu. Os seus membros desejam que o município se desenvolva da mesma forma como eles se desenvolveram, quando ao deixar a cidade em busca de oportunidade conseguiram se estabelecer em São Luís. Organizados, esses migrantes trabalham em benefício dos cururupuenses como uma forma de manter os laços identitários com a cidade de origem.

Ao questionar como a migração poderia contribuir de alguma forma com a cidade de Cururupu, no sentido de ajudar a cidade se desenvolver, a associada Amélia é bastante clara:

Individualmente não. Acho muito difícil, mas se nós nos juntarmos, a questão da interação entre as pessoas num grupo se fortalece muito mais unidos. Então eu acho que sim, eu não vou ser tão radical dizer que individualmente não, mas demora muito mais que unido, não falo em associação agora, porque está se fortalecendo, já vinha antes com duas gestões, dando continuidade ao que já estava, que também foi muito proveitoso, não resta dúvida, mas acredito que sim. Todos os cururupuenses se inserirem num quadro de união, de colaboração, formando um grupo, esse grupo sendo forte, eu acho que pode sim contribuir, Cururupu está precisando disso realmente.

Percebemos que essa opinião não é só de uma associada, notamos, ainda, que as falas dos outros associados convergem para o mesmo ponto, a associação:

É essa esperança que nós temos, o que acontece, ah, Cururupu piorou, ah Cururupu..., mas nós precisamos fazer alguma coisa, sair da negligência, da lamentação e partir para uma ação efetiva. É o que nós queremos, né, acho que a gente consegue. O que está faltando é direcionar, é motivar, são essas ações que estamos buscando nesses encontros, nós vamos pra lá sexta feira já com a intenção de preparar o seminário repensando Cururupu. E a construção da nossa sede para que eles juntos com a gente participem, porque não adianta só a gente chegar e fazer acontecer, mas eles mesmos também, é uma força maior (Relato da senhora Mari Heler).

Há uma unanimidade na percepção que, juntos, eles podem fazer muito mais por Cururupu, ou seja, como uma associação. Nesse sentido, o relato do senhor Paulo Avelar é bastante consistente:

Eu digo que pouco. Muito pouco. Acho nós teríamos muito mais, Cururupu estaria bem melhor se as pessoas retornassem, dessem um pouco mais de contribuição. Então você vê o seguinte, vamos dar um exemplo, da minha turma de Dom Bosco hoje quem retorna a Cururupu, vamos dizer de 40 não tem 10%, 20% que está lá, a não ser na festa do carnaval,

fala da cidade e vem embora. Deveria ser feito alguma coisa nesse sentido, por isso que a associação tem esse papel de fomentar essa integração e a gente fazer alguma coisa por lá, na verdade a associação é de lá, tem que ser lá e nós aqui vamos contribuir para que a gente possa fazer isso.

Dessa forma, fica evidente que juntos, unidos, organizados em uma associação eles podem muito. Em pouco tempo de existência, já contribuíram de forma bastante significativa com a cidade.

Nas entrevistas foram relatados alguns projetos que já foram desenvolvidos efetivamente pela AFAC, desde parcerias com o SENAC para ministrar cursos técnicos na área de informática, para 60 jovens, à implantação do curso de engenharia de pesca, da UFMA. Tudo devidamente registrado e documentado, de acordo com o presidente da entidade.

Nós começamos pensar na questão educacional, com a profissionalização, ou seja, há dois anos fizemos parceria com o Senac, e o Senac forneceu todo material pedagógico, o corpo docente, o Senac forneceu todo material pedagógico e nós ofertamos um curso de informática para 60 jovens. Esses jovens já estão inseridos no mercado de trabalho de Cururupu de alguma forma, não todos, uma boa parte. O curso teve duração de quase um ano e foi muito bom, reconhecido, com certificação do SENAC. Nós estamos pensando agora, ofertar novamente alguns cursos, cursos permanentes, mais especificamente nessa área da informática, acho que precisa mais, a pessoas que domina a tecnologia da informática, ela tá avançando no mundo todo, né? Estamos pensando em construir um espaço nosso pra começar oferecer isso.

Outro projeto do qual a associação tem comemorado muito, e que sem dúvida nenhuma quem mais lucrará com isso é a população cururupuense, foi o projeto elaborado pelo Professor Trovão e encaminhado à reitoria da Universidade Federal do Maranhão, solicitando a implantação de um campus, ou pelo menos a implantação do curso de Engenharia de pesca, já que o município de Cururupu dispõe de um vasto litoral e a pesca é uma das suas principais atividades econômica.

No depoimento do Professor Trovão, percebemos a alegria e o entusiasmo quando relatou tal fato e, mais ainda, quanto o Reitor da Universidade Federal do Maranhão, Natalino Salgado sinalizou positivamente ao projeto da Associação.

Outro fato também que é muito importante que a associação encampou. Eu fiz um projeto, no sentido de levar a ufma para Cururupu. Então eu apliquei questionários, fiz uma reunião em Cururupu com professores, com presidentes de sindicatos, com políticos não, na casa de Marlina, distribuindo para professores para recolherem assinaturas em, Porto Rico, Guimarães, Apicum-açú, Bacuri e, parece-me em Serrano, recolhemos 1.800 assinaturas.

Quando eu estava com essas assinaturas, não atuava na associação, mas participava. Bem, agora vou procurar respaldo, porque não a associação, fui na reunião e mostrei o projeto para eles e eles toparam. Vamos levar para reitor. Quem levou o projeto para reitor foi a associação, mas o projeto é meu.

Quando o presidente da AFAC leu o Ofício em voz alta para a assembleia, que a Universidade Federal do Maranhão garante implantar o Curso de Engenharia de Pesca no município de Cururupu a alegria ficou estampada no rosto de todos os associados. Certos de que essa seria umas das maiores conquistas da associação quase não conseguiam conter sua felicidade. Para dar continuidade nesse projeto, será feita uma grande divulgação nas escolas públicas de ensino médio, também será elaborado, como parte do projeto um cursinho solidário para os jovens de escolas públicas possam ingressar nesse curso.

Outra conquista que foi também foi bastante comemorada, foi um projeto enviado à Câmara Municipal de vereadores da cidade de Cururupu, esse projeto faz parte de um projeto maior da AFAC, diz respeito à memória da cidade. Trata-se da solicitação da concessão de um prédio antigo, onde funcionou, por muito tempo, o “Palácio das Festas”. É um prédio que faz parte do conjunto arquitetônico da cidade e que por muito tempo ficou abandonado, depois de ser completamente descaracterizado por uma reforma. Hoje ele é usado como depósito da prefeitura.

Essa conquista foi mais difícil, pois eles tiveram que enfrentar as desconfianças dos vereadores, que queriam saber de que lado e qual era o real interesse da associação. Claramente os vereadores enxergaram a associação como um novo grupo político partidário disputando interesses políticos. Ao perceber a desconfiança dos vereadores, a associação montou uma comissão para ir até a cidade unir-se com o núcleo de lá e fazer uma divulgação sobre os objetivos da entidade. O presidente da AFAC deu entrevista na rádio local sinalizando o interesse de conseguir junto à Câmara a concessão do “Clube”. Na abertura da sessão o senhor Paulo Avelar, presidente da Associação faz um discurso na intenção esclarecer o que é a AFAC, quais são seus objetivos e qual é a pretensão da Associação se conseguir a concessão do Clube. Depois de tudo devidamente explicado os vereadores votaram a favor da AFAC. Mais uma conquista comemorada.

De acordo com o presidente, a associação vai resgatar a antiga Academia de Letras Cururupuense que funcionará nesse prédio histórico, também pretende construir uma biblioteca, um museu que conte a história da cidade. Logo que o prédio passar por uma reforma que resgate a antiga fachada.

Diante desses fatos, nas entrevistas foi questionado se eles não tinham preocupação de serem mal interpretados, da associação querer tomar uma responsabilidade que é do governo local. Por exemplo, o projeto da implantação do curso da Universidade, resgatar a memória da cidade, entre outros. De ser duramente criticados pelas pessoas, que pensariam que provavelmente haveria algum tipo de interesse por de trás disso tudo, sobretudo interesse político partidário, se a real intenção da associação não seria de eleger alguns de seus membros tanto para o poder executivo quanto do legislativo. As respostas foram as seguintes, no relato do senhor Paulo Avelar:

O objetivo principal, o primeiro objetivo é defender os interesses de Cururupu, aí eu abro uma aspa para dizer: é uma associação sem fins lucrativos, sem objetivos políticos partidários, sem objetivos religiosos definidos. Então começamos por aí, defender os interesses de Cururupu, assim, tudo aquilo que diz respeito a Cururupu. Não vamos substituir o poder público em nada, legislativo, o poder executivo, nem o judiciário, mas vamos estar vigilantes e contribuindo naquilo que podermos contribuir no executivo para melhorar, poder sugerir etc.

Da mesma forma, a resposta da senhora Amélia Brito é de forma consistente:

Que na verdade, a associação não vai resolver nada, ela vai provocar, vai mostrar, ela não vai lá fazer. Agora em dizer assim, que a associação vai tirar proveito disso, porque ela não tem caráter político partidário, as pessoas podem pensar, a gente não sabe, podem pensar, mas procuramos deixar isso bem claro, o intuito não é esse. Tanto que têm pessoas de religião diferente, pessoas de qualquer partido, mas não se discute isso dentro da associação, a gente não discute nada disso. E, se alguém quiser se candidatar que se candidate, mas que não vá fazer sua campanha dentro da associação e a associação não vai fazer campanha. Agora as pessoas pensarem, certamente podem pensar, mas essa informação que a gente sempre procura deixar, não tem caráter religiosos, políticos partidários. É discutir Cururupu. Então, por exemplo, nós não vamos nunca pegar uma ação da prefeitura e passar por cima, não, digamos assim. É pra provocar, é realmente pra provocar, a gente tá vendo as casas, as janelas estão sendo tudo tiradas. Se não tiver alguém pra mostrar que não é assim, pra ir atrás, pra correr, vai acabar, vai destruir.

Diante do exposto, a AFAC assume uma postura apartidária, reafirmando os seus objetivos, negando firmemente o interesse político. Trabalhando no sentido de desenvolver ações junto ao município, em busca de sua melhoria. Como afirma a senhora Mari Heler:

É essa esperança que nós temos, o que acontece, ah, Cururupu piorou, ah Cururupu..., mas nós precisamos fazer alguma coisa, sair da negligência, da lamentação e partir para uma ação efetiva. É o que nós queremos, né, acho que a gente consegue. O que está faltando é direcionar, é motivar, são essas ações que estamos buscando nesses encontros, nós vamos pra lá sexta feira já com a intenção de preparar o seminário repensando Cururupu. E a

construção da nossa sede, para que eles juntos com a gente participem, porque não adianta só a gente chegar e fazer acontecer, mas eles mesmos também, é uma força maior.

O seminário ao qual a senhora Mari Heler se refere, na verdade é um Fórum que aconteceu no mês setembro, de 2015, nos dias 10 e 11, com programações de palestras, mesas redondas, oficinas e eventos culturais. Esse Fórum debateu um problema muito comum nas cidades do interior, a violência. De acordo com Silva (2014, p. 75), a violência tem crescido muito nos interiores maranhenses e a “segurança nas cidades do interior maranhense fica a cabo e quase exclusivamente da Polícia Militar, que, mesmo ela, possui um dos menores contingentes do país, sobretudo quando nos referimos à relação de policiais por habitantes”. Dessa forma, essa escassez é um dos fatores que contribui para o aumento da violência nas cidades do interior.

Assim, esse Fórum buscou debater o problema da violência, com o tema: “VIOLÊNCIA E SEGURANÇA PÚBLICA: desafios e perspectivas”. A AFAC deseja fazer um amplo debate entre as instituições e a sociedade civil, convidando como representante dos cururupuenses, o governo local, as associações que representam as mais diversas categorias, bem como os alunos secundaristas e os jovens em geral. A AFAC pretende ainda, ao final do evento elaborar uma carta de intenções elencando os pontos principais do debate para entregar ao Secretário de Segurança Pública do Estado, que estará presente no evento.

Outro projeto que a AFAC pretende desenvolver é ainda mais grandioso, sendo a edição de um livro que também está relacionado com o resgate da memória, uma obra que conte a história de Cururupu, como foi fundada, como foi emancipada, quem contribuiu para essa emancipação, a história sociopolítica, econômica e cultural, como afirma o senhor Paulo Avelar em seu relato:

Outro ponto também, é que estamos pensando em editar um livro, uma obra sobre a história de Cururupu, uma obra nesse sentido. Agora aí vamos pegar toda a história sociopolítica, econômica e cultural pra quê essa obra fique mesmo definitiva pra ser inclusive repassada para as escolas pra que nossas crianças, nossos jovens saibam pelo menos quem ajudou Cururupu, quem foram essas pessoas que tiveram participação nesse processo de emancipação, de desenvolvimento, o que Cururupu oferece, essas coisas todas.

O que se percebe nesse relato, é que a AFAC pretende fomentar e manter uma representação identitária cururupuense forte, através do resgate dessas memórias, sobretudo, entre os jovens. Levando para o âmbito da escola para ser trabalhada, para que não se perca. Tentando definir assim, uma identidade autenticamente cururupuense. Isso é muito observado

entre os grupos e, diz respeito às características fundamentais do indivíduo e do grupo a que ele pertence e isso está diretamente relacionado com a visão que o grupo tem sobre o sentimento de pertencimento e o que é estabelecido e é entendido na sua relação com o mundo. A sociologia explica de forma bastante clara, afirma Flávia Eloisa Caimi (2013, p.18):

A Sociologia, por sua vez, prioriza o estudo da identidade social, entendendo-a como o sentimento de pertença a determinado grupo e também a forma como os indivíduos estabelecem e entendem sua relação com o mundo, como se percebem dentro da sociedade, como percebem as outras pessoas em relação a si mesmas. Assim, identidade social é sempre construída nas interações e emerge das várias práticas sociais e/ou discursivas das quais os indivíduos fazem parte.

Desta forma, podemos perceber como a associação mantém uma ligação identitária muito estreita com a cidade de Cururupu, projetando ações concretas visando pensar a organização social do lugar, ao mesmo tempo, a memória da cidade. Este resgate passa, inclusive, pela inclusão de alunos de ensino médio nos debates sobre o lugar em que vive.

Embora a AFAC desenvolva vários trabalhos com o intuito de fortalecer essa identidade cururupuense entre os sócios, entre os jovens estudantes secundaristas, porém foi observado que os filhos dos associados não participam efetivamente da Associação. Não estão presentes nas reuniões e nem nos trabalhos desenvolvidos pela instituição. Suas presenças são marcadas nos eventos, confraternizações, festas realizadas pela AFAC. Como expõe Kessia Nogueira, filha da associada Nubia Nogueira: “As festas da AFAC não vou a todas, só na junina e na de final de ano”. Foi percebido também, que a relação desses filhos com a cidade de Cururupu não é a mesma dos pais, ou seja, eles não compartilham essa identidade cururupuense. Isso fica evidente na fala da Kessia, “*sempre vou a Cururupu, duas vezes por ano, só vou porque tenho parentes lá*”.

Podemos pensar que a busca dos membros da Associação por preservar a cultura e memória da cidade e por manter, mesmo estando aqui em São Luís, os laços com a cidade e a representação identitária de pertencer à Cururupu surge como uma obrigação, já que as novas gerações, os filhos destes filhos de Cururupu, não se sentem ligados à cidade.

Nesse sentido, pode-se pensar que a Associação não terá um futuro, assegurado pelas mãos dos filhos dos migrantes, já que os filhos dos associados não têm o mesmo interesse, nem pela associação, nem pela cidade de Cururupu. Porém, a AFAC pretende fazer um recrutamento de jovens, tanto aqui em São Luís, como em Cururupu para que os jovens conheçam e participem de forma efetiva da Associação. Para tanto, ela vai fazer uma extensa

divulgação, também vai isentar esses jovens da taxa de mensalidade. O objetivo desse recrutamento é de fomentar a identidade cururupuense entre jovens para que eles possam através da associação conhecer melhor sua cidade, não perder o vínculo, desenvolvendo trabalho junto à cidade com a Associação. Desta forma, talvez, estas novas gerações de cururupuenses não sintam necessidade de migrar para a capital.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa historiográfica tem vivenciado grandes transformações diante das novas perspectivas de temas e fontes documentais, sobretudo no que se refere ao âmbito da história oral que registra fatos históricos através das narrativas, alcançando assim, “outras verdades” que de outro modo não poderiam ser alcançadas. Entre essas transformações está o fenômeno da migração um tema nunca antes debatido com tanto entusiasmo, isso porque com a possibilidade de novas abordagens, a história cultural, com a metodologia da história oral propõe que as narrativas dos próprios sujeitos relatando suas experiências passam a ser encarada como uma nova fonte documental.

Sabemos que a História é construída a partir do tempo presente. O olhar sobre o passado nos revela, na maioria das vezes, muito mais a dinâmica do nosso momento atual do que um “passado em si”. A História é constantemente reescrita a partir dos desafios do presente, assim podemos compreender porque a migração é um tema bastante estudado nos últimos anos. Cada novo presente possui dilemas, problemas, desafios e também possibilidades de fazer conexões com o passado.

A migração caracteriza-se por ser um fenômeno social, sendo um movimento dinâmico de vertentes distintas, é uma temática que requer cautela quanto a sua exploração, pois a mesma possui em seu bojo uma diversidade de interpretações e sofre variações que dependem do tempo e do espaço em que ocorrem, entretanto, as migrações contemporâneas apresentam suas especificidades e requerem capacidades de síntese diante dos estudos realizados.

Diante das várias possibilidades de interpretação da temática migração, cabe aqui inseri-la no campo da História, pois a mesma se permite este estudo, ao passo em que se tem viabilizado novas abordagens historiográficas e novas problematizações. Assim, o estudo sobre as diversas experiências sociais, sejam elas individuais ou coletivas, corroboram para uma compreensão da construção histórica pelos sujeitos. Nesse sentido, situar a migração numa perspectiva historiográfica nos leva a compreender este processo enquanto experiências repletas de significados e significantes, que promovem transformações nas sociedades.

Ao examinarmos o tema migração, tivemos a oportunidade de fazer um diálogo com a literatura que discute sobre o tema, vimos que o problema da migração é bastante amplo e complexo, porém existe um vasto debate sobre a temática. Percebemos, ainda, que esse debate cresceu muito depois das novas abordagens da historiografia que possibilitou o

uso de novas fontes, sobretudo o resgate da memória tanto individual como coletiva através das narrativas dos sujeitos, que tem a oportunidade de narrar suas histórias.

Assim, “os colaboradores” desta pesquisa, isto é, os sujeitos da pesquisa, nos deram a oportunidade de conhecê-los um pouco mais de perto e de sabermos como eles engendraram estratégias para se adaptar a vida da cidade, isso porque, esta pesquisa se propôs a compreender a construção ou a reconstrução, o ajuste ou o reajuste da identidade a partir da migração. E esse ajustamento ou reajustamento é construído através de suas narrativas, como Bosi (1994) se refere que lembrar não é simplesmente reviver, mas refazer, reconstruir, repensar.

Igualmente ao estudo do processo migratório, houve também uma necessidade de estudos sobre identidade e memória. O movimento migratório implica uma mudança profunda nos comportamentos desses indivíduos migrantes, os mesmos são obrigados a passar por um reajustamento, por uma reconstrução e ressignificação de hábitos e valores de suas ações, no que se refere ao confronto das disposições herdadas no meio rural.

A sociedade de acolhimento exige uma mudança, uma adaptação, uma reelaboração identitária, vários fatores contribuem para essa reelaboração, um deles e a globalização que provocou um alargamento no campo das identidades, a globalização possibilita um “fortalecimento de identidades locais ou a produção de novas identidades” (HALL, 2002, p.85).

Acreditando que todo processo histórico é sempre inacabado, a continuidade é que move os grupos e junta pessoas de interesses comuns e lhes garante identidades semelhantes e personalidade social, dessa forma, é comum perceber os elementos que os unem e que dão sentido as experiências vividas coletivamente, isso porque, as experiências individuais ganham muito mais sentido quando são inscritas em processos coletivos.

Nesse sentido, o estudo ora apresentado pretendeu dar uma visibilidade às experiências do movimento migratório de sentido rural/urbano, interior/cidade ocorrido no município de Cururupu, no interior do Estado para a capital, São Luís. Essa pesquisa foi realizada através de um estudo de caso da Associação Filhos e Amigos de Cururupu. Com o intuito de compreender a relação entre memória, narrativa e identidade a partir da migração.

A Associação dos Filhos e Amigos de Cururupu (AFAC) é um grupo que surgiu com esse propósito de resgatar uma identidade cururupuense entre seus associados que deixaram a cidade para buscarem uma vida melhor na capital do estado. Apesar de que esses associados, isto é, esses migrantes vieram buscar oportunidade na capital do estado e que a

cidade de Cururupu não fica assim tão distante de São Luís, podemos dizer que culturalmente não tem muita diferença, porém foram percebidas as dificuldades que esses migrantes encontraram ao chegarem à capital.

Porém, essas dificuldades foram aos poucos sendo superadas à medida que esses migrantes foram se adaptando à dinâmica da cidade, se reajustando e ressignificando o novo espaço cultural, sem perder completamente a identidade com o lugar de origem. Essa identidade é fortalecida e sustentada a partir da organização de uma rede de sociabilidade que, sem ela, a identidade de origem fica insustentável (Thomson, 2002).

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. Tradução de J. Oliveira Santos, A. Ambrósio de Pina – 21. Ed. – Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2006.

ALUBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *Preconceito contra a origem geográfica e de lugar: as fronteiras da discórdia*. – São Paulo: Cortez, 2007.

_____. *A invenção do Nordeste e outras artes*. Prefácio de Margareth Rago. – 5. Ed. – São Paulo: Cortez, 2011.

AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes, coordenadoras. *Usos & Abusos da história oral*. – 8. Ed. – Rio de Janeiro: Editora FVG, 2006.

AMADO, Janaina. *O grande mentiroso*. Tradição, veracidade e imaginação. In: *História*. São Paulo, v. 14, p. 125 – 136, 1995).

BALMAN, Z. *Modernidade Líquida*. 1 ed., Rio de Janeiro. Jorge Zahar Ed., 2001.

_____. *Identidade: Entrevista à Benedetto Vecchi*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor, 2005.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Tradução de Myriam Ávila; Eliana Lourenço de Lima Reis; Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaio sobre literatura e história da cultura*. Tradução Sergio Paulo Rouanet; prefácio Jeann Marie Gagnebin – 7. Ed. – São Paulo: Brasiliense, 1994.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: Lembranças de velhos*. 3. Ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

_____. *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BOUDIEU, Pierre. *A Distinção: crítica social do julgamento*. Tradução Daniela Kern; Guilherme J. F. Teixeira. São Paulo: Edusp; Porto Alegre RS: Zouk, 2007.

_____. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2004.

_____. *O poder simbólico*. Tradução Fernando Tomaz 10ª ed. – Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2007.

BRAGA, Antônio Mendes Costa. *O QUE SE LEVA, O QUE SE TRAZ :Fluxos migratórios de mercadorias entre o interior do Piauí e a cidade de São Paulo*. In. *Migrações: implicações passadas, presentes e futuras*. Paulo Eduardo, Antônio Mendes da Costa Braga, Rosana Balminger (org.). – Marília: Oficina Universitária: São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – disponível em <http://www.ibge.com.br>, acesso em janeiro de 2014.

- CAIMI, Flávia Eloisa. *CULTURA, MEMÓRIA E IDENTIDADE: o ensino de história e a construção de discursos identitários*. In. Ensino de história, memória e culturas / Cristiani Bereta da Silva, Ernesta Zamboni (organizadoras). – 1. Ed. – Curitiba, PR: CRV, 2013.
- CERTEUAU, Michel de. *A escrita da história*. Tradução de Maria de Lourdes Menezes; revisão técnica de Arno Vogel – 2ed. Rio de Janeiro: Forence Universitária, 2002.
- COELHO, Teixeira. *A cultura e seu contrário: cultura, arte e política pós 2001*. São Paulo: Iluminuras: Itaú Cultural. 2008.
- CHARTIER, Roger. *A visão do historiador modernista*. In. Usos & abusos da história oral/ Janaina Amado e Marieta de Moraes Ferreira, coordenadoras. – 8. Ed. – Rio de Janeiro: Editora FVG, 2006.
- _____. *Defesa e ilustração da noção de representação*. Fronteiras, Dourados, MS, V. 13, n. 24, p. 15 – 29, jul./dez., 2011.
- DURAND, Jorge; LUSSI, Carmem. *Metodologia Teorias no Estudo da Migrações*. Junduaí, Paco EDITORIAL: 20015.
- DURKHEIM, Émile. *As regras do método sociológico*. Tradução Paulo Neves: Revisão da tradução Eduardo Brandão. 3ª edição. – São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- EAGLETON, Terry. *A ideia de cultura*. Tradução: Sandra Castelo Branco; revisão técnica Cezar Mortari. – 2. Ed. – São Paulo: Editora Unesp, 2011.
- FABRÍCIO, Branca Falabella. LOPES, Luiz Paulo da Moita. *Discursos e Vertigens: identidades em xeque em narrativas contemporâneas*. Veredas – Rev. Est. Ling. Juiz de Fora, v.6, n. 2, p. 11 – 29, jul./dez. 2002.
- FERREIRA, Márcia Milena Galdez. *Práticas Culturais de Migrantes Nordeste no Maranhão (1930 – 2010)*. X Encontro Nacional de História Oral Testemunhos: História e Política, Recife, 26 a 30 de abril; UFPE, 2010.
- FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*: Tradução Selma Tannus Muchail. Martins Fontes: 2000.
- GIDDENS, Antony. *Modernidade e identidade*. São Paulo. Zahar, 2011.
- GONÇALVES, José Alfredo. *Migrações Internas: evoluções e desafios*. Estudos Avançados, v. 15, n. 43. Universidade de São Paulo, 2001
- GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz. *Cidades da Mineração: memória e práticas culturais, Mato Grosso na primeira metade do século XX*. Cuiabá: EDUFMT, 2006.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Tradução de Beatriz Sidou, São Paulo: Centauro, 2003, 224p.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 10 ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2005.
- IANNI, Octavio. *Origens agraria do estado brasileiro*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

IBGE - /http:// www.cidades.ibge.gov.br. Acesso julho de 2015.

IBGE/http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/estimativa2014/estimativa. Acesso junho de 2015.

IBGE - /http:// www.cidades.ibge.gov.br. Acesso março de 2016.

IMESC. www.imesc.ma.gov.br. Acesso em junho de 2015.

Instituto Maranhense de Estudos Socioeconômicos e Cartográficos. *Enciclopédia dos Municípios Maranhense*. – São Luís: IMESC, 2012.

JOUTARD, Philippe. *Desafios à história oral do século XXI*. In. FERREIRA, Marieta de Moraes (org.). *História Oral: desafios para o século XXI*. Rio de Janeiro: Fio Cruz, 2000. (Parte 2: Avaliações e tendências da história oral).

JUNQUEIRA, Lilian. *A noção de representação social na sociologia contemporânea*. In. Estudos de Sociologia, Araruama, 2005.

LEFBVRE, Henri. *A revolução urbana*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

LUSSI, Carmem. Teorias da Mobilidade Humanas. In. Metodologia e Teorias no Estudo das Migrações/ Jorge Durans; Carmem Lussi, Jundiá, Paco Editorial: 2015.

NERIS, W. S. *As Vias de Politização Sacerdotal no Maranhão (1950 – 19900*. Tomo (UFS), V. 19, p. 133- 184, 2011.

NORA, Pierre. *Entre memória e história: a problemática dos lugares*. In: Projeto Histórico, São Paulo: PUC, 1981.

PAIVA, Odair da Cruz. *Histórias de (I)migração: imigrantes e migrantes em São Paulo entre o final do século XIX e o início do século XX*. São Paulo: Arquivo Público do Estado, 2013.

PÊCHEUX, Michel. *Papel da memória*. In. *Papel da memória*. Pierre Achard...[et al.] tradução e introdução: José Horta Nunes – 4ª edição. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015.

POLLAK, Michael. *Memória e Identidade Social*. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, Vol, 5, n. 10, 1992, p. 200 – 212.

_____. *Memória, esquecimento, silêncio*. In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, V. 2. Nº 3, 1989.

PORTELLI, Alessandro. *Ensaio de história oral/ [seleção de textos Alessandro Portelli e Ricardo Santiago; tradução Fernando Luís Cássio e Ricardo Santiago]* – São Paulo: Letra e Voz, 2010.

PORTELA, Fernando. VESENTINI, Jose Willian. *Êxodo rural e urbanização*. Edição 17, Editora: São Paulo Ática, 2004.

ROCHA – TRINDADE, Maria Beatriz (1995c). *Migrações no Quadro do Mercado Único Europeu, Análise social*, Vol. XXV, n. 107, 465 477.

SARLO, Beatriz. *Tempo presente: notas sobre a mudança de uma cultura*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.

- SAYAD, Abdelmalek. *Imaginação ou os paradoxos da alteridade*. São Paulo: Edusp, 1998.
- SILVA, Luiz Eduardo Lopes. *PARA UMA CRÍTICA DO PROIBICIONISMO: A “Rua da Lama” e o tráfico territorializado na cidade de Pinheiro*. São Luís, 2014. Dissertação. Universidade Federal do Maranhão.
- SILVA, José Graziano da. *O novo rural brasileiro*. Belo Horizonte: Revista Nova Economia, 1997.
- THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral*; tradução de Lólio Lourenço de Oliveira – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- THOMSON, Alistair. *Recompondo a memória: questões sobre a relação entre História Oral e as memórias*. Projeto de História, p. 51 – 84. São Paulo(15), abril, 1997
- _____. *Histórias (co)movedoras: História oral e estudos de migração*. Revista Brasileira de História, vol. 22, núm. 44, 2002, pp, 341-364. Associação Nacional de História Brasil, 2002.
- WILLIAMS, Raymond. *O campo e a cidade: na história e na literatura*. Tradução: Paulo Henriques Britto. – São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Roteiro de Entrevista para os associados da AFAC.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

ROTEIRO DE ENTREVISTA

1. Qual seu nome e idade?
2. Qual a sua formação?
3. Em que trabalha?
4. Em que ano você saiu de Cururupu?
5. Qual o motivo da sua saída?
6. Quais foram as suas maiores dificuldades quando chegou aqui?
7. Quais foram as suas impressões?
8. Foi o que esperava?
9. Como se deu a sua adaptação?
10. Onde estudou aqui?
11. Na escola encontrou alguma dificuldade? Quais?
12. A escola teve um papel importante para a sua adaptação?

13. Qual a sua relação com a cidade de Cururupu?
14. Voltas sempre lá? Quantas vezes por ano?
15. Tem intenção de voltar a morar lá?
16. Tem algum projeto em Cururupu?
17. Em sua opinião, a migração contribuiu ou contribui de alguma forma, em algum aspecto para a cidade de Cururupu?
18. Qual é o objetivo da associação?

APÊNDICE B – Roteiro de entrevista com os associados da AFAC

ENTREVISTA

Março de 2015.

Sr. José de Ribamar Trovão (78 anos)

Formação: Licenciado em Geografia, mestrado e doutorado na área de concentração e organização do espaço. Foi 28 anos professor da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), 8 anos professor da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), 12 anos professor da Faculdade São Luís, 54 anos de docência. Atualmente Trabalha no IMESC.

Quando saiu de Cururupu? Sair de Cururupu, em 1960. Vim para fazer um curso de gerente técnico em cooperativismo pela prefeitura, para voltar para trabalhar para a cooperativa que foi organizada, nessa época trabalhava na prefeitura, antes de eu voltar, por questões políticas, fui demitido do cartório e ao mesmo tempo essa pessoa que era político de lá, foi na prefeitura e pediu para cortarem a minha nomeação da prefeitura, que eu era interino, estava substituindo e pediu para tirar minha bolsa, que eu estava fazendo o curso aqui em São Luís. Só que a bolsa, a pessoa não conseguiu tirar, foi falar com Flávio Silva, que era chefe político de lá, pediu que mandasse reunir a Câmara para cortar a bolsa, porque eu tinha votado com o outro candidato, e Flávio Silva não permitiu. Que era para deixar, porque meu avô acompanhava ele, meu avô falou que era coisa de jovem etc. Eu queria mudança; ele lutou, mas Flávio Silva não deixou.

Aí, eu vim pra cá, eu estava fazendo o curso de cooperativismo, fiquei aqui, quando eu terminei de fazer o curso, fiquei praticamente desempregado. Aí o padre Sidney me levou para trabalhar na Diocese com ele, e de lá ele me arrumou um emprego de técnico de cooperativismo, lá esse mesmo político foi pedir para o secretário me botar pra rua, mas não conseguiu, porque o secretário disse que tinha sido o padre Sidney que tinha pedido, que tinha sido colega de padre Sidney, eles ocupavam o mesmo quarto, ele disse que não poderia fazer isso porque como tinha sido o padre Sidney, que tinha pedido, porque se ele fizesse isso ia contrariar o padre Sidney que era como um irmão.

Quais foram suas maiores dificuldades quando chegou aqui?

Foi moradia, principalmente. Cheguei aqui e fui morar com uma tia minha que logo depois ela faleceu. Mas antes de eu sair de lá, antes delas falecer, que eu estava fazendo um curso de cooperativismo, nessa época, eu tive uma contrariedade com o cara que estava vivendo lá com ela, eu estava lá, mas eu pagava, eu assistir por trás uma conversa deles, pra ela me pedir mais dinheiro. Aí eu fui pra Cururupu nas férias do mês de julho, mamãe sentiu que alguma coisa não estava certa, mas eu não disse nada, ela conversou com Mário – um rapaz daqui que ia também pra lá – que foi que me deu a mão. Esse Mário, negro, semianalfabeto, empregado de zona, era gerente de uma pensão – as pensões daqui, nesse tempo, era como aparece em novela - de muito luxo, muito dinheiro, muita gratificação em dólar, pois foi esse rapaz que me deu a mão, ele morava num sobrado, aí mamãe perguntou pra ele, se ele sabia de alguma coisa, que ele conversando comigo disse que tem um quarto lá em cima, e ele pode morar lá e fazer as refeições comigo, assim como ele pagava a tia dele, ele pode pagar as refeições comigo, e eu fui morar entre o forro e a telha, num Sotom, que quando chovia a água respingava, botávamos um meançaba ou então um guarda-chuva, ficávamos rindo. Nós éramos quatro, dois de Cururupu, um de Iguatuba – que mais tarde foi prefeito de Paço do Lumiar e mais um outro. A maior dificuldade foi moradia, mas teve outras. Eu fui trabalhar na secretaria de agricultura, era contratado, o salário atrasava muito, até 6 meses e eu pegava trabalho de datilografia (hoje é computador), para poder me manter, mas foi muito difícil.

Quais foram suas primeiras impressões quando chegou aqui?

Em 1955, antes de 60 quando eu vim direto, eu vim trabalhar com Valter Abreu, trabalhei no comércio, me convidou pra trabalhar com ele, em 55 eu fiquei dois meses, quando abril a escola normal rural em Cururupu, meu caso era estudar, já que abriu lá, eu voltei. Mas a primeira coisa quando eu saltei na praia grande, a impressão que tive é que aqueles prédios, sobradões estavam me sufocando. Vim de barco e saltei na praia grande, o meu tio foi me buscar, as ruas estreitas. Meu Deus do céu! Achei aquela parte muito suja, os catraieiros chegando, as pessoas vendendo. ‘Me dava’ uma saudade imensa de Cururupu.

Eu morava no Lira na casa do tio meu, eu não sabia andar, eu pegava o bonde e saltava na João Lisboa, trabalhava na casa de comércio e voltava no bonde. Eu ficava sempre em casa, e a esposa dele dizia pra mim, vai passear, mas eu não sei andar. Você vai pelo trilho do bonde até na beira mar e volta pelo trilho, aí eu aprendi, então que eu fazia, ficava na beira mar olhando aquele mar imenso, louco pra voltar pra Cururupu! Tanto que eu digo para as pessoas

que passam lá por casa, que os três primeiros meses são muito difíceis, depois as pessoas se habituam.

Como se deu o processo de adaptação?

Foi gradativo. Quando eu voltei em 1960, eu já tinha me ambientado com São Luís, que durante os quatro anos que fiquei na escola normal rural em Cururupu eu vinha passar as férias na casa de uma outra tia minha, aí já tinha vontade de vir. Foi aí que eu vim fazer o curso de cooperativismo.

A escola ajudou na adaptação?

Quando eu vim pra cá, a escola normal rural ninguém recebia, nem todo colégio recebia. Aí eu me matriculei no Centro Caixeiral, fiz contabilidade no Centro Caixeiral.

Sentia alguma diferença entre os colegas por ser do interior?

Sentia diferença pela condição financeira, no Centro Caixeiral, estudavam os filhos dos ricos, que estudavam no Marista de dia, e a noite faziam o contador, então fui muito discriminado, porque eu vestia só uma camisa em uma semana, eu não tinha roupa. Só que eu era muito estudioso, no começo eles me discriminavam, no fim eles já estavam acostumados, porque eu era um raro para eles. Eu me lembro uma vez, uma prima minha me convidou, vamos lá em casa comer um bolo comigo, mas não posso, vou ter que ir para o colégio, quando tu saíres, tu vais. Eu vestir a minha melhor camisa que tinha, é uma camisa de linho amarela, quando eu entrei no Centro Caixeiral, um disse para o outro, fulano mudou de roupa hoje, chateando porque eu vestia só uma camisa.

Qual a sua relação com a cidade de Cururupu, sua identidade?

Sou louco por ela! É o amor da minha vida, não espiritualizado, eu sou louco por Cururupu! Tenho uma relação afetiva de amigos em Cururupu, inclusive o pessoal de Cururupu tem uma ligação muito afetiva comigo, eles me consideram o filho mais ilustre da cidade, eu sempre digo pra eles que não, tem Dr. Natalino – que é reitor da Universidade – que é doutor também, tem também, o Dr. Em Geografia – que é irmão de Maria – e é professor da Universidade de Macapá. Não, mas você é o primeiro. A minha relação de amizade é com a população toada, do mais feio ao mais bonito, do preto, do branco, do pobre, do rico, com todos, é uma relação afetiva muito forte de consideração.

O senhor tem uma relação de identidade, de que é cururupuense?

Tenho.

Se fosse mensurar esse amor, essa identidade, São Luís e Cururupu?

Cururupu, claro. Eu estou me preparando para voltar, para morar definitivamente. Eu só ainda estou por aqui, porque mamãe tem 102 anos, ela precisa de muita assistência médica, hoje mesmo foram tirar sangue para fazer exame, ontem a enfermeira esteve lá, então, se ela morrer primeiro do que eu, eu vou ficar aqui em São Luís, eu vou tentar ficar aqui inicialmente, mas depois que eu arrumar tudo, eu volto pra lá, já fiz um documento, doando a casa para o meu neto, enquanto eu existir, depois é dele.

E o IMESC?

Quando criaram o IMESC, no governo de Jackson Lago, eles precisaram de fazer a análise dos limites dos municípios que estavam todos errados, estão todos errados ainda. Eles estavam sem saber quem convidar, aí Dr. Braga que estava perto, disse: tem um trabalho desse que ele fez na Ufma, aí eles me convidaram. Aí eu vim pra cá e trouxe mais dois, da cartografia – que hoje é meu chefe – e uma outra que é do meio ambiente.

Se o senhor tiver que voltar para Cururupu, o senhor deixa o IMESC?

Deixo, se eu ainda estiver no IMESC.

O senhor tem algum projeto para Cururupu?

Tenho, inúmeros. Eu sonho! Eu tenho sonhos com Cururupu. Eu espero que um dia algum administrador assuma e possa colaborar.

Que tipos de projetos, educacional, por exemplo?

Eu tenho cultural. Eu acho que a nível de educação tem outras pessoas que possam desenvolver, e eu posso dar opinião. Agora, eu tenho a nível de turismo, porque eu não me especializei, eu estudei geografia do turismo para poder dá aulas na Faculdade São Luís. Eu trabalhei 12 anos com geografia do turismo, turismo e ambiente que também trabalhei lá.

Tenho também, com a questão de urbanização, porque a minha especialização, tanto mestrado como doutorado é em organização do espaço, e entra o espaço urbano, penso numa questão de urbanização melhor, de arborização, ao traçado da cidade e outras coisas. Na cultura, eu já comecei a tomar os primeiros passos, para se tombar uma área histórica de Cururupu em

patrimônio público, a história de Cururupu, em patrimônio, tombar para que os prédios não sejam destruídos, como estão sendo.

Da nossa região, Cururupu, depois de Alcântara tem o maior acervo arquitetônico antigo, Guimarães tem, mas é menor que o de Cururupu, Cururupu tem área muito grande e precisa ser preservado. Então a nível de cultura eu tenho isso.

A nível de cultura, eu tenho uma série de outros pensamentos. Agora estou envolvido com a Associação dos Filhos e Amigos de Cururupu e eu fiquei exatamente na equipe cultural para desenvolver projetos em Cururupu. Um deles é resgatar a cultura popular. Criaram lá uma Academia cururupuense de Letras que começou e não terminou, e agora nós estamos querendo restaurar. Bem, vamos restaurar, contando que seja uma Academia de Letras e Cultura Popular.

Eu estou, inclusive fazendo um dicionário de palavras populares. Eu já tenho 3 mil e tantas palavras populares, têm as minhas e de outros autores de referências. Eu vou publicar um livro de provérbios populares. Como por exemplo, “quem não pode com a carga não pega na rodilha”. Quando eu lançar o livro, quero mostrar a relação que o homem rural tem com o seu meio, quando ele fala na rodilha, que a rodilha é um instrumento que é usado para colocar na cabeça, faz parte do cotidiano dele; outro; “eu só amarro o cofo onde a mão dar”. Eu só devo assumir compromisso que posso pagar. Mas olha o amarra o cofo. O cofo era o instrumento de trabalho, era o instrumento de botar galinha pra chocar, botar a louça pra guardar, a roupa lavada e outras a mais que o cofo tinha. São inúmeros, uns 600 e tantos. Tem um que diz assim: “a saída de porta não é meio do caminho”. Olha a relação, caminho onde transita é a porta que ele convive. O que é isso? Começar uma coisa não é chegar ao fim, vai encontrar dificuldades.

Tem mais um, “quando a gente sai de casa deixa o costume atrás da porta”. O mais interessante é que nós éramos educados com provérbios, qualquer coisa mamãe jogava os provérbios, os pais jogavam os provérbios. A gente apanhava muito, eu apanhei muito, a gente escutava o filho do vizinho apanhando, mamãe dizia, olha quem ver a barba do vizinho arder, bota a sua de molho. Tem as palavras populares, como por exemplo, “rimunita”, rimunita em Cururupu falava que essas palavras, que muitas continuam, outras surgiram, rimunita é aquele barulho que o pingo d’água faz, tim,tim..., que a porta faz, que a barata roendo faz, é o barulho que incomoda.

A Associação também tem esse objetivo?

Tem. Você não imagina que a Associação de Cururupu tem, o que nós temos, o idealismo que todo mundo tem ali dentro.

A Associação é aqui em São Luís?

A Associação é aqui e lá, o núcleo de lá tá começando a se desenvolver, nós começamos aqui, mas consideramos aqui como filial, a sede é lá, tem um grupo de pessoas trabalhando lá e tem um grupo trabalhando aqui.

Todas as pessoas que participam são de Cururupu?

Todas as pessoas que participam são de Cururupu, também tem pessoas que não nasceram, mas que tem uma identidade com a cidade.

Cururupu tinha a alta burguesia, uma classe média laboriosa, de respeito e tinha os negros, os pescadores, lavradores. Essa classe alta burguesa formou pouca gente, tem família que não formou ninguém, inúmeras famílias, algumas formaram uma ou outra. Agora a classe, vamos chamar de parda, só para caracterizar, que tinha brancos também no meio, negros, mas essa classe média, que seria média hoje de lá, mas que era inferior essa classe se tornou abrangente, ela evoluiu, então, ela hoje, os formados são dessa classe, uma classe emergente. Você encontra pessoas pobres de Cururupu formados com cargos altos, muito maior quantidade que os burgueses, muito mais, dentre esses tem Paulo Avelar – que é promotor -, tem José Belém – que foi juiz e é da praia -, encontra Ribamar – que é professor Uema, em Imperatriz, tem em quantidade, têm muitos, mas muita gente. Se fossemos fazer uma análise, essa classe emergente, de pessoas pobres, de casa de palha, que conseguiram se formar.

Fui a primeira pessoa do Maranhão que fez mestrado e doutorado.

A Associação tem necessidade de devolver algo pra Cururupu?

Não é bem uma necessidade, é um ideal, o nosso ideal é uma Cururupu melhor. Tanto que a associação já deu curso de não quantos meses (vários meses), através do SENAC, pra treinar pessoas em computação, já deu curso de cabelereiro, e outros cursos. A própria ajuda, já ajudou a Igreja São Benedito, a Igreja da Matriz e assim sucessivamente. Também os grupos folclóricos de bumba-meu-boi, principalmente.

Nós temos 125 associados, nós pagamos 30,00 reais por mês, desse 125 tem uma parte inadimplente muito grande. Mas você precisa ver nossas reuniões, depois tem aquela coisa de

Cururupu, um leva suco, outro leva bolo... Você vai ver o quanto a gente discute os problemas de Cururupu, o quanto nós pensamos em torna-lo melhor.

Não tem nenhuma função político, não tem ideal político partidário, está no estatuto que não se pode tratar de política. Nós estamos lutando agora, entramos com um processo na justiça, porque a prefeitura está caindo. Já se entrou na justiça, já veio a resposta pra poder responsabilizar os prefeitos, por sinal desde Zé Amado, começou no governo dele.

Outro fato, também importante, estamos pensando é como reaver o clube. O clube não se sabe de quem é, a prefeitura ficou com o clube e não faz nada lá. Então nós estamos pensando como reaver e levar para a associação e transformar em uma casa de evento. Outro fato também que é muito importante que a associação encampou, eu fiz um projeto, no sentido de levar a ufma para Cururupu. Então eu apliquei questionários, fiz uma reunião em Cururupu com professores, com presidentes de sindicatos, com políticos não, na casa de Marlina, distribuindo para professores para recolherem assinaturas em, Porto Rico, Guimarães, Apicum-açú, Bacuri e, parece-me em Serrano, recolhemos 1.800 assinaturas. Quando eu estava com essas assinaturas, não atuava na associação, mas já participava. Bem, agora vou procurar respaldo, porque não a associação, fui na reunião e mostrei o projeto para eles e eles toparam. Vamos levar pro reitor. Quem levou o projeto pro reitor foi a associação, mas o projeto é meu.

Acredito que ele tinha a mesma ideia. Quando nós levamos, ele disse: eu penso em criar não um campus, em Cururupu. Porque nós temos o de Pinheiro, mas eu quero criar um pólo, ele disse, nós vamos criar. Engenharia de pesca, que vai começar agora esse ano.

Para minha surpresa, quando a coisa foi falada, apareceu político dizendo que foi no ministério da educação. Aí me ligaram dizendo, fomos que fizemos, deixa pra lá, o importante é que vai.

Já mudaram o nome do Colégio Dr. José Pires. Fiquei muito angustiado. Tudo o que acontece em Cururupu me angustia.

Eu não questiono a importância dos novos professores, dos atuais que levaram o nome, o que questiono é, constrói um colégio novo e coloca o nome deles.

Sr. Paulo Avelar

Em que ano o senhor saiu de Cururupu?

Em 1973, terminei o ginásio em 73 e vim pra estudar.

Qual é a sua formação?

Sou formado em Direito, profissão Promotor de Justiça. Advogado e também docente.

Qual o motivo especificamente de sua saída de Cururupu?

Especificamente, foi pra estudar, minha mãe e meu pai fizeram sacrifício para obtermos conhecimentos, sempre botou isso como norte, era o que poderia deixar para os filhos, seria a educação. Não medir esforços nesse sentido, sou filho de uma prole de oito irmãos, então, todos tivemos a mesma oportunidade de vim pra cá pra São Luís estudar, desses oito, acho que só um não deu continuidade nos estudos, terminou, na época o científico e não quis mais estudar.

Qual a dificuldade que o senhor teve de se inserir no centro urbano?

Muitas, muitas dificuldades. É um mundo totalmente diferente do que a gente vivia, outra realidade, e aí você vem pra São Luís, no meu caso, vim pra casa de parentes que não é a casa da gente, você tem que se adaptar em outra realidade, como eu disse ainda pouco, o modo de viver e mesmo os hábitos, né?! Mudam todos, especialmente a dificuldade de socialização.

Quais foram suas primeiras impressões quando o senhor chegou aqui? O que esperava da cidade?

Eu tinha 15 anos, primeira impressão, foi um pouco de dificuldade, São Luís, apesar de aparecer, mas é a capital, a gente quando vem, vem com o sonho de mudar de vida. Cheguei aqui com essa perspectiva de mudar de vida.

Na escola que estudou o senhor teve dificuldade de integrar?

Quando cheguei fiz seleção do Liceu, fui aprovado, minha média foi 8,5, sei lá, mas eu tinha um sonho, naquela época, escola boa aqui em São Luís se chamava Escola Técnica Federal, hoje é Ifma, então naquela época era Escola Técnica Federal e o Liceu, fora a escola particular Marista, eu não tinha condição. Então fiz seleção nos dois, no Liceu e na Escola

Técnica, mas a minha prioridade era a escola Técnica, só que como a nossa estrutura curricular era bem diferente lá. Nós tínhamos bons professores de português, matemática, em algumas outras, mas nós apanhávamos na questão da química, física e isso dificultava o nosso acesso no processo seletivo. O certo é que eu fiquei como primeiro excedente na Escola Técnica, mas conseguir passar no Liceu. Depois que eu já tava no Liceu pra começar a aula, já tinha matriculado, aí me chamaram, que eu tinha sido chamado pra Escola Técnica Federal.

Foi uma boa experiência, a adaptação não foi fácil, porque a escola naquela época tinha muito remanescente do internato, então todo mundo se conhecia lá, os alunos internos, então quem chegava, principalmente vindo do interior, é pior ainda né?! Então a adaptação foi aos poucos, o que sobreviveu foi o nosso conhecimento em termo teórico.

A escola teve esse papel de ajudar se inserir no espaço social?

No caso específico da Escola Técnica, eu não achei muito essa intervenção da escola Técnica, eu não achei muito essa intervenção da escola pra que os alunos se inserissem, é o que eu tô dizendo, a escola tinha o internato, então os internos já conviviam e quem vinha de fora era considerado um estranho no ninho e, as vezes nós tirávamos até a vaga de internos que não tinham conseguido passar no seletivo, e isso as vezes nós éramos vistos como alunos estranhos e que causavam uma certa ciúmeira. A escola não tinha um trabalho pedagógico para trabalhar isso.

O senhor sofreu algum tipo de preconceito por ser do interior?

Não chegou bem a isso, mas no primeiro momento sim, aconteceu um fato. Quando eu cheguei, entrei na segunda listagem, vamos dizer assim, excedente. Fui chamado. Quando cheguei aqui pra estudar no Liceu, passei e me despreocupe e fui pra Cururupu, a aula só ia começar em abril, mas a escola já tinha começado, lá começava primeiro de março, então tinha um mês de aula sendo ministrada na Escola Técnica, quando eu fui chamado, aí eu cheguei no mês de abril, então a turma já estava socializada, aí começou aquela história, como foi que ele entrou, de onde ele veio, aí descobriram que tinha vindo do interior, aí piorou mais ainda a situação. Mas como eu consegui mudar isso? No começo tinha sido aquela história, como ele chegou aqui, entrou pela janela, como é que ele chegou aqui, veio de paraquedas, mas o que aconteceu, vamos dizer assim.

O professor Ramiro, professor de português, mais tarde ele foi meu professor na universidade, ele fez uma prova, os alunos que mais se sobressaíram e aí o que aconteceu. O Ramiro foi

chamando pela nota, nota 5.0, 6.0, 6.5 5.5 e aí o melhor aluno Irandir Marques tirou 7.5, mas a minha nota não tinha saído, eita me lasquei! Só posso ter tirado zero; aí disse não, seu Irandir, mas aqui tem um aluno que tirou mais do que o senhor, aí ele disse: Paulo Avelar tirou 8.5, mudou a história, o tratamento, outros olhares dos professores e meus colegas começaram a fazer aquela turminha em volta, na hora da prova, cada um me perguntava uma questão, e aí eu consegui me enturmar.

Qual a sua relação com Cururupu?

Minha relação com Cururupu, continua assim. Hoje eu estou, só hoje não, há alguns anos estou voltando as minhas origens novamente e, tenho pensado muito com os amigos, particularmente eu já pensava em contribuir com Cururupu de alguma forma, fazer essa contribuição, eu acho daquilo que a gente tem de aprendizado, da maturidade que se tem. Hoje nós temos os jovens, né?! Os jovens que estão lá a gente sabe, isso nos preocupa muito, a questão das drogas, a questão da falta de emprego, falta tudo isso e a gente vai tentar fazer nossa parcela. Eu hoje tenho uma experiência muito grande, não como promotor, mas no campo de direito, mas assim, na área de educação a gente hoje trabalha muito isso, eu acho que posso ajudar e minha vontade agora é começar voltar, ano passado tava doente, mas este ano a minha intenção é tá mais presente lá e começar a ver de que maneira posso ajudar Cururupu.

O senhor participa da Associação?

Participo. Sou membro fundador. Essa Associação surgiu exatamente dessa relação desses alunos, que foram ex-alunos do Dom Bosco.

Foi comemorado em Cururupu o jubileu de ouro da missão São Jacinto em Cururupu, onde tinha os padres canadenses que fundaram Dom Bosco, etc. Depois que terminaram as festividades, vamos prestar contas do evento, eu participei pouco, mas participei da prestação de contas. E lá no Convento São José, eu dei a ideia, me lembro bem, eu e alguns, mas eu sempre puxei essa ideia, vamos criar uma associação desses ex-alunos, não ex-alunos não, pode ser filhos, aí acabou surgindo filhos e amigos de Cururupu, porque alcança todo mundo.

Essa associação tem se revelado ultimamente já forte, começando a ser conhecida em Cururupu, isso é importante, é uma associação que ela é reconhecida como utilidade pública, através de Lei estadual, o estatuto tem personalidade jurídica reconhecida, tudo isso. Então, temos várias coisas a contribuir, temos vários projetos.

Qual objetivo principal da associação?

O objetivo principal, o primeiro objetivo é defender os interesses de Cururupu, aí eu abro uma aspa pra dizer: é uma associação sem fins lucrativos, sem objetivos políticos partidários, sem objetivos religiosos definidos. Então começamos por aí, defender os interesses de Cururupu, assim, tudo aquilo que diz respeito a Cururupu. Não vamos substituir o poder público em nada, legislativo, o poder executivo, nem o judiciário, mas vamos estar vigilantes e contribuindo naquilo que poderemos contribuir no executivo pra melhorar, pode sugerir etc.

Quais são os projetos da associação?

Nós começamos pensar na questão educacional, com a profissionalização, ou seja, há dois anos fizemos parceria com o Senac, e o Senac forneceu todo material pedagógico, o corpo docente, o Senac forneceu todo material pedagógico e nós ofertamos um curso de informática para 60 jovens. Esses jovens já estão inseridos no mercado de trabalho de Cururupu de alguma forma, não todos, uma boa parte. O curso teve duração de quase um ano e foi muito bom, reconhecido, com certificação do SENAC. Nós estamos pensando agora, ofertar novamente alguns cursos, cursos permanentes, mas especificamente nessa área da informática, acho que precisa mais, a pessoas que domina a tecnologia da informática, ela tá avançando no mundo todo, né? Estamos pensando em construir um espaço nosso pra começar oferecer isso. Mas hoje além da defesa em todos os aspectos, nós temos uma visão também pra trabalhar esse ano é o resgate cultural de algumas manifestações que estão se perdendo.

A associação se preocupa com o resgate da memória de Cururupu?

A associação se preocupa com a memória de Cururupu sim, nós tivemos uma reunião recentemente pra definir algumas coisas que temos que trabalhar em termo, tudo bem que essa questão dos cursos que falei é uma prioridade que estamos trabalhando à parte, mas o que a gente se preocupa mais é essa questão das manifestações culturais e a questão da história, de resgate, de memória, por exemplo, você vê hoje em Cururupu, já desapareceu o pastor, o tamborim, tá desaparecendo o tambor de crioula, a caixa, o bumba-boi, são poucos os grupos, etc. Então a associação tá preocupada com isso, e nós vamos trabalhar no sentido de resgatar isso, fomentar através das capacitações, levar para as escolas, não sei, estamos fazendo um projeto grande para trabalharmos com as associações que temos lá, com os grupos folclóricos, etc.

A questão da memória, são duas coisas que também são pensadas para esse mandato, eu sou da atual diretoria da associação, sou presidente durante dois anos de mandato. A gente tá pensando nos nomes das ruas que desapareceram, não se sabe mais, você não vê mais, salvo aquela que antigamente, hoje não tem mais o nome da rua. E essa questão da mudança das escolas, acho que são proposta da câmara, eu vou inclusive com a diretoria depois de uma reunião, marcar uma reunião com a câmara, uma visita a câmara e ao prefeito, onde eu quero fazer uma exposição sobre isso, mostrar aos vereadores que não é porque eu gosto de fulano eu mudo o nome não, nós temos que respeitar aqueles nomes aqueles nomes que são de memória e até que algum dia chame atenção e a escola trabalhe de quem foi fulano de tal, foi isso, isso, tal.

Outro ponto também, é que estamos pensando em editar um livro, uma obra sobre a história de Cururupu, uma obra nesse sentido. Agora aí vamos pegar toda a história sociopolítica, econômica pra quê essa obra fique mesmo definitiva pra ser inclusive repassada para as escolas pra que nossas crianças, nossos jovens saibam pelo menos quem ajudou Cururupu, quem foram essas pessoas que tiveram participação nesse processo de emancipação, de desenvolvimento, o que Cururupu oferece, essas coisas todas.

A migração contribui de alguma forma com Cururupu?

Eu digo que pouco. Muito pouco. Acho nós teríamos muito mais, Cururupu estaria bem melhor se as pessoas retornassem, desse um pouco mais de contribuição. Então você vê o seguinte, vamos dar um exemplo, da minha turma de Dom Bosco hoje quem retorna a Cururupu, vamos dizer de 40 não tem 10%, 20% que está lá, a não ser na festa do carnaval, fala da cidade e vem embora. Deveria ser feito alguma coisa nesse sentido, por isso que a associação tem esse papel de fomentar essa integração e a gente fazer alguma coisa por lá, na verdade a associação é de lá, tem que ser lá e nós aqui vamos contribuir para que a gente possa fazer isso. Tem um núcleo lá, mas daqui mais uns anos a ideia é a diretoria ser feita lá, lá ser a sede e aqui ser o núcleo e poder dizer, vamos contribuir com Cururupu.

Sua identidade é cururupuense ou ludovicense?

É cururupuense.

É por essa mudança de identidade que pode-se dizer que as pessoas não dão retorno à cidade?

Acho que sim, em parte sim. Tem pessoas que encontro e diz:

- Faz vinte anos que não vou a Cururupu,
- Ah faz quarenta.
- Gente não é possível, Cururupu é bem aqui, é só atravessar.
- Mas eu não tenho... lá é a mesma coisa.

É coisas assim. Eu digo não, pelo contrário, enquanto eu tiver vida e saúde, Deus puder me dar, de uma forma ou de outra eu tô contribuindo, eu contribuo muito assim, eu sou formado na área de direito, sou promotor, não posso advogar, mas posso orientar as pessoas. Na minha casa em Cururupu, eu quando vou descansar dois dias, eu trabalho mais do que eu trabalho aqui durante a semana, mas é assim, eu gosto disso, minha mãe também gosta, se preocupa comigo, mas questão de saúde, mas eu digo não, eu vou até aonde eu posso, mas isso aí faz parte. Mas tem gente que chega fecha à porta, não conversa, não é por aí, e não vão mais lá. Eu não consigo assim admitir porque uma pessoa nasce em uma cidade e depois fecha a vida pra aquela cidade. Então a gente pode contribuir sim, muito. Minha identidade continua sendo lá, eu sou eleitor de São Luís, mas já estou transferindo meu título pra Cururupu pela questão da minha identificação lá.

O senhor pretende morar definitivamente em Cururupu?

Eu não sei se definitivamente, mas minha residência vai ser em Cururupu, é isso que eu penso, Cururupu minha residência e aqui ficaria mais como passeio, não sei como vou contornar isso pra frente aí, mas minha ideia é essa, porque hoje sinto realmente vontade estar mais lá do que aqui, mas não posso fazer isso porque ainda estou na ativa, não tenho como me desfazer, mas um dia acho que é por aí.

Entrevista com a Sra. Mari Heler Trovão Ribeiro Barbalho da Silva. 68 anos

Maio de 2015.

Assistente social

Sair de Cururupu com 20 anos, em janeiro de 1966, tava fazendo o 2º grau, tinha terminado o ginásio, vim fazer o 2º grau pra cá. Sair pra casa do prof. Trovão, sair pra estudar. Fiquei estudei, fiz o 2º grau naquela perspectiva de voltar pra ser professora, porque a maioria, inclusive nós fazíamos isso, sair de Cururupu naquela época e vim fazer o curso normal aqui, era uma coisa de muito valor, então a nossa ideia era voltar e ser professor. Mas aí o Trovão que já estava fazendo faculdade, né, disse não, acho que é bom tu tentar mais pra frente, aí eu fiz o vestibular e passei logo, na Ufma. Eu terminei em 1967, em 1968 já estava na universidade e depois eu casei e fui pra Caxias.

Mas nunca perdi os vínculos com Cururupu por conta da minha mãe, da família. A família ficou em Cururupu, sou filha única. Todo ano visitando, todo tempo voltando pra passear, nunca perdi os laços, não perdi a identidade.

Aí fui trabalhar em Caxias, cheguei casada em Caxias e logo comecei a trabalhar na profissão e, aí a gente tinha um trabalho de grupo de jovens da igreja, e aí eu tive a ousadia de fazer um contato com o grupo de Cururupu, quando não tinha estrada, tu acredita que fiz um intercâmbio entre esses dois grupos, foi uma coisa muito linda, os jovens de Cururupu foram a Caxias e os de Caxias foram a Cururupu, então o que a gente sempre queria pro jovens também fazerem uma caminhada como a nossa, conhecer outros lugares, eles também tinham vontade de sair e de crescer.

Quais foram suas maiores dificuldades quando chegou aqui?

Olha, eu não sentir dificuldades, porque já tinha o Trovão, ele era a referência, não tive problema de moradia, ele veio primeiro, ele desbravou tudo isso pra mim e pra muitos cururupuense, ele é uma referência muito grande nisso, né?! Ele fez isso, ele colocou a casa dele tipo um hotel e quando ele não fazia isso ele ajudava, então ele tem uma história imensa. Então eu já não tive dificuldade, ele até arrumou um emprego pra mim, eu era professora no colégio Marista, que ficava em frente ali na rua do outeiro, eu trabalhava e estudava, então pra mim foi muito mais fácil, pra ele foi difícil, pra mim foi fácil.

Sobre a associação:

Então, sair de Cururupu, ser aluna do Ginásio Dom Bosco, um ginásio que foi criado pelos canadenses, que trouxe pra nós aquela ideia de educação que não existia no Brasil, então o nosso ginásio era diferente, uma escola diferente, porque eram canadenses, trouxeram a ideia toda de lá, então a gente criou assim uma autoestima muito grande, a gente quis ser os bons

alunos na questão da moral, do conhecimento. O ginásio foi criado em 1961, eu acho que durou 20 anos, Ginásio Comercial Dom Bosco. Então esse ginásio foi o diferencial na cidade, aliás os canadenses, eles trouxeram todo de bom, levaram médicos, as freiras, eles se dedicaram, eles cuidaram daquela cidade no todo que ela precisava, tudo, tudo, eles eram o espelho, então estudar no Dom Bosco era uma marca muito grande, a gente se sentia muito gratificado, muito feliz.

Quando a gente saiu de Cururupu que veio pra cá, nós não sentíamos tanta dificuldade, no conteúdo, nas convivências, as pessoas assim de uma cultura elevada, eles ensinaram os conteúdos, a formação moral cristã católica.

Agora por exemplo, quando chegamos aqui em São Luís a gente sentia saudades, porque um estudava em um colégio, outro noutro, trabalhando, aí eles sugeriram de a gente se encontrar. Então esse grupo se encontrava uma vez por mês, pra matar saudades simplesmente pra matar saudades, já foi um germizinho, então aquele momento era de muita felicidade a gente se encontrava e depois a gente era muito jovem e a vida foi nos levando a seguir nossos caminhos, e depois a gente ficava com aquele remorso porque Cururupu não desenvolvia, nós desenvolvíamos mas Cururupu não, então ficou aquele remorso, a gente se lamentando, lamentando. Lá vem os canadenses novamente tocar o dedo na ferida.

Quando completou 50 anos que a missão esteve em Cururupu, então eles pensam em fazer uma grande festa pra comemorar em 2008. A gente foi chamado, é justo que a gente faça uma comemoração, que a gente vá em Cururupu, que a gente celebre esse momento, as freiras convocou os ex-alunos, aí nós ficamos empolgados, voltamos anos reunir em função da festa, criamos uma diretoria, trabalhamos um ano em função do Jubileu Brasil – Canadá, 50 anos, trabalhamos muito, nesse trabalho a gente viu a força, todo muito com suas famílias estabelecidas, com seus empregos, a gente viu, e nessa festa, nessa celebração que foi lindo, três dias de festa.

Então, aí ficou claro pra nós que nós tínhamos que tínhamos uma dívida muito grande com Cururupu, e que estávamos ficando velhos e não pagávamos. Então quando terminou a festa, que nos reunimos para avaliar a beleza da festa, então a primeira coisa foi dizer vamos nos reunir e criamos a associação. E ela tá bem aí a foto, inclusive do dia onde criamos a associação.

Foi criada com o nome filhos e amigos de Cururupu, aí discutimos, que Cururupu tem por natureza uma afetividade muito grande e que é justo para o nome era ser filhos e amigos porque as pessoas que vão pra Cururupu passear visitar, que vão nos acompanhando, ela vem de lá com saudades, ela cria amigos.

A primeira foto, nascimento da AFAC, nesse dia recebeu o nome Associação Filhos e Amigos de Cururupu. Todo mundo disse que não queria só associação dos filhos, porque ia ficar muito fechado, e que Cururupu é muito mais, ela tem um braço materno muito grande e todo mundo concordou, filhos e amigos esse nome realmente contempla e nos congrega.

Então isso aqui foi 2009, novembro a feste, fevereiro de 2009 foi criada a associação, nós temos trabalhado na edificação dela, quanto lei, estatuto, tudo. Hoje é uma associação plenamente formada, toda registrada, já está na terceira gestão, o primeiro presidente foi Ademir, dois mandatos e eu estava com ele, era diretora artística. E Paulo Avelar está na terceira gestão, e agora com ele que é promotor de justiça, foi muito bom ele vim agora que associação já está mais forte, é igual a uma criança, nós praticamente criamos a parte legal e ele está botando pra andar, já está tomando aquelas questões de infraestrutura da cidade, de denúncia, de trabalhar, de voltar lá, já criamos um grupo lá, porque tem que ter uma perna aqui e outra lá, o objetivo maior é Cururupu. Então lá nós estamos pensando fazer um seminário repensando Cururupu, de ir tocando nas feridas dos descasos.

A gente fez algumas ações de doações, o teto da Igreja de São Benedito foi a associação que doou, a gente colocou ventiladores nas três igrejas da areia branca, nós já ajudamos o grupo de bumba boi da areia branca que estava com dificuldade e tem outros mais grupos que a gente participa, sempre que a gente é chamado a gente participa.

O projeto maior da associação é de devolver para Cururupu algumas coisas que coisas que estão perdidas e principalmente nas questões dos descasos que ele se encontra, não é? Claro, como a gente sempre diz que não somos políticos, mas nós podemos fazer despertar nas pessoas, né, com ações junto com o poder público fazer alguma coisa, por exemplo, Trovão deu uma ideia de a gente colocar o nome das ruas nas placas, esse tipo de coisa, a gente pede licença para a prefeitura e a gente pode fazer uma ação conjunta onde cada um dá de presente uma placa a cidade não tem.

A migração ajudou Cururupu?

É essa esperança que nós temos, o que acontece, ah, Cururupu piorou, ah Cururupu..., mas nós precisamos fazer alguma coisa, sair da negligência, da lamentação e partir para uma ação efetiva. É o que nós queremos, né, acho que a gente consegue. O que está faltando é direcionar, é motivar, são essas ações que estamos buscando nesses encontros, nós vamos pra lá sexta feira já com a intenção de preparar o seminário repensando Cururupu. E a construção da nossa sede para que eles juntos com a gente participem, porque não adianta só a gente chegar e fazer acontecer, mas eles mesmos também, é uma força maior

Entrevista de Amélia

(Junho de 2015)

Amélia Brito Costa, formada em Letras, com especialização em leitura e produção de texto no aspecto linguístico, pela PUC de Belo Horizonte. Têm 54 anos. Saiu de Cururupu em 1978 aos dezoito pra estudar. O foco lá em casa era os estudos.

Ao chegar em S. Luís, quais foram às dificuldades?

Era a questão até mesmo financeira, né. Ter que pegar transporte pra ir pra ufma, pegar dois transportes, nessa época não tinha a facilidade desse terminal, então o que sentir mais dificuldade foi mesmo financeira, né?!

À primeira impressão, era o que tu esperavas?

Eu já conhecia, naquela época bem melhor, né, era tranquilo, não tive nenhuma má impressão, na época.

Era o que tu esperavas, saiu como planejado?

Não sei se cheguei até planejar, eu vim para estudar e o meu objetivo que era os estudos, eu fui determinando isso, fui alcançando, eu foquei nos estudos, e isso pra mim deu certo.

Quais foram suas maiores dificuldades?

Na verdade achei dificuldade pra entrar na faculdade, eu fiz 2º grau em Cururupu, essa foi a dificuldade, eu vim de um ensino médio fraco, até porque eu fiz o magistério, o conteúdo do vestibular na época da UFMA era pesado. Química, física, biologia, então quem faz

magistério não têm esses conhecimentos básicos, então minha dificuldade foi eu passar no vestibular, eu fiz quatro vestibulares, ou seja, eu fiz quase um ensino médio, fazendo cursinho pra ingressar na UFMA, então a minha dificuldade foi essa.

Tu estudastes no Dom Bosco?

Não. Eu fiz o jardim com as freiras, fiz o primário no Sagrado Coração, quando eu fui fazer o ginásio, no ano que eu ia ingressar no ginásio, acabou o 5º ano – foi acabando aos poucos. Não lembro o ano que acabou, 74/75 eu acho que foi isso – sei lá.

Fui fazer o ensino médio no ginásio cururupuense, fui fazer magistério, não tinha mais com os padres.

Como tu chegastes à associação?

Na verdade a associação surge do Jubileu, eu não participei do Jubileu, porque eu não pude ir a Cururupu. Então quando eles vieram de lá de Cururupu, já vieram com a ideia de se reunir aqui pra fazer uma análise do Jubileu e nisso me convidaram.

Quem te convidou?

Acho que foi Paulo. Aí numa reunião lá foi surgida a ideia, essa ideia de Paulo de fazer uma associação para que esse contato se mantivessem e aí eu comecei a participar das reuniões, foi quando teve a eleição, eu fui a primeira secretária da primeira gestão, não continuei porque as reuniões eram a noite e eu ‘tava’ trabalhando fora de sala de aula por questões de voz. E eu ‘tava’ na supervisão da escola a noite, então eu não podia faltar, então foi assim, eu fui deixando e outras pessoas foram me substituindo como secretária. Hoje eu retornei, hoje eu sou suplente.

Os objetivos da associação?

O que diz o estatuto, objetivar pelas questões do estatuto. É pensar os benefícios para Cururupu, discutir Cururupu, provocar, porque a associação não vai fazer o trabalho do prefeito, não fazer esse trabalho não, mas provocar, olhar que está faltando, o que se pode melhorar ali dentro e reivindicar, esse é o objetivo né, da associação. Essa proposta quando se reuni, exatamente pensando em Cururupu. Afinal de contas, nós saímos de Cururupu e que foi que nós fizemos pra Cururupu? O que estamos fazendo pra Cururupu? Nós tivemos nossa formação toda lá, estamos muito bem, acredito que estamos muito bem e lá, aquele povo que ficou? Tem até as pessoas que estudam que trabalham, que tem uma vida melhor,

conseguiram fazer faculdade, mas têm muitos jovens ali em Cururupu que estão sem fazer nada.

Vocês acham que estão pagando uma espécie de dívida com Cururupu?

A princípio a proposta foi essa mesma, o pensamento foi esse, né?! O que se está fazendo por Cururupu, se foi que tivemos nossa formação, aquela formação que tivemos com os padres, queira ou não queira, aquela formação serviu muito pra gente. E lá agora com o núcleo está lá também, que são moradores de Cururupu, eles também estão pensando fazer alguma coisa por Cururupu, não é só nós aqui de Cururupu, não, moramos em São Luís que estamos pensando na melhoria de Cururupu, não. Quem está lá em Cururupu, aquele grupo que está lá é um grupo bastante ativo, e nós estamos com o mesmo pensamento, porque a associação é só uma, né isso?! Então há uma unidade de pensamento e está se fortalecendo cada vez mais em Cururupu com o núcleo de lá.

A migração contribui alguma coisa com Cururupu?

Individualmente não. Acho muito difícil, mas se nós nos juntarmos, a questão da interação entre as pessoas num grupo se fortalece muito mais unidos. Então eu acho que, eu não vou ser tão radical dizer eu não, mas demora muito mais que unido, não falo em associação agora, porque está se fortalecendo, já vinha antes com duas gestões, dando continuidade ao que já estava, que também foi muito proveitoso, não resta dúvida, mas acredito que sim. Todos os cururupuenses se inserirem num quadro de união, de colaboração, formando um grupo, esse grupo sendo forte, eu acho que pode sim contribuir, Cururupu está precisando disso realmente.

O que une os membros da associação é essa identidade com Cururupu? Tu tens a mesma identidade com Cururupu, mesma de quando tu maravas lá?

Olha, os princípios que tivemos, a nossa raiz, a nossa identidade tá lá em Cururupu, e quando a gente fala em identidade é a nossa formação. Então isso aí para mim, particularmente eu gosto demais de Cururupu, gosto muito, Então eu acho que quando a gente fala em identidade, na formação religiosa, formação familiar que foi toda lá de Cururupu, essa é a minha identidade. Então, eu particularmente, eu acho que isso é que me faz trabalhar, tá empenhada, porque eu tenho certeza do meu gostar que tenho por Cururupu, e eu vejo muitas pessoas ali que as vezes, na verdade se aproveita da situação e não faz quase nada pela cidade,

e a cidade tá lá do jeito que a gente tá vendo. Então é isso que me fortalece a minha identidade toda tá ali.

Todos os membros têm essa mesma identidade?

Não sei te dizer de todos, mas alguns que a gente conversa, porque a associação tem muitos sócios e eu não tenho contatos com muitos, tem uns mais próximos que a gente sente isso, esse gostar que as pessoas querem voltar pra lá pra morar. Então quando alguém vive uma vida aqui e tem a sua formação profissional toda aqui e sentiu o desejo de voltar pra Cururupu, é porque gosta.

Tu tens esse desejo?

Eu tenho esse desejo de voltar pra lá mais tarde, morar. Não sei se vai dar certo, mas minha intenção é essa. Por isso é que eu te falo, a minha vontade é essa, não sei, porque meu filho, não sei do futuro, mas a intenção é essa.

Que ano a associação surgiu?

Estamos com cinco anos de gestão. Ademir foi o primeiro presidente, dois mandatos. A eleição acontece por aclamação.

Qual o maior projeto?

Não sei se vou chamar isso de projeto. Porque projeto pra Cururupu, temos o seminário para discutir Cururupu. Mas um projeto prontinho não, então tem, por exemplo, o seminário, existe também, a gente já conversou sobre a questão do patrimônio arquitetônico, isso precisa, falta a gente levar isso pra frente, mas a gente já teve uma conversa em relação a isso. Então algumas coisas. Um projeto definido, não tem assim um projeto, mas tem trabalhos, que eu acho, o seminário é propriamente um projeto. O seminário, nós vamos provocar.

A associação tem esses projetos, vocês têm problemas com críticas, problemas com a prefeitura?

Que na verdade, a associação não vai resolver nada, ela vai provocar, vai mostrar, ela não vai lá fazer. Agora em dizer assim, que a associação vai tirar proveito disso, porque ela não tem caráter político partidário, as pessoas podem pensar, a gente não sabe, podem pensar, mas procuramos deixar isso bem claro, o intuito não é esse. Tanto que têm pessoas de religião diferente, pessoas de qualquer partido, mas não se discute isso dentro da associação, a gente não discute nada disso. E, se alguém quiser se candidatar que se candidate, mas que não vá

fazer sua campanha entro da associação e a associação fazer campanha. Agora as pessoas pensarem, certamente pode pensar, mas essa informação que a gente sempre procura deixar, não tem caráter religiosos, políticos partidários. É discutir Cururupu. Então, por exemplo, nós não vamos nunca pegar uma ação da prefeitura e passar por cima, não, digamos assim. É pra provocar, é realmente pra provocar, a gente tá vendo as casas, as janelas estão sendo tudo tiradas. Se não tiver alguém pra mostrar que não é assim, pra ir atrás, pra correr vai acabar, destruir.

Não seria uma ideia trabalhar nas escolas a conscientização para a preservação da memória e Cururupu? Obs: (Fazer essa referência, essa discursão no capítulo da associação).

Talvez já comece nesse seminário, porque tem uma oficina de valores culturais, que vai ser dada por Trovão. Já começa bem aí. Que vai sair uma carta, e as pessoas também vão participar das oficinas. Então começa uma conscientização, e tem que ter realmente, porque esses jovens não sabem da história de Cururupu, da importância que aquilo ali tem, como nós sabemos quando morávamos ali.

A gente ver muita criança pela rua a noite, já é um sinal que elas estão de qualquer jeito, crianças de 10 anos, de 9 anos, de 11 anos, estão de qualquer jeito lá, então se precisa disso sim, conscientizar da importância. Qual a história de Cururupu? Como Cururupu chegou a ser Cururupu? Quando eu tava lá sabia. Sete de setembro a gente acordava com a alvorada lá, tocando hino, isso tudo vai fazendo que a gente tenha uma visão diferente, né?! Hoje não tem isso, eles são culpados? Não. É a sociedade mesmo, as transformações. Imagina, a gente nasceu, a gente cresceu estudando isso. Todo ano, sete de setembro, emocionava a gente, o patriotismo, ser cururupuense, muito importante isso. Quem é culpado? A associação quer fazer esse resgate, e é necessário.

Vocês vão editar um livro?

Não tá definido, isso tá no pensamento, contar a história, editar a história de Cururupu e deixar isso. A gente ainda não sentou pra discutir essa questão, mas essa ideia já está inserida no nosso projeto.

Entrevista com Núbia

(Junho de 2015)

Núbia de Fátima Diniz Nogueira, tem 53 anos, formada em pedagogia com pós-graduação em gestão, orientação e supervisão escolar.

Sai de Cururupu aos 20 anos de idade, entre 80 e 82 por aí. Na verdade eu não vim direto pra São Luís, eu fui pra Cedral. Eu, Fátima e Terezinha ganhamos uma nomeação do estado, não fizemos concurso, ganhamos, mas pra trabalhar em Cedral, chegando lá, ficamos trabalhando 3 anos, eu e Fátima viemos pra São Luís e Terezinha foi pra Cururupu, e daí arrumei marido, arrumei filho e já estou 32 anos aqui.

Eu me formei em pedagogia aqui em São Luís, na década de 90 passei no vestibular. Aproveitei pra estudar.

Eu conheci o meu marido e transferei meu trabalho pra cá, já tinha uma casa pra morar, não sentir dificuldade, já tinha uma estrutura familiar e já tinha emprego, então não sentir dificuldade, foi só uma transferência de cidade.

Você estudou no Dom Bosco?

Não estudei no Dom Bosco. Eu sou bem pra cá.

Eu não participei do Jubileu.

Eu já estudei no Sagrado Coração e logo depois a Escola foi extinta, passei pro Dr. José Pires. Mas aí ficou o pessoal de lá mais antigo, eu me engajei logo, os amigos dos meus irmãos ficaram meus amigos. Os meus irmãos estudaram no Dom Bosco.

Como você chegou à Associação?

Eu fui reclamar uma licença prêmio que eu queria tirar, aí fui onde Paulo Avelar pra ele me orientar, ele me ajudou e me convidou pra Associação

Quanto tempo tu estás na Associação?

Uns 3 a 4 anos que estou na Associação, sou secretária na gestão de Paulo.

Quando ele me convidou, ele me flou do que se tratava, aí então eu me engajei e fiquei, porque eu gosto muito da minha cidade e dos meus conterrâneos, é uma forma da gente se vê e da gente contribuir para a melhoria da cidade, o que a gente quer na verdade é essa melhoria

da cidade que está acabada, então é em prol disso, principalmente pela melhoria da cidade, e o fato de estar juntos com os conterrâneos.

Tu te identificas mais com Cururupu do que com São Luís?

Mais com Cururupu. Eu gosto muito de lá, se bem que eu vou pouco, mas quando eu vou, eu disse pra mamãe, é tão difícil vir aqui, mas depois que tô aqui é tão ruim de voltar pra casa.

APÊNDICE – C Entrevista com o Instituto Negro Cosme

Entrevista com o Instituto Negro Cosme

(Março de 2016)

Qual é o objetivo do Instituto Negro Cosme?

O objetivo que nos norteia, é prestar assistência a cururupuense, cururupuense que vem pra cá, às vezes não tem um recurso, uma assistência, um encaminhamento, a gente pretende prestar essa assessoria, esse auxílio ao cururupuense, até por conta da casa de Cururupu aqui em São Luís, pudesse dar esse suporte pra pessoa que vem adoentada, por uma série de necessidade aqui, é um dos objetivos que nos norteia.

O Instituto Negro Cosme com o propósito de não ficar só aqui em São Luís, mas de congrega cururupuense aqui em São Luís pra fazer alguma coisa em prol de Cururupu. Ou ser essa assistência aqui, ou arrecadar auxílio aqui para distribuir lá para as pessoas carentes. Junto a esse objetivo foi o que iniciou o Instituto. Junto com esse objetivo aconteceu de descobrir o carro de boi, um objeto muito importante historicamente e que poderia ser usado e que poderia ser usado para fazer esse evento, assim, resgatando um pouco da cultura local, resgatando na medida do possível projetando Cururupu talvez nesse evento.

O carro de boi é um meio de transporte que remonta a época colonial, o Instituto tem essa ideia de resgatar essa cultura colonial? Ainda está presente na vida das pessoas?

Tudo começou, porque existia um outro grupo, só que esse grupo era mais carnavalesco, saímos desse grupo e dissemos que montaríamos um outro grupo, mas que não seja a nível de carnaval.

Vamos fazer alguma coisa por Cururupu, que para a maioria das pessoas quando vem de Cururupu pra cá, nem todos voltam pra ajudar Cururupu, fica e até esquece de Cururupu.

Vamos fazer algo por Cururupu, o que a gente pode ajudar? Começamos a montar o grupo. Demos esse nome Negro Cosme pela importância que o Negro Cosme foi pro Maranhão. Então vamos ajudar Cururupu, de que maneira? Primeiro passo foi levar doações pra Cururupu.

A gente quer resgatar a cultura de Cururupu, tudo o que for possível, se eu te der o estatuto tu vais entender melhor o trabalho do instituto.

Aí fomos pra Cururupu, levamos a doação, chegando á em determinado momento, acho que 6h, 5h da manhã, escutou-se o carro de boi cantar e aí a pessoas que foi com a gente perguntou, o que é isso? Ele nunca tinha visto (ele não conhecia, não é de lá), e a gente disse é o carro de boi, aí fizemos o levantamento, tem mais ou menos mil carros de boi em Cururupu.

Convidamos as pessoas que tem carro de boi, falando da importância desse encontro, depois falamos com o padre da igreja de São Benedito para o encontro fosse na Igreja. O padre nos recebeu dizendo que o carro de boi é de São Benedito.

Nos juntamos com a Associação Rio de Pedra - que é uma comunidade remanescente de quilombo -, para nos apoiar. Fazemos dois dias de encontro, sábado e domingo. Sábado é a ação social e domingo é o encontro dos carros com missa campal e tudo.

Qual a intenção do Instituto Negro Cosme em resgatar uma cultura tão antiga, que remonta ao período colonial?

Para nós, simbolicamente, o encontro de carros de boi significa o agradecimento ao lavrador por tudo que ele coloca na nossa mesa. Por que resgatar uma cultura do tempo colonial? É uma questão simples para o negro, não existe um povo sem cultura, se perder essa cultura ele fica sem identidade pra se sustentar. Hoje em dia, a administração pública não dar valor a sustentabilidade de um povo, então é necessário que haja alguma coisa que faça com que eles permaneçam vibrantes e dê continuidade a suas vidas, porque se esperar pelo governo, pelo governante, vai sempre morrer. Mas os cururupuenses são iguais o boneco “João teimoso”, cada vez que sai um governante, o povo se levanta novamente.

A cidade é boa de governar, é pequena, tem muitos recursos, muitas riquezas em todos os sentidos, mas os governantes não tem visão social para que isso venha acontecer e multiplica muito mais a ignorância de fazer as pessoas ficarem mais humilhantes, humilhados pela situação porque não estudou e os governantes só querem ganhar dinheiro em cima dos pobres. Então, justamente por isso a situação da cultura. É importante para qualquer povo, não porque é antigo, mas porque é uma referencia de um povo de onde nasceu. Se ele sair para uma outra localidade e contar sua própria identidade, não existe pessoa, não existe o ser humano sem identidade. É lindo que esteja acontecendo, mas é bom que a gente não deixar que isso venha a morrer.

Você acha que a cultura é uma atividade é atemporal, não tá ligada com o tempo?

Tem a mesma importância, ela é permanente, é uma célula de permanência. O Brasil é conhecido pelo samba, pelo futebol e essas coisas não são novas.

É cabível trazer inovações para a cultura, mas também não é desprezível, condenar manifestações que fazem alusão ao passado, acho que bem trabalhadas são bem aproveitáveis e colaboram muito para a valorização realmente da sua identidade. E isso valoriza a cidade e a cultura. Bem trabalho agrega valores.

Entrevista com Demeson Monteiro

(Março de 2016)

- 1) Qual o seu nome completo? Demeson Rodrigues Monteiro
- 2) Qual a sua formação? Estudei até a 8ª série
- 3) Em que ano você saiu de Cururupu? Em 2012
- 4) Por que você saiu de Cururupu? Vim procurar serviço, estava desempregado, lá em Cururupu não tem serviço pra gente
- 5) Você teve alguma dificuldade quando chegou aqui? Sim, não foi fácil encontrar serviço, trabalho na construção civil.
- 6) Você pretende voltar para Cururupu? Estou em dúvida, porque lá eu tenho casa, mas não tenho serviço. Acho que pra morar não. Só pra passear.

Entrevista com Taise

(Março de 2016)

- 1) Qual o seu nome completo? Taise Costa Rabelo
- 2) Qual sua idade e formação? Tenho 18 anos e terminei o Ensino Médio em 2015
- 3) Quando você saiu de Cururupu? Em 2016.
- 4) Qual o motivo que te fez sair de Cururupu? Vim para estudar e trabalhar, lá não tem opção nem de emprego nem de estudo.
- 5) Você pensa em voltar para Cururupu? Sim, após me formar.
- 6) Você já está na faculdade? Ainda não, mas vou entrar esse ano.
- 7) Seus pais moram aqui, ou moram em Cururupu? Minha mora lá, sou órfã de pai.

- 8) Com quem você mora aqui? Com o meu irmão
- 9) Vocês vieram juntos? Não. Meu irmão veio primeiro, arrumou emprego e alugou casa e depois mandou me buscar.

Entrevista com Nelsita

(Março de 2016)

- 1) Qual o teu nome completo? Nelsita Pires Cruz.
- 2) Qual é a tua idade e formação? Tenho 38 anos e estou cursando o 3º período de Pedagogia.
- 3) Quando você saiu de Cururupu? Sair em 2015
- 4) Qual o motivo da sua saída? Vim em busca de estudo e trabalho ao mesmo tempo, de novas oportunidades, coisa que no interior no momento não está tendo.
- 5) Quando você se formar você vai voltar? Não pretendo, até porque tenho meus filhos que também quero que eles tenham a mesma oportunidade de estudar e buscar novos conhecimentos. Vontade tenho de voltar, porque acho que ninguém ama mais a minha cidade do que eu, mas isso é coisa para o futuro. Em Cururupu não tem muitas oportunidades para os jovens.

Entrevista com Késsia

(Março de 2016)

- 1) Qual o seu nome completo e sua formação? Késsia Nogueira Coimbra Frazão tenho 32 anos e sou formada em Gestão em Recursos Humanos.
- 2) Você nasceu em Cururupu ou Aqui em São Luís? Nasci em Cururupu, e vim de lá com dois anos de idade.
- 3) Com que frequência você vai aos eventos e reuniões da Afac? Não. Vou às reuniões da Afac, só vou às festas, na junina e na confraternização de final de ano.
- 4) Você vai sempre a Cururupu? Vou duas vezes por ano. Só vou porque tenho parentes lá.

ANEXOS



Evento realizado pela AFAC/Cururupu – MA. Fonte: a autora



Evento da AFAC/Cururupu – MA. Fala do Presidente: Fonte: a autora.



Evento realizado pela AFAC/ Cururupu – MA: Fonte: a autora.



Formandos do Colégio Dom Bosco, 1965. Arquivo: Paróquia de São João, Cururupu – Ma.



Área interna da casa Paroquial/Cururupu. Fonte: a autora.



Prédio do antigo Convento das Freiras/ Cururupu-MA. Fonte: a autora.

GINÁSIO COMERCIAL DOM BOSCO
Cururupu - Maranhão

Cururupu-Ma., 30 de dezembro de 1964 .

Ilmo. Sr.

Dr. José Ribamar Seguin

DD. Presidente da Comissão de Assistência Educacional

S. Luís - Maranhão

Passamos às mãos de V.Sa. a relação dos alunos candidatos à Bolsa de Estudo para as quatro séries do Ginásio Comercial "Dom Bosco", em Cururupu, neste Estado. *de 1965 e para os concluintes de 1964*

Informamos ainda que, *incluimos* as provas escritas de Português e Matemática da 1ª série, ~~foram realizadas~~ no mês de novembro.

Nestes Termos

P. Deferimento

Pe. Gilles Archambeault.
Pe. Gilles Archambeault, Diretor